THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

Class

Book

2529
4333

209

DONA BRANCA

Almeida Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, 1. visconde de.

POEMA

EM DEZ CANTOS

DE

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO

VISCONDE

D'ALMEIDA GARRETT

PORTO ALEGRE

A EXPENSAS DE H. L. STRECCIUS

1859

PQ 9261
A575 J7
1859

387270
'29

AMK 21537
REE 25 Mn 42

PROLOGO.

DA SEGUNDA EDIÇÃO

Publicando ésta nova edição de dona branca, a primeira que se faz em Portugal depois de umas quantas francezas e brazileiras, pareceu-me dever pôr aqui alguma memória, tanto da primeira composição do poema, como da presente fórma com que hoje se reproduz.

E consintam-me, antes de tudo, o desabafo de dizer que nenhum homem ainda fugiu tanto ao seu destino como eu; nenhum porém foi tão perseguido do «inevitabile fatum» que me não deixou. De criança me tentaram e namoraram as Musas, e de criança lhes resisti sempre, com mais severo pudor do que o casto José, deixando-lhe por vezes nas mãos lascivas a capa virginal de minha pudicicia, e fugindo com merito e virtude verdadeira, porque fugia a deleites suspirados, ardentemente desejados de minha alma.

Imberbe ainda, na universidade, macerei os desejos rebeldes com jejuns e cilicios; estudando muito direito romano, teimando no Euclides e no Bezout, fazendo impossi-

veis, e conseguindo, durante cinco annos quasi, affastar de mim a tentação. A maldita mania das comedias particulares que alli apareceu derepente entre os estudantes, o enthusiasmo da revolução de Vinte que me apanhou em flagrante, rodeado de encyclopedistas, de Rousseaus e de Voltaires, deitaram a perder tudo . . . atirei com o gorro por cima da ponte e fiz versos.

Durou-me pouco a imbriaguez d'ésta primeira paixão; porque entrando cedo no mundo e nas agitações politicas, o ocio das recreações litterarias me infadou logo.

Por mais de dois annos as não vi as taes Musas. Mas emigrei; e a solidão, a tristeza, as saudades do exílio me submetteram de

novo a seu imperio. Foi então que fiz a DONA BRANCA; e de então data a lucta constante de minha vida em que, ora triumpho eu e a minha razão occupando-me de coisas graves e uteis quanto posso e me deixam— ora vem o ocio e a descrença politica e me adormecem nos braços das traidoras Dálilas que me tosquiam razo como Sansão, e recaio a fazer litteratura . . . aos Philisteus.

Assim me tentei a fazer a DONA BRANCA ha mais de vinte annos, quando emigrado e criança em paiz estrangeiro; assim me tento agora quando emigrado em minha casa — e homem maduro, que já devia ter mais juizo — a revê-la e aperfeiçoá-la. Mas é fado: repito.

Direi de passagem que as críticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais d'ellas: porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir e achar talvez o que sem ellas não acharia.

Não fallo de certas accusações calumniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigela quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tão recatado, o pobre, que até da infanta D. Branca — uma das mais despejadas «leoas» do seu tempo — fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para accusar o poéta de não respeitar a fama da senhora infanta!

Tinha vontade de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Sancta Egreja Romana, entrou n'estas villanias... Mas Deos lhe perdoe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! Eu sempre fui amigo d'elle, comtudo.(*)

Vamos á presente edição.

Aproveitei este verão que passei no campo, e puz-me a reler a DONA BRANCA, marcando as incorrecções de stylo e as criancices de conceito que lhe fui achando; e vi que para consentir com os editores das minhas obras, que ha muito queriam completá-las com ésta que faltava no mercado,

(*) Suppomos que este § quer alludir a certo artigo que appareceu no *Panorama* sôbre D. Branca. *(N. dos EE.)*

era preciso revolvê-la de alto a baixo. Fazê-lo sem fazer nova obra, era o ponto; e o mais difficil para mim. Resolvi-me porém a começar; e uma vez começado, acabei o trabalho. É o que hoje se publíca.

Dos sette cantos, em que andava mal dividido o poema, fiz dez. Tem poucos centos de versos mais do que tinha; mas o inrêdo e argumento da acção ficou mais claro, e os seus episodios mais ligados. Do stylo tirei muitas voltas de arcahismo forçado que sabiam á reacção philintista em que estava a lingua quando primeiro o compuz. E muitos deixo ainda, em memória de como algum tempo conseguiu passar por obra posthuma do Padre Francisco-Manuel este poe-

meto, que na primeira edição de 1826 trazia no rosto as iniciaes de F. E.: monogramma com que o auctor puerilmente se incobriu por medo das críticas — e do que era um pouco mais sério, a censura armada do paternal govêrno absoluto, que, se já não tinha a inquisição, tinha ainda as suas academias e litteratos a bradar que o Limoeiro e o Caes-do-tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa.

Não se póde negar que era coherente ao menos aquelle paternal govêrno, e que não inganava ninguem.

Cruz-quebrada, Agosto, 1843.

AO PROLOGO

Nota unica.

Conseguiu passar por obra posthuma... pag. XI.

A primeira edição de D. Branca trazia no rosto: — Obra posthuma de F. E. Com éstas iniciaes mysteriosas, com protestação — que aqui transcrevo, como curiosidade litteraria que é—com certa imitação de stylo, ou mais exactamente de linguagem, muitos a tomaram por coisa de Filinto-Elysio: e é a maior lisonja que podiam fazer ao A. Eis-aqui a tal protestação:

«Protesto que todas as expressões de que fui obrigado a servir-me, fadas, incantamentos, etc. são puramente poeticas. Outro-si que ainda quando ataquei algum d'aquelles abusos a que tão propensa é a natureza humana, nunca tive a peccaminosa intenção de desacatar a veneranda crença de nossos paes. Antes foi meu principal fim n'ésta obra mostrar o castigo do vício, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho porfim da virtude e da religião. Se a calúmnia quizer lançar fel, ou a impiedade veneno em minhas ingenuas trovas, desde-já as desminto, e d'ahi lavo minhas mãos. Ésta obra deixo em depósito ao quasi unico amigo que toda a vida tive: só depois de minha morte verá luz pública. Mas comquanto a essa hora já estarei a salvo, no sepulchro, de todas as malevolencias dos homens, desejo comtudo que a memória (se alguma restar) do obscuro auctor d'estes versos, seja bemdita dos bons Portuguezes, dos homens de verdadeira religião e temor de Deos. Nasci, vivi, e não tardarei a morrer, no seio da Egreja Catholica, Apostolica, Romana: a

ella sujeito meu humilde escripto; e se na minima coisa involuntariamente incontrei seus preceitos, do coração me desdigo e retracto.»

F. E.

«N. B. Esta declaração estava autographa em um papel avulso entre a primeira e segunda folha do manuscripto, (esse em lettra que desconheço) o qual recebi de F. E. poucos dias antes de sua morte.» —

O Editor.

CANTO PRIMEIRO

I

Aureos numes d'Ascreu[1], ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
De Venus bella, Venus mãe d'Amores
Brincões, travessos; — do magano Jove,
Que do septimo ceu atraz das môças
Vem andar a correr por este mundo,
Já niveo touro, já dourada chuva,
Já quanto mais lhe apraz; — de Baccho alegre,
Do louro Apollo, e das formosas nove
Castas irmans que nos vergeis do Pindo

Tecem aos sons da lyra eternos carmes;
Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

II

Não rias, bom philosopho Duarte[2],
Da minha conversão, sincera é ella[3]
Disse adeus ás ficções do paganismo,
E christão vate christãos versos faço.
— Irão meus versos ao retiro mystico,
Adonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hãode acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta
O alahude romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra
Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
Imbalar as saudades, e dar folga
Ás âncias d'alma co'as ficções do ingenho

III

«Em hora boa saia a nova espôsa
«Por caminho de flôres! Saia a bella,

«A casta filha de Sion sagrada
«Para os paços magnificos do espôso!
«Choremos nós, que ella se vai, choremos,
«Que nos deixa e se vai: outro rebanho
«A apascentar caminha em prados novos;
«De outras ovelhas cuidará solícita,
«Que não de nós: sua corôa mystica
«Outras mãos tecerão da rosa agreste,
«Do lirio das campinas para a frente
«Da pastora sagrada: o bago sancto
«D'outro redil defenderá a entrada.
«Em hora boa saia a nova espôsa
«Por caminho de flôres! Saia a bella,
«A casta filha de Sion sagrada
«Para os paços magnificos do espôso!»

IV

Aberta estava a porta do mosteiro,
E as virgens do Senhor este cantavam
Hymno de saudosa despedida
Á sua jóven prelada que ora as deixa.
Formosa e em viço de florentes annos
A real Branca, de Lorvão senhora,
Alli despiu do seculo as grandezas
Na solidão do claustro: o nobre Affonso

Viu com lagrymas pias — não de mágoa,
Trocar a linda filha a régia purpura
Pela estamenha austera. Môça e bella
O baculo impunhou, e o regeu digna
De seu sancto mister. A mais subido,
Mais alto grau na hyerarchia a chama
Agora seu avô, essoutro Affonso[4],
O sábio, o imperador, o rei poéta
Que as musas poz no solio co'a virtude
E com ellas reinou, rei cavalheiro,
Poéta portuguez, que em nossa lingua,
Mais estreme da arabiga aspereza,
Mais goda e mais romana, preferia
Suas régias canções cantar do solio.
Como a sangue que é seu, e amada filha
De Beatriz muito amada, lhe queria
O bom do imperador á joven Branca:
Abbadeça a fez d'Holgas; a buscá-la
Vieram seus vassallos; e ora parte
Em pomposo cortèjo a tomar posse
De seus grandes, riquissimos dominios.

V

Cavalleiros cincoenta armados d'aço
Lucidas cotas, duras malhas vestem:

Alva cruz nos broqueis; e alvo pennacho
No elmo brilhante fluctuando ondeia.
Alta a viseira está, mas baixos olhos
O respeito lhes põe; não fita ousada
A vista do guerreiro as virgens sanctas
Que o véo do templo separou do mundo.
Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos téem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão[5]: custou-lh'armados
A entrar assim por terras portuguezas;
Com muito campeão romperam lanças,
E em pontes e castellos de senhores
Houveram que brigar; nem lhes valeram
Salvos-conductos do valente Affonso,
Que o Portuguez cioso não tolera
O rival Castelhano em terra sua.
Mas passaram alfim, e a sua bella,
Real senhora levam. Já fluctua
O pendão branco ao vento matutino,
Dá signal o clarim, viseiras descem,
Lança em punho. — Alva mula, ajaezada
Com ricos pannos de ouro e finas telas,
Monta a formosa infante acompanhada
De suas donas. Soeiro e Lopo a seguem;
Soeiro e Lopo, venerandos padres,

Digno exemplar em lettras e virtudes
Dos filhos de Bernardo; a consciencia
Têem a seu cargo da gentil princeza;
E bulla especial do sancto padre
Para acudir ao caso mais difficil,
D'estes de exame, d'estes que faziam
Ao proprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga[6] lhe mettêra o dente.
Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios[7],
E a Galeno e Averroes deu sota e basto,
Em gorda, russa mula, — e não de physico,
De nedea que é — pesado de aphorismos,
Grave caminha juncto aos reverendos.
Nuno, valente e guapo borda-d'agua,
Taful de escaramuças e ciladas
Contra arraianos, do Leonez e Moiro
Temido como duende que os persegue,
Nuno, mancebo experto, e cavalleiro
De nobres partes, por elrei mandado
Á infante fôra a acompanhá-la a Holgas,
Como escudeiro seu. — «Tão bello pagem
«A senhora tão môça não cumpria,»
Rosnava lá comsigo frei Soeiro;
Mas o mal que lhe quer, pelo respeito

De quem o manda, declarar não ousa.
Seguem mordomos, escudeiros, moços,
Que, uns duzentos ao todo, cavalgando
Vão em marcha vistosa ás margens lindas
Do suavissimo e placido Mondego.

VI

Raro é o véo, alva a touca; e transparecem,
Pelo véo raro e pela touca alvissima,
As tranças louras como o sol que nasce
Detraz do outeiro, como os raios d'elle
Luzem quando ligeira os cobre nuvem
Diaphana no ceu. Quem hade os olhos
Debuxar! Como o azul do firmamento
Em noite pura? — Não, que são mais lindos.
Como a saphyra em relicario sancto
Á luz das tochas, adorada emtôrno
Em devota funcção? — Ah! que outro brilho,
Outra luz téem; e a devoção que inspiram,
— Bentas reliquias, perdoae-me o verso —
É mais fervente. Oh! sahem d'esses olhos
Languido-azues umas suaves chammas,
Um quasi effluvio d'alma, que transpira,
Que vem do coração, que doce mana,
E o ar, e o peito que o respira, imbebe.

Seio... imagine-o amor c'o ôlho atrevido
Do perspicaz desejo. Amor... que disse!
Amor! virgem do altar não sabe amores.
Longe, atrevido cubiçar profano;
É vedado esse pomo: ai do que o toca!
Vela o espôso do ceu, ao ceu pertence,
Admire-o a terra; mas além é crime
Passar da admiração. Branca, a formosa,
A linda Branca, sangue real d'Affonso,
Tão bella, tão gentil, fez de suas graças,
De seus incantos sacrificio ás aras.

VII

Leda caminha a nobre comitiva;
Mas o sol, que declina, lhe poz termo
Ao viajar: fadiga sente a joven
Princeza a tanto andar não costumada.
É mister de buscar poisada commoda
Para a noite.—Onde? a luz já vai mingando;
Nem tarda o manto a se cubrir das trevas
Orpham do dia o ceu. Dobrar o passo,
Que a poucas leguas jaz convento rico
De monges negros[8].
—«Monges negros!» disse
Frei Soeiro com gesto de desprèzo:

«Pernoitar Sua Alteza em tal mosteiro!
Senhora, grande sancto foi san' Bento,
(Meu padre san' Bernardo me perdoe!)
Mas para tão fidalga companhia,
Para vós, real senhora, sôbretudo,
Dos monges brancos honra, flôr e nata,
Tal poisada buscar!.. De nossa regra
O mais sancto preceito e veneravel,
Querereis infringi-lo? Antes mil vezes
Os votos todos tres. E Vossa Alteza
Me desculpe, porém uma só noite
Sem o cumprir!.. Não chega a tanto a bulla
Do sanctissimo padre: eu por mim digo,
E frei Lopo, que ahi 'stá, que me desminta;
Mas absolver não posso esse peccado.»

VIII

«Que é, padre mestre?» disse a infanta: «eu tremo
De vos ouvir. Antes aqui na terra
Dura dormir, e ao relento frio,
Que tamanho peccado commettermos.
Porém qual é, dizei-me, esse peccado,
E que regra da ordem nos prohibe
De ir poisar ao mosteiro de san' Bento?
Téem esses padres fama de virtude;

E não sei que lhes falta...»
— «O que lhes falta?»
Bradou com voz austera e tão medonha
Frei Soeiro, que a princeza de aterrada
Estremeceu na sella... e se não fôra
O pagem que lhe accode a segurá-la,
Da excommunhão, que viu sôbre a cabeça,
Fulminada cahíra...
— «O que lhes falta?»
Repetiu, sem curar do mal que a afflige,
O abstinente bernardo infurecido:
«O que lhes falta? o quê?.. falta a *Tremenda*[9].»

IX

Riramos hoje nós, degenerados,
Tibios fieis, da emphatica resposta
Do rigido Soeiro; e tal magano
Haveria de spirito philosopho,
Que impio mofasse do zeloso padre,
E lhe ousasse dizer: «Fóra, bernardo!»
Porém n'aquelles tempos de fé viva,
Em que ao mais leve incredulo respiro
Tremenda excommunhão tapava a bôcca,
E em caso de mais polpa, um bom milagre[10]...
—Tempo sancto, que nós não mais veremos;

Maldicta seja a ruim philosophia! —
N'aquelles tempos de saudosa historia,
Que responder a um reverendo padre
Confessor, — confessor de Sua Alteza?

X

Indecisa parou a comitiva;
E, os olhos fitos nos dois sanctos filhos
De san' Bernardo, moços, escudeiros,
Cavalleiros, a propria infante, aguardam
A decisão do caso de consciencia,
Que porventura a todos os condemna
A dormir ao relento, e mais sem ceia.

XI

Sem ceiar! — Este negro pensamento
D'azas pesadas esvoaça n'alma
Ao theologo austero, anda, desanda,
Com todas as ideias se lhe intrava;
E a qualquer solução, que lhe desponta
No difficil problema, este se aggrega
Corolario fatal: sem ceia! — Á parte
Os dois graves juizes se retiram
A conferenciar, e a voz primeira

Que unisonos soltaram foi: «Sem ceia!»
— «Sem ceia, padre mestre!»
— «E sem Tremenda,
Carissimo!»
— «Assim é; porém mais vale
Pouco que nada.»
— «E a regra?»
— «A regra... O caso
Intrincado é.»
— «E tão arduo, que o não viram
Egual ainda os casuistas todos.»
— «Caso é este, meu padre, que um capítulo
Não viera a cabo em decidi-lo ao justo.»
— «Capítulo, dizeis!... A ser eu papa,
A concílio chamára a christandade:
E nem assim.»
— «Mas, padre, se mandassemos
Alguem adeante a ver se concertava
O caso co'esses negros monges? Negros
Sejam elles!»
— «Que raio de luz esse!
Inspirou-vos o ceu, ou san' Bernardo.
Sim, padre, sim, vá vossa charidade,
E convenha com elles sôbre o modo
De se cumprir a nossa sancta regra.

Nós iremos emtanto a passo lento
Té que resposta da missão nos venha.»

XII

Assim se decidiu o grave caso
De consciencia; e assim a Deus prouvera
Se decidissem todos. — Deu d'esporas
Á nedea mula o sábio conselheiro;
E informada a princeza e seu cortejo
De accordam tão prudente, a passo tomam
O caminho do proximo convento.

XIII

Levam tempo disputas, e as fradescas
Mais que nenhuma. Escassa a luz incerta
Do crepusculo tenue, dubias côres
Ao vecejar dos campos dava ainda,
Ao lourejo das messes, e ao verde-alvo
Dos ferteis olivaes que a estrada bordam.
Por entre elles ao longo ao longo infiados,
Ia a abbacial cohorte caminhando;
E na vasta planicie, onde começam
A pesar raras as nocturnas sombras,
Os olhos com delicia se estendiam.
Fecha a maga, saudosa perspectiva

Ao cabo lá, cerrada cordilheira
De outeiros, cujo verde tachonado
Co'a pallidez das urzes que desmaiam
No ardor do Sirio, ainda o véo das trevas
Permitte distinguir. Um só mais calvo,
Negro e todo de solido granito
N'esse animado quadro parecia
Em scena tão vivaz quasi squeleto
De monte, e contraposta imagem funebre
Da morte, a tanto luxo e flôr de vida.
Como atahude egypcio que entre os brindes[11]
E prazer dos festins vem travar gostos
Co'a lembrança—terrivel!— do futuro.

XIV

Escarpado de agudas penedias,
Isolado, só, arido, e de pontas
De vivo seixo agudas eriçado
Estava o cêrro : como em mar d'areias,
Insoluvel theorema a sábios, se ergue
A obra dos Pharaós. — Iam vagando
Pelo variado aspeito d'este quadro
Os olhos dos viandantes . . . quando subito
No alto do escuro monte uma luz clara
Surdiu, desapparece, outra vez brilha,

E some-se . . . a luzir volve tranquilla:
Como um fanal que em costa mal segura
Ao prudente baixel do p'rigo avisa.

XV

Maravilhou a todos o spectaculo
Inesperado: a timorata infante
Cuida já ver de Moiras incantadas,
De feiticeiras más, de lobishomes
Toda a caterva em pêso a vir sôbre ella;
E não ousava rezar baixo o credo,
Nem *vade retro, Satana!* que dizem
Nem sempre coisas más se vão com rezas,
E ás vezes é peior, porque se assanham.

XVI

«Que será?» disse emfim um rumor surdo
De vozes dos que trémulos pararam,
E observam com terror a luz estranha.
— «Deus nos acuda!» baixo diz a infante.
— «E o padre san' Bernardo antes de tudo:»
Frei Soeiro emendou.
— «Certo me espanta,
Volve dom Nuno, o pagem da princeza:
«Certo me espanta este signal estranho,

Que por velas[12] de Moiros o tomára
N'outra paragem. Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio[13], que os deixasse
Passar do Algarve aqui. Afé vos digo
Que este é o proprio signal que usa em seu campo
Aben-Afan.»
— «Aben-Afan!» repetem
Em côro a comitiva espavorida
Com frigido terror. O mais tremendo,
E mais temido, acerrimo inimigo
Que tinha Portugal, era esse Moiro
Pelos tempos d'então. Valente, ousado
Era elle, e senhor de grandes terras:
Todo o Algarve d'aquem o reconhece
Como a principe e rei temido e alto.
Suas galés innumeras infestam
Entre as columnas d'Hercules os máres.
Emvão com seus ardidos cavalleiros
Dom Paio, o mestre de Sanctiago o aperta:
Que do queimado Algarve nos castellos,
Firmes inda nas lanças musulmanas,
Profanas luas brilham. — Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano
D'emtôrno ás sanctas Quinas se junctaram?
Como a nobre Tavira abriu suas portas

Ao portuguez? Como ao singelo titulo [14]
De rei de Portugal o augmento veiu
D'aquem e d'além mar, que outros tão nobres
Trouxe depois? . . Já nobres, tristes hoje
Que só memórias tristes nos recordam
Do tão caro ganhado, e tão barato
Perdido . . .

XVII

— «Moiros são, dizeis, dom Nuno?»
Ao seu pagem a infante perguntava.
— «Real senhora, talvez não . . . É certo
Que este signal . . . Mas . . . »
— «E que monte é aquelle
Tão negro onde elle está?»
— «É o Monteagudo,
Senhora, nomeado n'estes sitios
Pelo seu ermitão que alli vivia
Inda ha pouco, e não sei se é morto ou vivo;
Mas ha bem tempo que o seu branco alforge
Não tem vindo a pedir pelas aldeias
Como vinha antes sempre : e eram disputas
A quem mais lh'o encheria entre as cachopas
E lavradeiras todas d'estas terras.
Téem-lhe uma devoção . . .»

— «Não me recordo
De o vèr: e aqui tão perto do mosteiro
Lá iria alguma vez. Como se chama?»
— «Hugo . . . Frei Hugo é: e contam d'elle
Historias de pasmar; de que foi Moiro
Ou com Moiros vivêra largos annos
No Algarve; e era parente ou grande amigo
De um Garcia Rodrigues que lá anda,
Mercador muito rico e nomeado,
Homem de prol porcerto e christão velho.
Mas Frei Hugo não sei . . .»
— «Poisquê? . .»
— «É fama
Que a rainha do Algarve, ésta que é morta,
A mãe de Aben-Afan, a convertêra
Frei Hugo á fé de Christo, e que a princeza
Oriana á nascença baptisada
Fôra logo . . . mas dizem . . . É uma historia . . .»
— «Que eu quero saber, que me interessa.
Dizem o quê?»
— Que a tal rainha moira
Tinha uns feitiços e uns taes olhos negros,
Que o frade, com ser frade . . .»
— «Basta, basta:
Parece-me que sei já toda a historia.»

— «Pois sim. E que d'ahi, arrependido
Quando lhe ella morreu, veiu a estes sitios
Em vez de ir ao convento, e em Monteagudo
Fez essa ermida, e em cruas penitencias
De cilicio e jejuns consome a vida.»
— Coitado! Deus se doia de sua alma!
E agora estou pensando que me lembra
De ter visto em Lorvão, na nossa egreja
Um ermitão rezando tão contrito,
Tão devoto. Quem sabe se era elle?
Mas se é morto, dizeis . . .»
— «Talvez não seja.»
— «Ou seria sua alma que ande em penas...
Frei Lopo, dir-me-heis tres missas negras
Por uma alma que está no purgatorio
E eu quero despenar . . .»

XVIII

Mal proferíra
As piedosas palavras a princeza,
Surde, como visão de spectro ou sombra,
D'armas negras armado um cavalleiro
E em corcel tambem negro — quaes os rege
A noite em carro d'evano. Passando,

Atravessou impavido as fileiras
Dos Castelhanos, que tomados subito,
Como d'espasmo frio, nem ousaram
A fazer-lhe a pergunta costumada
De «*Por quem, cavalleiro?*» [15] — Ia já longe,
Quando acordados a bradar começam:
«*Porquem, porquem?*»—Mas elle, sem volver-se
Nem apressar o passo majestoso,
Em portuguez tornou: «Real, real
Por branca rosa, flôr de Portugal!»
Deu d'esporas, e a rapido galope
Despareceu. Tranquillos foram todos
Co'a resposta, e contentes — que d'amigo,
Certo era: só dom Nuno lá dizia
Entre dentes baixinho: «Amigo!... Embora.
Porém, afé, cavallo e cavalleiro,
Tão Christãos elles são, como eu sou Moiro.»

XIX

Andando vão caminho do mosteiro,
E andando a noite mais e mais desdobra
Seu véo negro d'estrèllas recamado.
Que, ausente, a lua sós no ceu deixava
Alvas brilhar. — Qual o festivo bando

De donzellas louçans no prado á sôlta
Em horas de recreio, e longe d'olhos
Sempre álerta, ligeiras danças formam,
Travam jogos brincões; surri-lh'o esmalte
Do campo, e as flôres tão gentis como ellas.

XX

Mas já cuidoso o rigido Soeiro
Co'a delonga do enviado reverendo,
Começa de assombrar-se-lhe a consciencia
Na ideia de quebrar o mandamento
Cardeal dos preceitos bernardescos.
Já entre a comitiva mal disposta
A acceder aos escrupulos do frade
Murmuravam alguns; e só continha
O respeito da infante, que assanhada
Não rompesse a questão entre os dois maximos
Podêres que este mundo entre si regem...

XXI

Eia! cobrae alento, ânimos fortes,
Que, vêdes, Lopo traz a medicina
Para escrupulos, fomes, e temores

De mal passadas noites, magras ceias
E o mais que agora em vossas almas pesa,
— «Tremenda, padre; e viva san' Bernardo!»
Gritava já de longe, esbaforido
Do galope em que vem.—«Viva a tremenda!»
Soeiro volve; e vivas lhe respondem
Da companhia alegre co'a mensagem.
Dobra-se o passo; cada qual se apressa,
Com olhos e alma no tinello[15a] bento.
Branca, a formosa Branca de annos tenros
Á tutoria monachal affeita,
E sem vontade sua onde é senhora,
Vai onde a levam, e rezando sempre,
Começa uma novena e tres rosarios
Que nos p'rigos da estrada promettêra
A não sei quantos sanctos milagrosos,
Se á poisada ésta noite a salvo chega.

XXII

Correi, correi, ó nobres cavalleiros,
Correi, correi; san' Bento vos espera
Com farta ceia e regaladas camas.

Porém, como os escrupulos cessaram
Do rigido Soeiro? como pôde
O destro enviado congraçar diff'renças
De monges brancos e de negros monges?
— Facil não foi; travada houve disputa;
E a não ser o abbade, homem prudente,
Que o bago regedor metteu em meio
Da renhida contenda, hoje ao sereno
Ficáras, linda Branca delicada;
E de tuas faces as purpureas rosas
Ámanhan desbotadas não dariam
Inveja e zelos aos rubis da aurora.
Esses olhos tão puros, d'onde mana
Doce arroio de luz celeste e meiga,
Olhos, por quem amor déra o seu throno,
Déra um ceu de prazer e de ventura,
Se outro ceu, se outro amor já não tomára
Para si todo, todo esse thesoiro;
Esses olhos pesados do relento,
Morna a luz, sem fulgor, do novo dia
Não brilhariam matutinos raios:
Qual sóe brilhar no ceu a estrêlla d'alva,
Precursora do sol — tão radiante,
Tão majestosa não, porém mais bella.

XXIII

Eis os repiques nas sonoras grympas;
Eis as tochas, e os canticos: — «Bem vinda
«A filha de Sion, bem vinda seja
«A progenie dos reis, a casta espôsa
«Eleita do Senhor. São os seus olhos
«Como os da pomba quando em terno arrulho
«Anceia...» — Os padres bentos o cantavam,
Não sou eu que o inventei: — e outras mais coisas
Excitantes imagens das delicias
Conjugaes d'alma: hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos.[16]

CANTO SEGUNDO

I

Oh formosura! oh doce incanto d'olhos,
Inlèvo d'alma, paraquè no mundo
Te debuxou a mão da natureza?
Que vieste fazer do ceu á terra
Ornato de anjos, divinal revérbero
Da face do Creador? — A luz da estrèlla
No firmamento azul, o alvor da lua
Frouxo-brilhante, e bello como a face
Da virgem que suspira por amores
Vagos, que em peito infante lhe despontam;
O surrir meigo da rosada aurora

Que vem o dia annunciar com flôres
Roxas, colhidas nos jardins do oriente;
E o sol, orbe de luz no ceu, radiante,
Olho, imagem de Deus, clarão e vida,
Ser, existencia propagando eterno
Por innumeros orbes suspendidos
No espaço . . . oh! formosuras são condignas
Do edificio magnífico do mundo.
De taes incantos adornou sua obra
A mão que tudo fez. — A majestosa
Architectura do orbe foi traçada
Assim, n'um grande rasgo de belleza
Simples, sublime e grave como a ideia
Que o concebeu no seio á eternidade.

II

Mas, homem, tu miserrimo dos entes
Que se arrastam no espaço circumscripto
De um dos minimos globos do Universo,
Insecto de um só dia, que nasceste,
Para continuar o élo da vida
Na cadeia dos seres! . . . que apontaste
N'um angulo da scena resplendente
Para vê-la, e... morrer; homem, quem póde

Comprehender teu fado mysterioso
Nos destinos do mundo! E como aprouve
Á natureza — liberal, e avara
Comtigo, já mesquinha, generosa,
Já rica em dons, já pobre em faculdades,
Que te deu, te negou, e assim te ha feito
O mais raro phenomeno da terra,
Incomprehensivel, unico—homem, como
D'ésta sorte lhe aprouve á natureza
De ajunctar em teu rosto a formosura
Toda pelo Universo repartida!
Como tu, vidro obscuro e quebradiço,
Em ti só concentraste o prisma inteiro
Das bellezas no mundo repartidas!
Ou zombas d'elle, ou alto é teu segredo
Acèrca do homem, creadora Essencia.

III

E então da especie na porção mais debil,
Mais fragil foi cair todo esse raio
De formosura! Então para compendio
De bellezas e incantos, escolhida,
Foi a mulher! — De quem o cofre rico
De mimos e de graças, confiaram!

Nossos prazeres todos, nossos gostos,
Consolações, allívio em mágoa, amparo
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:
Concéde-los tu só, ou no-los negas.
Negas, e quantas vezes! — Mas tyrannos
Não somos nós, injustos, oppressores?
De quantas privações, de quaes tormentos
Lhe não travamos duros a existencia!
Que sordidos harens, que vis eunuchos
Tem o Oriente, sepulchros tristes de oiro,
Onde geme a virtude, e amor corrido
Cede a brutal desejo o faxo e a venda!
— Culpas, Europa, o Musulmano barbaro?
E os teus carceres negros e traidores,
Onde á innocencia candida, á piedade
Arma perfido bonzo o laço astuto,
Laço, que, eterno, a vida, os gósos d'ella,
A ventura, o prazer d'um nó separa?[17]
Corta sem dó — crueis! — e até cerceia
O derradeiro bem d'um desgraçado,
A esperança? — Esperança! nem um viso,
Nem um só raio seu penetra os ferros
Da escravidão que só tem fim co'a vida;
Nem um só raio seu vai bemfazejo

Aquentar corações gelados, mortos!
Mortos, mas palpitando no sepulchro,
A que baixaram vivos. — Homem barbaro,
Ingrato e desleal, qual é seu crime?

IV

Escrupulos, adrede fomentados
Por ignorancia interesseira e baixa,
Quanta victima cega hão conduzido
Ao altar profanado de holocaustos
Tão sanguinarios, crus! A patria, amigos,
Casa paterna, maternaes caricias,
Doces futuros d'um espôso amavel,
De meigos filhos, sanctos gósos d'alma,
Dados de Deus — e tudo abandonado
Pela impia crença de que a Deus não prazem,
Que impureza os deturpa, o vício os mancha,
E só do claustro para o ceu ha estrada.
Dogma fatal, perverso, injurioso
Á divindade! — Oh! victima innocente,
Formosa Branca, de tal èrro foste.
Devota, pia, timorata e fraca,
Temeste o mundo, escolho de virtude,
E, sem o conhecer, fugiste o mundo.

Pr'igos, cachopos tem o mar da vida,
Tredos baixos, procellas tempestuosas:
Mas o nauta que timido largasse
O baixel que o conduz á patria cara,
E dos riscos das ondas aterrado
Fôsse em algoso, ingreme cachopo,
Só, no meio dos máres acolher-se,
Onde nem doce esp'rança d'almo pôrto,
Nem confôrto da vida, nem uns longes
De melhor sorte, mas só èrmo triste,
Mas só a vasta solidão do oceano . . .
Prudente o chamarias?—Ai virtude,
Que homens, que leis dos homens te conhecem?

V

Trazei, filhos de Bento, as succulentas,
Largas postas do nitido cevado;[18]
Correi devotamente ao dormitorio,
E em grosso pingue de toucinho gordo
Me affogae os escrupulos bernardos.
—Foi lauta a ceia e vasta: perus trinta,
Por cabeça os leitões, adens sem conto.
Não manjares opiparos, não brandas
Delicadezas d'exquisito gôsto,

Mas fartura, abundancia illimitada
Á portugueza velha. — Comeu pouco,
De extenuada, a mui formosa infante;
Mas por ella e por si, por um convento
Comeram os dois padres confessores.
Nem tu, mestre Gilvaz, em tal apêrto
De tentações, podeste recordar-te
Do fatal *omnis indigestio mala:*
Texto que em teu systema te confunde,
Unico em toda a vasta medicina,
Que interpretá-lo bem não conseguiram
Tuas doutas vigilias. — Já repletos
Com tão frugal repasto ao leito foram,
E no primeiro somno em paz descançam.

VI

E ora de cruz alçada, e ceruf'rarios,
Em procissão coristas se incaminham
Com ingente marmita ao dormitorio
Onde jazem os hóspedes bernardos.
Supinos jazem, e jazendo roncam,
Mas ao devoto cheiro da *tremenda,*
E ao conhecido canto acordam presto.
E assim a procissão andando intoava:

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

UMA VOZ

Macerae essa carne rebelde
Co' este gordo, tremendo boccado;
Sonhos maus, tentações do demonio,
Fique tudo em toucinho affogado.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que ésta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

OUTRA VOZ

Louvor seja ao glorioso Bernardo,
Que tão sancto instituto vos deu:
Sem *tremenda* quem póde salvar-se?
Com *tremenda* ninguem se perdeu.

CÔRO

Sus, erguei-vos, irmãos, que esta é a hora,
Ésta é a hora tremenda e sagrada:
Vinde, vinde fazer penitencia,
Levantae-vos, que a hora é chegada.

VII

Co' este hymno monachal annunciavam
Os irmãos bentos aos irmãos bernardos
A respeitavel hora da *tremenda:*
Uso antigo, sagrado, inalteravel
De monges brancos, e hoje por não vista
Exemplar tolerancia permittido
Nos claustros pretos, não sem muito escandalo
Dos padres-graves rigidos da ordem,
Que altamente em capítulo altercaram,
Assignaram seu voto em separado,
E protestaram n'acta. Mas o abbade,
Mais tolerante ou mais cortezão que elles,
Relaxou, em respeito da princeza,
A monastica, austera antipathia,
E a liberdade franqueou de culto,
Por ésta noite só, em seus dominios.
— «E que nos faz a nós que os bons bernardos

Comam toucinho, ou não?» argumentava
O philosopho abbade: «ha hi peccado,
Ou offensa de Deus?»—«Quê, padre abbade!»
Torna inflammado em zêlo um reverendo:
«O quê? Indiff'rentismo em taes materias
É dos peccados todos o mais grave.
O que nos faz a nós que comam porco!
Eos Judeus, o que importa que o não comam?
Mas para esses ha boas fogueiras;
E então estes...»—«Basta, padre: á ordem!
Por sancta obediencia vo-lo mando.»
E decidiu-se que a *tremenda* fôsse
Ponctualmente repartida aos hóspedes
Com todo o ritual prescripto e usado
Entre os gordos bernardi-brancos monges.

VIII

A procissão fôra direita á porta
Da abbadessa gentil; mas tão cançada
Se achava de viagem, que impossivel
Lhe era cumprir co' este preceito sancto
Da regra. Meiga voz disse de dentro:
«Dispensae-me hoje, que... não posso.»
—«Como?

Não posso!» brada em cuecas acudindo
Gorda, cachaci-pansuda figura
Que da fronteira cella a correr veiu:
«Não posso! o què? Não chega a tanto a bulla.
Dispensar! Com dispensas vai perdida
A egreja, e as ordens. Dispensar no caso
Mais grave, no preceito mais restricto
De nossa regra! Não, senhora minha:
Heisde tomá-la, ou não sou eu frei Soeiro.»
Et atacava, dizendo, as descozidas
Bragas, que infiou á pressa arrebatado
De zèlo e rigidez.
—«Ésta só noite,
Ésta só por mercê e por piedade»
Volve a sonora voz dentro da cella:
«Todo me doe o corpo fatigado,
Meu sancto patriarcha San' Bernardo,
Bem sabes tu se eu posso!»
—«Embora, embora:
Mais acceita será a penitencia,
Quanto mais custe. Vamos: vossa alteza,
Como prelada que é, deve ao exemplo
Sacrificar seu cómmodo e vontades.
Só assim se mantem a disciplina
Da ordem.»

—«Mas...»
—«Ver-me-hei pois obrigado
A fulminar da excommunhão os raios.»
—«Excommunhão!... não, não: eu abro, eu abro.
Misericordia! Não, reverendissimo,
Oh! não me excommungueis: um porco vivo
Comerei antes... antes.»
Uma idosa,
Bem apessoada dona abriu a porta;
E o rigido Soeiro, inda em cuecas,
Ponderoso facão na dextra impunha,
E em manta enorme atassalhando um naco[19]
Tal, que a só vista d'elle affugentára
Synagogas inteiras, triumphante
Do alto podèr de sua auctoridade,
Com voz solemne e grave pronuncía:
—«Approximae-vos, abbadessa d'Holgas.»
E a timida innocente, a passo lento,
Ao bruto sacrificio se encaminha.
C'os lindos olhos mede o desmedido,
Bronco pedaço que o brutal bernardo
Para bôcca tão breve ousou talhar-lhe;
E c'um gesto de mágoa tão afflicta,
Mas tão formosa, tão incantadora,
Que abríra compaixão em bronzeos peitos,

Peitos de tigres — que não fossem frades,
Á repugnante, injoosa penitencia,
Resignada e humilde se offerece.

IX

Scena era digna do pincel flamengo,
Da natural simpleza ingenuo filho,
Ésta que n'alma agora me debuxa
O acceso imaginar ... Pinta-me o escuro
Fundo do quadro com um longo e funebre,
Escasso-allumiado dormitorio.
Põe-me ahi, do painel na luz primeira
Timida e joven, candida beldade
Com alvas, longas roupas, e o véo alvo
Erguido, que descobre a face angelica,
Onde a amargura — não de paixões vivas
Que o rosto convulsivas desfiguram,
Mas a que o gesto juvenil risonho
Contrai á vista do pedante mestre
Brandindo austero a ferula temida.
Essa, essa angústia da innocencia, altera
A suavidade das feições divinas.
Deante d'ella, a comica figura
Do fradalhão bojudo, incarniçado,

Co'as grossas, curvas e cevadas fórmas
Transparecendo das ligeiras cuecas;
Na mão, tremenda posta de toucinho,
Que rindo amostra com prazer maligno
Á timorata virgem. — Gruppos negros,
Brancos de monges, de diversas côres,
Cavalleiros armados d'armas brancas,
Brancas sobrepelizes de coristas,
Em derredor com arte collocados...
Não fôra, se tal quadro executasse
Não fôra, entre os milhares de prodigios
D'essa eschola immortal, o menos bello.

X

Novo actor no meu quadro — nova, digo,
Figura, pois que fallo a lingua d'arte;
Ou então novo actor, porém na scena:
Mestre Gilvaz, que acode ao arruído,
Despertando d'um sonho affadigado,
Em que se viu, qual Tantalo *inter dapes,*
De pasteis, de perus, de trouxas d'ovos
Cercado em tôrno... e a cada mão que estende,
A cada ávida bôcca que escancára,
Um livido aphorismo em feia fórma

De alado spectro, co'aza de morcego
Lh'o arreda ácinte, e o cança, o atormenta.
Tal o doutor de Sancho, no banquete
Da insula bemdita, sem piedade,
Um depós do outro, os almejados pratos
Ao faminto escudeiro denegava.
— Acordou do terrivel pesadelo,
Á bulha da *tremenda,* e mal lembrado
Da verdadeira causa do alvorôto,
Que a taes deshoras o socêgo quebra
Da habitação monastica, aturdido
Ao sítio corre onde o arruído escuta.

XI

Estavas, linda Branca, n'esse instante
Resignada á injoativa penitencia
Que a teu cebento confessor, tão doce,
Tão deliciosa e branda parecia.
Eis bom messer Gilvaz entra esfregando
As inviscadas palpebras, e rouco,
Bocejando em hiatos tremendissimos,
De rebulicio tanto inquire a causa.
Viu-o a infante, e cobrando em seu desmaio
Um alento de esp'rança, os meigos olhos

Com supplice expressão volve ao galeno;
E — «Mestre Gil, oh! mestre Gil» exclama:
«Valei-me por quem sois. Ai! não, não posso.
Mestre Gil, vós sabeis que fraco eu tenho
O estomago, desde a última doença,
Que aquellas dez garrafas, trinta pilulas,
Tisanas, infusões, purgantes, tonicos,
E não sei que outros mais doutos remedios
Vosso muito saber me receitára.
Ai! acudi-me, senão d'ésta morro.»

XII

Os olhos magistraes de novo esfrega
Inda tonto de somno e mal desperto,
Chega á princeza, e quasi por instincto
Da doutoral natura, a mão estende,
E ao niveo pulso gravemente a applica.
—«Febre» disse: «febricula; está duro,
Intermittente, vivo, e com seu tanto
De... Vejamos a lingua. E de appetite
Como vamos? Funcções segregaticias
Em-regra? Bom: o caso é de importancia,
Mas não de p'rigo: *a historia morbi* é simples,
E a capitulação *tyronum minimo*

Perquam facilis. Pôstoque nos diga
O grande mestre, o sabedor dos sábios:
Ars longa, vita brevis; invertido,
Com o favor de Deus, já muitas vezes,
Tenho o douto aphorismo: vida longa
Com arte breve. E assim heide emendá-lo
Na primeira edição *correctior, auctior:*
Ubi ars brevior, erit longior vita.
E que saiam a campo esses doutores
Da mula russa; a pé firme os espero
C'um syllogismo *em barbara,* outro *ad hominem,*
E tres cornudos, bifidos dilemmas
Que lh' hãode estopetar as cabelleiras,
E fazer comer terra á faculdade.
Ignorantões! heide incová-los.»
—«Vêde
Que é urgente...»
—Se é urgente!... Ah biltres,
Sevandijas de borla, vis insectos!
Pretender insinar-me, a mim, ao mestre
Gilvaz, doutor pela alma academia
De Padua, que tres dias successivos
Sustentei a pé firme as minhas theses,
E esgrimi c'os primeiros disputantes
De Bolonha e París! A mim, birbantes,

A mim!...»E no ardor da dialectica,
Com pés e mãos fallava, e combatia
Imaginarios zoilos, atrevidos,
Petulantes, ignaros aristarchos,
Que, ás lançadas de vivos argumentos,
Desmontava do arção, prostrava em terra
Na escholastica arena estatelados.
Embalde o implora, o chama a gentil Branca,
E a circumstante turba ás gargalhadas
Lhe responde aos somnambulos discursos
Que não intende: mais e mais irado
Lhes torna: «Ignorantões, a mim, birbantes!«
Não esquecendo assim, nem quando em sonhos,
Da faculdade a natural modestia.

XIII

Frei Soeiro, emtanto, co'a *tremenda* em punho,
Insta; Branca suspira, e incara o dóctor;
A fradalhada ri; Gilvaz redobra
De enthusiasmo; o confessor declama;
E em gritaria tal ninguem se intende.
Quando um leigo a correr esbaforido
Vem a gritar: «Misericordia! acudam...

Misericordia! Moiros no convento.»
—«Moiros! repete unisona a caterva;
E os berros de Soeiro, os argumentos
De Gilvaz, as risadas dos coristas,
Tudo parou n'um gelido silencio.
Como n'harpa festiva os sons alegres
Do trovador que feriu setta imiga,
Quando animava co'as canções divinas
As danças dos zagaes no flóreo prado:
Mas o cruel archeiro d'alta tôrre
O mirou certo ao coração, e fria
Pára a mão, que as vibrou, sonoras cordas.

XIV

Moiros!... Com olhos fixos e pasmados,
De susto e medo atonitos se incaram
Uns aos outros, e como que perguntam
Em seu mudo fallar: «O que faremos?»
Dos cavalleiros a mór parte dorme;
E os que velavam co'a funcção nocturna
Da órgia monachal, tomados subito
De terror imprevisto, acovardados,
Sem ânimo, sem fôrça, irresolutos,

Em pavor frio como os outros gelam.
«Que faremos?»—«Ás armas!» gritou Nuno:
«Animo! ás armas, e segui-me todos,
Que eu...»—Não bem proferíra éstas palavras,
Tremendo *Allá* soou pelas abobedas [20]
Agudas do comprido dormitorio,
E os alfanges nas trevas scintillaram
Mal acclaradas das nocturnas lampadas.
Luziram finas pedras nos doirados
Broches d'alvos turbantes.—*Allá* sôa...
E os frades, o doutor e os cavalleiros
Se viram n'um instante sôbre os peitos
Apontadas as duras cimitarras,
Cru terror de Christãos.—Nem um suspiro,
Nem um ai: mãos atraz, e um nó valente
De rijo esparto—Nuno só, que em tanta
Desordem conservou cordura e alma,
Das mãos do frade toma a cruz que guiava
A procissão burlesca, e a golpes vivos
Co'a bandeira da fé a infieis combate.
Sôbre elle alfanges cento a golpes chovem
Lhe descarregam ponderosas hachas,
Mas o intrepido Nuno a um lado e outro
Fere, estrue, defende-se, e derruba
Inerme e só ao Ismaelita armado.

Não lhe comporta o generoso peito
Perder, sem disputar, a liberdade,
E antes a vida, que a honra, barateia.
Caminho se abre entre as cerradas turmas
Das moiriscas espadas... Espantado
De tanto esfôrço, e como que vencido
D'um podèr sup'rior, recúa o Moiro;
E o intrepido mancebo, defendendo-se,
Retirando-se, emfim a escada alcança.
C'um desesp'rado golpe e furibundo
Aterra os que mais proximos o seguem;
A pulos desce, atravessou a crasta, 20ª
—Como sulco de luz na tempestade,
Que as nuvens rasga, e some-se—na cêrca
Entre árvores e o escuro desparece.
—«Deixae-o:» disse entre os infieis um d'elles
Que o nobre ad'man, o rico dos vestidos,
E o respeito que os outros lhe catavam
Seu chefe mostra ser: «quem tão valente
Assim defende a liberdade e a vida,
É digno de as gosar: ninguem o siga.»

XV

Quem é este inimigo generoso,
Que alma tão nobre em peito infiel incerra?
Quem é este guerreiro musulmano,
Quem tão gentil, tão majestoso brilha
Nas picturescas arabes alfaias
Que o talhe heroico, o altivo porte, a graça
Esbelta, de marcial belleza arreiam?
Branca emtôrno da fronte em tresdobradas
Voltas o cinge estofa resplendente
Como a neve nos picos annuviados
Da serra das Estrellas. Puras virgens
A deduziram em lidados fusos,
De Alvor nos verdes plainos, e a teceram
Ao som das namoradas cantilenas
Dos romances do Oriente, que as memórias
Contam d'avós nas terras apartadas,
D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loura virgem.[21]—Incurvadas
Em demi-lunar círculo rebrilham
A esmeralda da côr dos verdes campos
E a saphyra que o azul do ceu reflecte,

E as amethystas roxas como a humilde
Violeta modesta, que se esconde
Do sol creador na flórea primavera.
Olhos negros — tão negros como as tranças
Que, ao destoucar-se, a noite esparze longas
Pelas eburneas costas — vivo lume,
E o fogo da progenie do deserto
Do rosto baço, como tochas, lançam
Accesas no aguçado minarete
Á hora das preces, na mesquita. Baço,
Baço é o rosto — que o sol crestou as faces,
Ha longas gerações, da raça altiva
Dos filhos do êrmo, — porém bello, e cheio
De animada expressão; e o vivo realçam
Carmim das faces crespos fios d'evano,
Que em anneis romanescos lhe dividem
O bem fendido, nítido bigode.
Fórra-lhe o peito cota de aço fino
Intalhada em lavor custoso de oiro.
Longo, pesado e curvo o alfange pende-lhe
Fiel á esquerda: a morte se ha postado
Nos gumes d'esse alfange, e d'ahi colhe
Ampla ceifa de vidas. Quantas lagrymas
De viúvas, d'orphãos n'esses feros gumes

Corrído téem, sem lhe imbotar os fios,
Sem lhe imbacear a lamina brilhante!

XVI

E este era o chefe da infiel cohorte
Que o sancto asylo a profanar se atreve
Da monachal virtude. Prêso o abbade
C'o resto de seus monges que dormiam,
Com os mais castelhanos cavalleiros,
A quem grilhões pesados despertaram
Do brando somno, todos manietados,
Excepto Nuno, quantos habitavam
O mosteiro essa noite malfadada,
Ao vencedor seus campeões os trazem.

XVII

E de ti, linda Branca, de ti, bella,
Mimosa dama tenra e delicada,
Ai! de ti com horror meu canto foge.
Cortada a voz nas cordas do alahude
Teu destino cruel dizer não ousa.
Virgem botão, que ao sol desabrochavas
Em jardim de virtudes, ai! colheu-te

Grosseira mão do salteador dos bosques.
Quem te defenderá? Tua virtude?
Ceus! a candida rosa da innocencia
Faltam-lhe espinhos que do vício a guardem.
Irás, filha de reis, sangue d'Affonso,
Ramo augusto d'essa árvore frondosa
Que germinou nos campos da victoria,
E co'as raizes no sanguento Ourique
Topeta os astros da estrellada esphera,
Irás pois tu, que os thalamos doirados
Dos principes da terra desprezaste,
E repoisavas gemedora pomba
Nivea no seio do celeste amado,
Irás de immundo harem victima abjecta,
A prazeres infames, e ao capricho
De barbaro senhor jazer escrava?

XVIII

Correi, lagrymas tristes, deslaçae-vos
Do coração, onde pesaes tenazes,
Dolorosos soluços; âncias cruas,
Saí, terriveis aperturas d'alma,
Vinde em máres de pranto aos olhos turvos,
Espalhae-vos em nuvens de suspiros,

Desaffogae-lhe o peito comprimido:
Para um só coração é muita mágoa.
—Chora, linda princeza, o teu destino,
Sôbre teus dias malfadados chora;
Essa flôr de belleza, essa virginea
Candura de innocencia... Oh!...
Mas na face
Da real donzella que expressão eu vejo?
É afflicção, é dôr? Não.—Quê! sem medo,
Sem horror incarar o gesto impuro
Do inimigo da fé!—Que olhar tão doce,
Que lhe ella lança! Crêras que um incanto
Acintoso do occulto malandrino
Lhe desvairou o coração e os olhos,
Que aos do Moiro gentil rendidos tendem,
Qual tende, por incognito feitiço,
Do norte ao pólo a namorada agulha.
Não ha surriso nos vermelhos labios,
Não ha meiguice nos brilhantes olhos,
Mas ha não sei que pensamento languido
A ressumbrar de toda essa figura
Angelica, divina, que o desprêzo
Justo, que as sanctas iras não souberam
Onde, em tanta belleza, debuxar-se.
Elle o joven traidor, elle o conhece:

E o que não adivinham cubiçosas
Vistas de gentil moço? o que não sabem
Ler nos de virgem olhos de mancebo?

XIX

Quem se ajoelhou ante a real infante?
O bello Moiro foi. Quem lhe protesta
Respeito e vassallagem? Tu, formoso
Neto de Agar.—Como o escutaste, ó bella
Filha de Affonso?—Murmurando as cordas
Da minha cetra... não, christan vergonha
Não a ousam dizer. As niveas azas
O anjo guardador desprende, e foge
Para o ceu d'onde veiu; a triste nova
Leva ao pastor d'uma perdida ovelha.
Perdida! Sim: á torpe voz do Moiro,
Ás impuras palavras... Branca, a filha
Dos reis da terra, e do celeste espôsa,
Branca surriu, corou... e a surrir volve.
O atrevido imprimiu osculo ardente
Na mão de neve, que se intrega ao beijo,
E—vergonha fatal de ceus e terra!—
Parece no contacto invenenado
Estremecer-lhe co'a impressão lasciva,

E no deleite infando intorpecer-lhe
Alma, sentidos, coração, e a... honra!
—Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suícida applica ás veias; [22]
Tal perde a vida em languido lethargo,
Que, não transe de morte, mas tranquillo
Adormecer de vida, e socegado
Antes dirás repoiso da existencia.

XX

Um brado o Moiro deu: os seus o intendem,
Partem.—Voae, voae, correi ligeiros
Co'a rica joia que levaes roubada;
Correi, que atraz de vós vingança corre.
De exterminio e de morte vejo armadas
Lusas phalanges, denodadas hostes...
—Oh! defende-os, amor: pune-os, virtude.
E que merecem elles?—O castigo.
Mas castigar amor! O ceu tem raios,
E a crime tal nunca os mandou á terra.

CANTO TERCEIRO

I

Que monta a razão frígida, e o pesado
Cálculo de medidos pensamentos
Pela bitola compassada, estreita
D'essa philosophia austera e sècca,
Seva tyranna d'alma que em tão brando
Sonho nos acordou de illusões doces?
Phantasias embora... mas tão lindas,
Tão deleitosas! mas reaes prazeres,
Bens, verdadeiros bens, que os nós gosavamos
E satisfeitos de sonhar dormiamos.

Despertos que incontrámos? Nossos olhos,
Descerrados á luz, que véem, que acharam?

II

Triste realidade da existencia,
Esqueleto da vida descarnado,
Que és tu sem as ficções que a imbellezavam?
Ficaste como a varzea requeimada
Do ardor do muito sol, sem flôr, sem relva,
Arida, feia. Mas o sol é vida,
É a luz creadora do Universo...
Sim; mas nem tanta luz que cegue os olhos,
Nem tanto sol que nos deseque o prado.
Razão, que és d'alma o sol, gyra em nossa alma,
Dá-nos dia e clarão ao pensamento;
Mas de teu carro a ardidos Phaetontes
Nas inexpertas mãos não ponhas redeas:
Tocha que foi de luz, será d'incêndio
Faxo terrivel— e o calor de vida
Labareda volcanica de morte.

III

Oh! magas illusões, oh! contos lindos,
Que ás longas noites de comprido hynverno

Nossos avós felizes intertinheis
Aopé do amigo lar, ao crebro estalo
Da saltante castanha, e appetitoso
Cheiro do grosso lombo, que volvendo
Pinga e rechia sôbre a braza viva!...
Pimponices de andantes cavalleiros
Capazes de brigar c'o mundo em pêso,
Malandrinices de Merlin barbudo,
Travessuras de lepidos duendes,
E vós, fermosas Moiras incantadas,
Na noite de san'João aopé da fonte
Aureas tranças com pentes d'oiro fino [23]
Descuidadas penteando—emquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lucidos anneis de perlas touca...
Oh! magas illusões, porque não posso
Crêr-vos eu co'a fé viva d'outra edade,
Em que de bôcca aberta e sem respiro,
Sem pestanejo um só, de olhos e orelhas
No *Castello* escutava a boa Brigida [24]
Suas longas historias recontando
D'almas brancas trepadas por figueiras,
D'expertas bruxas de unto besuntadas
Já pelas cheminés fazendo vispere,

Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo [25]
Á India de passeio n'uma noite...
E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podêr lh' acaba.

IV

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates, [26]
Nem das outras theogonicas prosapias
De runica ascendencia. As alvas barbas
Do padre Ossian (Macpherson foi seu nome)
Tão prezadas do douto Cesarotti,
Tão favoritas do Alexandre corso,
Não me incantam a mim, não me imbellecam
Como aos outros cantores alamoda
Que a nossos doces climas transplantaram
Esses gelos do norte, esses brilhantes
Caramellos dos topes das montanhas...
Do sol do meiodia aos raios vivos,
Parvos! se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos crystaes, em agua chilra.

V

Em beldades varía a natureza
Pelos paizes do orbe; vária a siga
Em suas fórmas gentís a arte que a imita.
Vês essa dama de doiradas tranças
Nas sempre verdes, arrelvadas margens
Do frígido Tamisa passeiando?
Vês? na mimosa face alva de neve
Transparecem-lhe as rosas, um suspiro
Concentrado no íntimo do peito
Lhe anceia o coração: talvez a morte
Lhe cerceou dos gósos da existencia
A amizade, ou amor n'um caro objecto.
Magoada, mas sem lagrymas,—afflicta,
Mas sem as convulsões que a dôr expressam
No desespêro, no delirio d'alma,
Que só tuas praias véem, teus bosques ouvem,
Vecejante Pamyso, Tejo aurifero,
Manso Guadalquibir e flavo Tybre.
Vê-la? seus olhos côr do ceu resplendem,
Mas como o ceu resplende annuviado
De vapor leve e raro.—Essa belleza
Essa dôr, esses campos, todo o quadro,
Harmonizam co'a propria natureza.

Mas dá que inhabil mão teu painel pinte,
Que os olhos negros, vivos, scintillantes
Da formosura austral lhe désse ignaro;
Que n'esses labios, onde treme a furto
Suffocado soluço, debuxasse
Desaffogada a dôr em pranto acerbo
Em suspiros, gemidos agudissimos
Que vão ferir o ceu com agras queixas;
Que essas tranças tão lindas, que são de oiro,
Sem arte não, mas com singelo allinho
N'alva frente inastradas, lha's tingisse
Da côr que pôz a noite nos ondados
Cabellos das donzellas portuguezas,
E em feições que revelam pouco d'alma,
(Que a alma n'esses paizes regelados
Toda no coração, não vem ás faces)
Expressasse, com arte monstruosa,
As paixões, cujo incêndio em nossos climas
É labareda que scintilla, estala,
E em chamma abrazadora aos ceus se eleva,
Mas nas regiões do norte é fogo lento,
Que amortecido á vista, arde e consume,
Não chammeja, não brilha, mas intenso,
Occulto lavra, e no íntimo devora...
A este meu quadro, *credite Pisones,*

Semelha a parte maxima dos quadros
Que assoalham por hi trovistas mores
N'essa feira da ladra de consoantes,
Que não incaixam cavallar pescoço
Em humana cabeça, mas caveira
Burrical orelhuda em corpo d'homem.

VI

E eu em críticas, eu poéta humilde,
Cujo ignorado nome á sombra dorme
Do nada protector a que me abrigo,
Que não tenho, não quero, não procuro
Nem Mecenas a quem dedicar odes,
Nem Augustos de quem *pechinchar* tenças,
A dar preceitos eu!... Perdão vos peço,
Laureados habitantes d'esse monte,
Onde c'o vosso Pegaso, irmão d'armas,
(Armas terriveis que jogaes tão mestres!)
Pela divina relva andaes pastando,
E á sacra fonte ides beber com elle:
Perdoae-me, que eu volto ao meu assumpto,
E a cavallos e a vós, e á mais companha
Quadrupedante deixo em paz no Pindo;
Em paz—e ás moscas—que assim vai o mundo.

VII

Vivam as fadas, seus incantos vivam!
Nossas lindas ficções, nossa ingenhosa
Mythologia nacional e propria
Tome emfim o logar que lhe usurparam
Na lusitana antiga poesia
De suas vivas feições, de sua ingenua
Natural formosura despojada
Por gregos deuses, por espectros druídicos,
E com postiças, imprestadas galas
Arreada sem primor, rica sem arte.

VIII

Qual a innocente virgem das florestas,
Que as lindas tranças de grinalda simples
Da musqueta selvagem adornava,
Bella, tão bella como a luz que nasce
Alva no arraiar d'um puro dia
Do flóreo Abril; se habitador ocioso,
De corrupta cidade em tal brancura
De singeleza pôz nódoa de vício,
E maculou c'o halito pestifero
Esse lirio que foi glória do prado,

Então brocados, então pannos d'oiro,
Bordadas telas, cortezãos donnaires,
Pelo perdido ornato da innocencia,
Se esforçam—preço vil!—de lh'os dar novos.
Mas ah! sob essa pompa os não affeitos
Membros definham, e nas faces pallidas
Arrebique impostor não suppre a rosa,
Nem os diamantes, que na frente brilham,
Imprestam luz aos olhos 'mortecidos.

IX

Mas se ha paiz, se ha clima onde pareçam
As illusões de nossa prisca edade
Reaes nascer da propria natureza,
E co'a verdade unir-se tão estreitas,
Que as não distinguirás,—teus verdes bosques,
Teus palmares, teus aridos desertos,
Tuas rocas ermas, tuas sós areias,
Áquem, além de varzeas que vecejam,
De crystallinas aguas marchetadas,
Ardente Algarve, são: tu, não cantado
Téqui de nossos vates, em meus versos
Não insensiveis ás bellezas tuas,
Verás por ti um brado erguer-se á fama.

X

No mar que Europa de Africa divide,
Entra, como a explorar o seio ás ondas,
O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome.[27] Na moderna historia
Dos povos do Universo, porventura
Não ha hi ponto do orbe que assim lembre
Tanto feito de glória e de heroísmo;
Nem ha padrão erguido por mãos d'homens,
D'alto custo e lavor, que outra recorde
Epocha tal aos seculos e edades.
D'alli Henrique aos astros perguntava
Da eternidade a estrada: e novos mundos
Novos climas e ceus lhe apareciam.
D'alli os curvos lenhos desprenderam
Primeiro o vôo audaz a ignotos máres.
Alli o berço foi da lusa glória...
Crêra-lo hoje sepulchral moímento
D'essa glória defuncta. Ruínas tristes,
Esbroados pardeiros—oh vergonha!—
São as tôrres d'Henrique.[28] Afasta os olhos,
Viandante, não vejas esse oppróbrio
Da nação que a primeira foi no mundo
Em nobrezas—outr'ora... hoje—em miseria.

XI

D'ahi se estende, ao longo pela costa,
Fertil porém inculto, agreste plaino.
Jamais pesado boi guiou arado,
Ou conduziu charrua egua ligeira
Por tão bravia terra; inteira crêras
Guarda da creação a virgindade.
Mas seu aspecto não arido e bruto,
Não selvagem parece. Alli não moram
Lanosos cardos, çarças espinhosas;
Nem coroada de abrolhos eriçados,
Como em dominio seu, sôbre a calcada,
Amarellenta relva se divisa
Sêcca esterilidade passeiando.
De viço e fresquidão verdeja o prado,
E aqui, alli, tufados ramilhetes
Do recendente amargo rosmarinho,
Do alecrim floreo-azul seu doce aroma
Com a brisa do mar na terra exhalam.
Formosos pães cobertos de verdura,
Outeiros de palmeiras coroados,
Montes ao longe, alvos areaes a um lado,
Onde o próvido insecto, auxiliando
Trabalhos d'arte e fôrças da natura,

A saccarina flôr no botão pica, [29]
E ás carregadas árvores augmenta
O dulcissimo pêso.—Lá n'um alto,
Entre árvores espessas.e copadas,
Entre gigantes palmas,—dobradiças
Olaias que os florídos ramos curvam
Descahidos, qual dama delicada
Os lindos braços n'um desmaio languido
De mimosa descai—roxos sycomoros,
E a larangeira que matiza os pomos
D'oiro co'a argentea flôr—entre este luxo
De vecejo e fragrancia,—meio vista,
Meio incoberta da ramagem spessa,
Maravilhosa fábrica se erguia
De palacio, onde quanto o rico Oriente
Tão de brilho e de gemmas resplandece.

XII

Ligeira e leve é a fórma: quasi aerio
Paço o crêras de fada inamorada,
Que o ergueu com palavras mysteriosas
N'uma escondida nuvem, para estancia
De gentil cavalleiro que ha roubado
A amores de princezas.—Com surriso

Desdenhoso observára a architectura
D'esse estranho edificio, o alumno rigido
Da antiguidade classica: nem jonio,
Nem dorio, nem italico, nem mixto,
De nenhuma ordem é; menos lhe víras
Os gothicos florões, os recortados,
Ou o grave da saxonica rudeza.
Não lhe descobriria o proprio Volney
Chaldeu vestigio ou nubico rastejo:
Nem tu, famoso Jones, conseguíras [30]
De lhe dar scientifico interêsse
Por índico, indostan, mogol, ou persico.
Nada d'isso é, e todavia é bello,
Em que lhe pez a sábios, mestres d'arte,
Doutores, antiquarios, dilettanti,
Virtuosi, amateurs e professores.
—Disputa sine fine travariam
Sôbre elle as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam, [31]
E aos grasnantes jornaes dão thema eterno
Para encher as politicas lacunas.
Já se vê que de *classicos, romanticos,*
Guelphas das lettras, Gibelinos da arte,
Fallar intendo: paz seja com elles,
Assim como c'os outros disputantes

D'este disputativo por essencia,
Inquieto mundo, aonde todos ralham
E ninguem tem razão. — Eu por mim deixo
Jogar as cristas a essa gente toda.
Para mim só desejo a paz d'espirito,
A consciencia límpa, e as frugaes sopas
Ganhas com suor honrado. Ésta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pesar de ingratos...

XIII

E a minha historia, e o meu lindo palacio?
Maldictas reflexões! Tórno ao meu conto;
E quem quizer achar a margarita,
Como o pinto da fábula esgravate.
— Era pois o tal paço o mais formoso
Que se viu nunca; em pedras preciosas
Todo incravado, todo reluzente
D'oiro e diamantes. Unica uma grade,
Tambem de oiro maciço, as portas fecha
Do paço e dos jardins: velam á entrada
Dois enormes leões, que noite e dia
Solícitos a guardam, nem se afoita
Mortal nenhum ao limiar terrivel..
Certo é porém que ás vezes fatigados

Os leões adormecem: mas quem sabe
Quando elles dormem?—Muitos, outro tempo,
Vendo-os d'olhos fechados, se atreveram
A entrar a porta, e foram devorados
Pelas terriveis feras que dormidas
N'esse instante suppunham. Incantado
É este paço; e os leões de incanto
Os olhos, quando dormem, arregalam.

XIV

Quem o soubera!—Um só n'aquelles tempos
Sabía este segredo incantadiço;
Do Algarve d'áquem mar era o rei joven,
O bello Aben-Afan. Rumor havia
Entre o povo que um dia andando á caça,
Co' esses formosos paços deparára,
E ou fosse acaso, ou certo conhecesse
Quando os leões dormiam, penetrára
Sem p'rigo algum pelos jardins defesos;
E de condição que é, ousado, e amigo
De aventuras correr, entrára ardido
No palacio e nas salas marchetadas,
Que dizem todos ser, de pedras finas
Com brilhantes recamos d'oiro e seda.

Do que elle lá passou ninguem o sabe;
Mas sabe-se porém que sette dias
E sette noites demorou nos paços,
E ao septimo volveu triste e pensoso,
Pallido, melancholico, fallando
Amiude só. Por vezes, quando em sonhos,
Ou quando solitario passeiando
Do alcaçar nos eirados, alta noite,
Ou no alvor da manhan, ignotos nomes
Murmura estremecendo; e ora em batalhas,
Ora em reinos, victorias e conquistas
Discorre, e com o alfange denudado
Meio mundo ameaça... ora afinando
O moirisco alahude, em saúdosos
Requebros, namoradas queixas sólta,
Com que parece dar allívio a mágoas
Que em segredo no íntimo o devoram.

XV

Desde então o terrivel inimigo
Dos Portuguezes, hoje em guerra viva
A fogo, ferro e sangue os segue e acossa,
Entra por suas terras, leva a morte,
O pranto e a confusão por toda a parte;

E, sem causa ámanhan subitamente
Ao vencido inimigo a paz implora,
E em ocio vergonhoso inteiras luas
Passa, como imbebido nas aérias,
Vagas ideias que lhe agitam alma.

XVI

Quasi vai a fechar segunda Egyra
O círculo lunar, desde que o mestre
De Sanctiago, ousado cavalleiro,
E o mais valente Portuguez que a espada
Jamais cruzou c'o mahometano alfange,
Pelas terras de Algarve se afoitára
Em carreiras com seus nobres freires:
Já em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor antes ganhadas, [32]
Os pendões da conquista tremolavam;
E Aben-Afan com pouca resistencia
Indifferente os vê talar seus campos,
Tomar suas villas, e arvorar a roxa
Cruz da Espada nas tôrres e castellos,
Que de seu preito são. Ferve-lhe o sangue
Co'a affronta aos indignados adalides...

D'elle não curam já, sua lei defendem,
Por suas terras acodem. Trava a guerra,
A mais e mais, com fúria entre os de Christo
E o Musulmano; mas o rei mancebo
Da antiga Sylves no doirado alcaçar
Só, pensativo tristes dias passa.

XVII

Lá despertou agora... e silencioso
Ei-lo que á pressa, á pressa as armas veste...
É noite, é noite escura, e o ceu tão negro,
Que nem estrêlla tem. Abre-te, porta,
Porta de Azoia, ao teu senhor.[33] Seguido
Ei-lo vai de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis e os mais íntimos d'elle,
Costumados, da infancia, a acompanhá-lo
Em suas aventuras. Onde, aonde,
Rei do Algarve, onde vas assim montado
No teu corcel querido, cujas pretas
Clinas se intrançam com listões de purpura?
Onde assim vas de teus fieis cercado,
E a taes deshoras? Surpr'ender o imigo
Em cilada ardilosa? A dar soccôrro
A sitiado castello mal defeso,

Ou de violento golpe entrar nas tendas
Dos Christãos, e acabar co'a raça impía
Dos jurados imigos do Crescente?
—Quem sabe aonde! Véo impenetravel
Do mysterioso principe os designios
Incobre a todos. Contra os Portuguezes
Não foi elle, que as luas mahometanas,
Deante a roxa espada vacillando
De Sanctiago, seu fulgor perderam;
E o mestre, da victoria precedido,
Já de Tavira ás portas se apresenta.

XVIII

Já mais do que metade discorrêra
A lua de seu gyro, e ninguem sabe
De Aben-Afan. Por onde o traz seu fado?
Oh! negra sina entrou n'essa familia
C'os feitiços da mãe! Ella, descrida
Nazarena morreu. A filha, a bella,
A discreta Oriana, desde o berço
Nas impias aguas dos Christãos banhada
Por esse Hugo traidor que a mãe perdèra,
Nunca o rosto volveu á sancta Kaaba, [34]
Nem jurou n'um só Deus e em seu propheta:

E fugiu d'entre os seus, e amaldiçoada
Lá se foi a adorar estranhos deuses
Em terras de infieis. Se a última esp'rança
Do Algarve, esse rei moço, tão querido,
Tão leal, tão gentil, tão cavalleiro,
Tambem assim, tambem por maus feitiços
Renegará da fé do Koran sancto?
E a antiga corôa d'estes reinos,
Já tão vastos, aos pés ambiciosos
Arrojará d'esses monarchas de hontem?
Esses reis portuguezes em má hora
Vindos a Hespanha, confusão, ruína,
Perdição de Ismael!.. Oh! impossivel:
Grande é Deus, e Mahometh é seu propheta,
E Aben-Afan seu servo. Animo e ávante!
Que elle a nós voltará. Sua espada é nossa,
Seu coração por nós, e Allá por todos.

XIX

Assim os adalides, deplorando
A falta de seu rei, se consolavam,
Co'estas esp'ranças fingem alentar-se:
Fingem, que o pobre reino dos Algarves

Aos pés dos cavalleiros de Sanctiago
Passo a passo fundia. Ganhar tempo
Demorar, esperar só lhes cumpria.
Já de puro cançados, a Dom Paio
Tréguas propoem; elle por breves dias
O pedido favor lhes concedia.

XX

Mas que phalange é essa de guerreiros
Que vão, longo do mar, nos corceis férvidos
Correndo á brida sôlta? Um que se eleva
Sôbre os outros—qual se ergue no deserto
A palmeira coroada sôbre a gramma
Que á raiz se lhe acoita—e que montado
N'um formoso andaluz da côr da noite
A comitiva bellica precede,
Quem é elle? Será o rei do Algarve?
Aben-Afan será? E essa beldade
Que d'arção leva e que sustêm nos braços?
Onde a conduz, e donde a traz roubada?
Roubada a traz!.. Mas no formoso gesto
Da bella não se pinta o desespêro
Cruel da dôr; sua nivea frente ingenua
Poisa no seio do gentil guerreiro,

E seus olhos do puro azul da esphera
Volve, de quando em quando, aos olhos negros
Do que a leva nos braços. Não afflicto,
Não é convulso o olhar, mas triste e languido:
Porém, se amor ou mágoa lh'o imbrandece,
Quem poderá saber?... Suas longas vestes
Alvas de neve, sua touca airosa
Como de christan virgem dedicada
Aos altares, parecem.—Mas na frente
Dos que a levam resplende a maura lua
No inroscado turbante!...Já do outeiro,
Onde o splendido paço se divisa,
A costa sobem, á doirada grade
Se approximam... abriu-se per si mesma,
Como incantada que é, e os leões fulvos
A juba sacudindo, franca entrada
Ao guerreiro gentil e á bella deixam.
Mas quando os outros ao limiar vedado
Ousam de se afoitar, as portas fecham-se
Com terrivel fragor, os leões rugem,
E os corceis espantados, eriçando
De horror as crinas, voltam, e sem freio,
Sem govêrno, com fúria partem, voam,
E em pulverosa nuvem desparecem.

XXI

Agora occulta mão tomou as redeas
Do formoso ginete, e o leva ás fartas
Cavalharices, que reluzem de oiro,
E são mais ricas do que salas régias
Em paços de monarchas opulentos.
Agora, dando a mão á bella dama,
O cavalleiro sobe os degraus lucidos,
Escadas de diamante que juncavam
Mais lindas flôres do que a linda rosa,
Mais fragantes que o oleo precioso
Dos vergeis do Thibet. Agora, entrando
Por galeria longa, taes prodigios,
Taes maravilhas que seus olhos viram,
Não ousarão meus versos descrevê-las.
Mas ao cabo, de solido carbunc'lo
Fechada porta jaz; lê-se em arabigo
No limiar da porta este lettreiro:

AO REI SEM REINO
Á ESPÔSA SEM MARIDO.
ABEN-AFAN! AQUI JAZ O TEU FADO:
PENSA! PENSA OUTRA VEZ ANTES DE ENTRARES.

Ferem os olhos do guerreiro as lettras
Fatidicas; e a mão, que ora apertava
A delicada mão da linda dama,
Largou-a, e frouxa cai: mudo e co' rosto
No chão, parece meditar profundo,
Em penosas ideias concentrado.

XXII

—«Sim, resolvi, clamou, e a mão da bella
De novo toma: ao coração a leva,
E «Resolvi!» clamou: «perca-se tudo...
Oh! tudo, tudo... e seja Branca minha!»
—Abre-se a porta, e o joven par é dentro.

CANTO QUARTO

I

Forravam ricas sedas o aposento;
No avelludado, persico tapete
Brando deslisa o pé; cassoulas de oiro
Exhalam os arabicos perfumes;
Em vasos transparentes d'alabastro
Vecejam raras, matizadas flôres.
Tibia luz, temperada para amantes,
Frouxa allumia, e dá realce ao incanto
De tão mago deleite que hi respira.
Como um throno d'amor jazia ao lado

Fofo sophá, que a placido repoiso
(Se não a doce agitação) convida.
Entrava n'esta estancia o cavalleiro
Com a formosa dama: elle inflammado
De quanto amor, quanto desejo accende
O deus dos corações em jovens peitos;
Ella... como levada de um feitiço
A que não póde resistir, não sabe.

II

Convidava o sophá, insta a fadiga,
E a bella reclinou-se — não deitada,
Não assentada, mas n'essa indizivel
E dubia posição que toda é graças,
Desalinho, requèbro, inlèvo d'olhos
E talisman de lubricos suspiros.
Oh! suspirar, suspira o cavalleiro,
Que a seus pés jaz, que as niveas mãos lhe aperta,
E que lh'as beija com ardentes labios,
Por onde alma em delirio se evapora.
Ella tambem... ella tambem suspira,
E nos olhos azues alveja a lagryma
Precursora do languido deliquio,

Em que adormece a virgindade — e expira,
Como expira innocente passarinho
N'aza escondendo a languida cabeça.
Dos olhos do mancebo fuzilava
O raio do prazer; vivas faíscas
Saltavam a ateiar a chamma ardente
No altar que ao sacrificio se prepara.

III

Os vestidos da bella são grosseira
Estamenha, e o toucado um só véo liso:
Mas que diamantes, mas que telas d'oiro
Tranças tão lindas, corpo tão formoso
Incobriram jamais? — Uma cruz pende-lhe
Entre o seio que trémulo palpita.
Uma cruz!.. oh sacrilega beldade,
Não vejo eu reluzir moirisca lua
No turbante que involve a baça frente
De teu cego amador?.. Mas, ai fraqueza
Fatal de nossos miseros sentidos,
Que não vê mais que amor quem amor sente!

IV

Não fallavam os dois, não; as palavras
Das linguagens dos homens são mesquinhas,
São pobres de expressões, quando alma inteira
Rompe do coração e acode aos labios.
Não fallavam, mas diz tudo o silencio,
Diz mais que as fallas; mudos se percebem,
Mudos se intendem, mudos se respondem,
Nem tem mor eloquencia a natureza,
Que a mudez, que o silencio dos amantes.

V

Porém rompeu-se alfim: uma voz doce,
Languida como a frente da papoula
Que pende o ardor do sol, meiga e suave
Como o sussurro da aura matutina
Entre as flôres do orvalho rociadas,
Uma voz disse:—«Oh! tem de mim piedade,
Oh! de minha fraqueza não abuses.
Sei que te amo, conheço que impossivel
Me é não te amar; mas meu amor é crime,
Mas ésta cruz... »E a cruz chegou aos labios,
E os labios a beijá-la não ousaram.

«Oh! se aomenos sequer tu a adoráras,
Se convertido á fé, commigo eterna
Penitencia fizesses d'este crime
Que ambos, ai de mim! ambos commettèmos...
Ai! não podéra ser crime tamanho
O que ganhasse uma alma como a tua
Para a fé verdadeira.»
Um ai profundo
Do mais íntimo peito lhe responde,
E éstas vozes o seguem:
—«Que disseste,
Oh! filha dos Christãos, que me has proposto!
Eu que tudo perdi para alcançar-te,
Que abandonei por ti quanto homens prezam,
Quanto por valioso tem o mundo!
Inda exiges de mim mais sacrificios!
Desertar do meu culto e meus altares,
Renegar do meu Deus!»
—«Teu Deus é falso.»
—«Falso o meu Deus!.. E o teu é verdadeiro! [35]
Quantos Deuses ha pois na natureza?
Eu adoro o que fez este Universo,
O que nos ares suspendeu magnífico
Esses orbes de luz que nos acclaram,
Que provê, nas areias do deserto,

De orvalho ao sequioso viandante,
Que tanto accende o sol, derrama a chuva
Para os cedros que se erguem sôbre o Libano,
Como para a rasteira, humilde gramma
Que vegeta nos plainos arenosos;
O Deus que me creou, que no teu rosto
Poz o traslado da belleza etherea...
Este, este é o meu Deus: e falso é elle?»

VI

Os theologos sabem mil respostas,
Para sophismas taes; porém aos olhos
Do ignorante são verdades puras
Que sua pobre fé debil não ousa,
Nem sabe combater: calou-se a bella,
Mas suspirou, e com profunda mágoa
Lhe pende o rosto sobre o niveo seio,
E nas formosas mãos formoso o esconde.
As lagrymas que os olhos lhe arrasavam,
Por entre os roseos dedos deslisando,
A gotta e gotta cahem no regaço;
E debulhada em pranto assim parece
Alvo lirio do prado em cujo caliz
Chorou a aurora ao despontar do dia.

VII

—«Oh! como te amei eu? Como ha nascido
Este amor no meu seio? Separados
Por um abysmo, que entre nós cavaram
Todas do ceu e terra as potestades,
Quem nos uniu assim, que fôrça?..»
—«A minha»
Disse uma voz solemne e retumbante,
Que estremeceu nos timidos ouvidos
Da donzella christan, como estremece
O som do bronze conductor da morte
Na orelha do pastor que o seu rebanho
Pasce longe do campo das batalhas,
E acorda ao estampido inesperado
Que os echos das montanhas lhe repetem.
—«Uniu-vos meu podêr» a voz dizia:
«A quem submissos os destinos cedem,
E obedece a propria natureza.»

VIII

Mais vivo aroma os vasos recenderam,
Animou-se nas flôres côr mais bella,
E uma longinqua musica suave

Se ouviu com harmonias tão aéreas,
Tão doces e arrobadas de deleite,
Que aos dois amantes alma se estendia
Á larga pelo peito de escutá-la.
Approximou-se pouco e pouco a magica
Melodia suávissima: uma nuvem
Se condensou opaca no aposento;
A musica cessou, tudo é silencio,
Mas, breve, estes sonoros hymnos se ouvem
Ao saúdoso som d'accordes harpas:

I

Desabrocha, alva flôr, linda murta,
Desabrocha, que amor te bafeja:
Ja tua folha lustrosa veceja,
Já vermelhos botões véem a abrir.
Mas no louro, onde o sangue negreja,
Salpicado dos golpes da espada,
Seque a folha, definhe esmyrrada:
Foi a glória vencida d'amor.

II

Filha, filha do sangue real,
Real é teu amante; não chores.
Rosa Branca, flôr de Portugal,
Brilha, brilha do Algarve entre as flôres.

Apressae-vos, que o tempo não poisa,
Foge a vida nas azas do vento,
Chega a morte, descai fria loisa...
Tudo acaba no triste moimento.

III

Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella!
Emque pèze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!
Fugir do dia aziago,
E do frade do condão,
E mais fugir dos orvalhos
Da noite de san' João!
Que se quebra o incantamento
Ao pino da meia noite;
Ao cantar do gallo preto
Se acaba o contentamento.
Bem fadada, mal fadada,
O mancebo e a donzella,
Emque pêze a Sanctiago,
Sanctiago de Compostella!

XI

Ás derradeiras notas d'este canto
Se adelgaçava pouco e pouco a nuvem,

Té que rara de todo se dissolve,
E um resplendor de luz na estancia brilha,
Que mais que humana coisa se amostrava.
Alados genios e ligeiras fadas
Abrem cortêjo em dança compassada
A uma que parece alta raínha
De todo o imperio do ar. Tunica longa
De transparente azul celeste involve
Mal recatadas fórmas, que revela
Em parte: e quanto ha bello no Universo
É menos bello que essas magas fórmas.
Alvo de neve um cinto dá realce
Ao torneio do corpo e á côr da veste.
Sua estatura mais que humana se ergue
Em gentil proporção; fôra excessiva
Em beldades da terra, mas augmenta
O sobrenatural d'essa beldade
Que de mais altas regiões descende.
Flexivel, curta vara tem na destra,[36]
E um simples diadema d'alvas perlas
Lhe c'roa a frente. O rosto...oh! quem lh'o ha visto?
Nenhum ôlho mortal: um véo espesso,
Um véo que não ergueu mão de homem vivo,
Nem erguerá jamais, lhe cobre o rosto.

X

Era Alina, a formosa fada Alina,
A raínha dos genios, e a senhora
D'esses paços magníficos. — N'um extasi
De pasmo e admiração era a donzella.
E a fada assim fallou:
—«Tudo perdeste,
Filho de Agar...na terra tudo, tudo:
Mas, se te basta amor, um ceu te fica.
Desde o dia em que puz na tua escolha
As venturas d'amor e as da fortuna,
Tua livre eleição tenho aguardado;
E fiel á promessa que te hei feito,
A cumprirei á risca. — *Rei do Algarve,*
— Te disse eu, quando a este meu palacio
Te conduziu o fado—*tu procuras*
A ventura na terra: eu t'a prometto;
Mas tem limites meu podêr na sorte;
É forçoso escolher. No orbe que habitas,
Felicidade inteira os fados negam.
Toma estes dois ramos incantados
Com magicas palavras, guarda-os sempre;
N'elles de teu futuro puz a sorte,

E ora t'os dou, e em tuas mãos a ponho.
De louro é um, colhido á luz escassa
Do crepusculo pallido da noite
Co'a mão direita, e salpicado n'árvore
De sangue d'homem morto na batalha.
De murta é outro, ao pino da meia noite,
Em dia de san' João ao luar colhido,
Rociado d'orvalhos, de formosas
Lagrymas de donzellas borrifado
Tres vezes tres, com tres suspiros d'alma
Em cadauma das tres. Abotoados
Ambos estam e em viço; mas as flôres
Só as verás desabrochar n'um d'elles,
Quando no outro esmyrrado e resequido
Folha e botão cair. Volve a estes paços
Então, que o teu destino está cumprido,
E o incanto quebrado. — «Assim t'o eu disse,
Filho de Agar. Voltaste pois: os ramos
Do teu fado onde estam? qual d'elles sêcco,
Qual florído me trazes?»

De seu peito
Tira dois ramos o gentil mancebo,
E c'um gesto de alegre sobresalto:
— «Florece a murta, diz, e Branca é minha!»

XI

A fada lhe tornou: — «Florece a murta,
Florece a murta, sim, e Branca é tua;
Mas sécca o louro, e a tua glória é extincta,
O teu throno caíu, cessou teu reino,
A tua raça é proscripta, os teus altares
Fulmina o raio. Vence um Deus estranho,
Vence o Deus dos Christãos, e Allá succumbe.»
Immudeceu a fada; o rosto bello
Do principe destinge esmorecido
Descor'çoamento...após, vergonha o cora;
E em variada sezão sua alma anceia.

XII

Já na formosa e candida donzella,
Que extatica ésta scena contemplava,
Os olhos crava, e todo o amor do peito
N'essa vista se expande, se dilata,
E a agitação do espirito lhe acalma.
—«E pois escolhi!» clamou, e toma
A mão da virgem: «o meu fado é este,
Ésta a minha ventura, a minha glória.
Oh! n'este coração reine eu somente,

E o throno dos Caliphas não invejo,
Nem o sceptro d'Omar. N'aquelle peito
Impere eu só, e o imperio do Universo
Disputem entre si os reis da terra.»

XIII

—«Reinas» solemne a fada lhe responde:
«Reinas, imperas: Branca é tua, adora-te.
Eu no seu coração puz tua imagem,
E a teus olhos rendi seu virgem peito
No momento em que a viste. Branca é tua;
E só a perderás, se hallucinado,
Teu florecido ramo abandonares,
E o deixares seccar. Então não póde
Guardar-t'a o meu podêr. O incanto é este;
E o incanto que eu fiz quebrar não posso.»

XIV

E inclinando á princeza, a mysteriosa
Vara de seu podêr, em tom suave
De celeste doçura: — «Filha» disse:
«Filha do rei christão, este é teu paço:
Eu vo-lo cedo, amantes venturosos.

Nenhum ôlho mortal póde este alcaçar
D'ora ávante avistar, nem homem póde
Vivo na terra penetrar seus muros.
De nada receeis, gosae tranquillos
As delícias d'amor. O vosso minimo
Desejo, no momento em que o formardes,
Vereis cumprido: dae redeas folgadas
Á imaginação; riquezas, festas,
Adornos e manjares — quanto incobrem
As intranhas da terra, quanto as aguas
Téem no fundo dos máres sepultado,
Tudo ante vós será no proprio instante
Que o desejardes. Porém ai! se o ramo
Da murta definhar...ai! se o desejo
Te pede vêr florído o sêcco louro!
Oh! ai de ti, filho de Agar: não póde
Valer-te o meu condão.» — N'estas palavras
Fez leve aceno co'a varinha, e subito
A formosa visão desapparece.

XV

Ficaram sós os dois amantes. Cheia
De espanto ainda e admiração, olhava
Para o seu roubador a linda Branca

Com olhos onde toda se lhe pinta
A confusão do espirito. — «Oh! explica-me»
Lhe disse alfim: «explica-me este enigma,
Ésta visão, e os mysteriosos dittos
Da fada, e as prophecias que te ha feito
De teu perdido reino. Por que modo
Me conheceste, como — e este mysterio
Por mais occulto o tenho — como pôde
Assim meu coração ao teu render-se?
Como entre nossas almas, que nascidas
Foram para odiar-se e abhorrecer-se,
Tão doce amor travou, tão fortes laços?

XVI

Ao dizer isto, os olhos derretia
Da namorada virgem o deliquio
De apaixonado amor: a mão de neve
Sôbre a querida mão poisou do amado,
Languidamente a face lhe pendia
Para o seio agitado, e um suspiro
Sussurrou desmaiado á flôr dos labios:
— Como quando nas aguas crystallinas
A viração da tarde branda increspa
A lisa superficie. — Não cabia

No peito a Aben-Afan tão grossa enchente
De delícia, de gôso: accumulado
No coração tanto prazer dobrava-lhe
As pulsações incertas e apressadas.
Da formosa Christan tomou nas suas
As delicadas mãos, e convulsivo
Lh'as aperta; acres beijos as devoram,
Voam das mãos ás faces... e das faces
Descem — ao seio não, que á virgem bella
Do lubrico desmaio acorda o peijo,
E ao atrevido Moiro não consente
O véo tenaz erguer d'esse fechado
Sacrario de pudor e formosura.

XVII

Cedeu o amante aos rogos da modestia:
E é tão grato ceder quando a certeza
Da victoria de perto nos acena!
Cedeu: poucos momentos, que retardam
O gôso do prazer, mais vivo o tornam.

XVIII

Contou-lhe então como perdido, um dia,
Na caça, deparára co'estes paços

Da fada Alina, e entrára, sem que ousassem
Oppôr-se-lhe os leões que á porta os guardam.
Que os jardins incantados discorrêra,
Víra o brilhante alcaçar, e admirando,
Uma por uma, tantas maravilhas
Longo tempo estivera, até que a fada
Lhe apparecêra tal como hoje a víra,
E os dois mysticos ramos lhe intregára,
Onde incerrado estava o seu destino.

XIX

— «Assim foi» continuou dizendo o Moiro:
«Assim fadada foi a minha sorte;
E eu descuidado entrei, cheio de esp'ranças
Pela vida que alegre se me abria
Deante de mim, como horisonte puro
Sem nuvens, sem negrume. Embreve ao throno
Subi de meus passados; e o diadema
Tão pesado! na frente descuidosa
Não me avexava, que minha alma, livre
De paixões, se espraiava toda ao largo
Pelo mar da existencia não picado
Das tempestades que no peito humano

Alevantam desejos, pensamentos,
Cubiças, ambições — solturas d'alma
Em que se não cravou fixa uma ideia.

XX

«E essa tinha eu constante: os meus fadados
Ramos todos os dias contemplava,
E verdes sempre, mas sem flôr, os via.
Começou a infadar-me ésta incerteza,
Este vago tardar de meu destino,
E solitario, só no meu retiro
Dias, noites passei, luas inteiras,
Suspirando sem causa de tristeza,
Melancholico, e quasi abhorrecido
Da vida, que tão cheia de prazeres
Se me antolhava, e que ora tão insipida
Me appareceu. Travaram n'isto as guerras
Entre os Christãos e os meus: nossas fronteiras,
Pacíficas télli, entrou o mestre
De Sanctiago; e horrido theatro
Se fizeram de guerra sanguinaria,
Que não desafiámos. Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço

E delicias da paz,[37] viveis no fogo
Ardente das batalhas, como vive
No fogo a salamandra. Acudi presto
Ao reclamo da guerra; e o meu alfange,
Sabem-n'o os teus se corta por arnezes
De christãos cavalleiros. Duvidosa
Vacillou a fortuna entre o estandarte
Da roxa Cruz, e entre as doiradas Luas.
Dom Paio, que assolára nossos campos,
Entrára nossas villas precedido
Da victoria, parou sua marcha rapida,
E tropeçou na estrada da conquista,
Que tão facil e plana se lhe abríra.

XXI

«C'o exemplo de seu rei cobraram ânimo
Os povos; e a antigua independencia
O Algarve sustentou. De nossas terras
Rechaçado o inimigo, me occupava
Em guarnecer as praças arruínadas,
Outras edificar, e preparar-me
Contra nova invasão, que eu certa a tinha
De tão inquietos, buliçosos ânimos.

XXII

«Por estes tempos, minha mãe, que ha muito
Separára de mim a crença estranha
Que abraçou, e em que fôra já nascida
Minha unica irman ...»
— «Christans são ambas!»
Branca alegre exclamou: «Tua mãe? que esp'rança!
E uma irman tens? Oh! como será bella!
E como a heide amar eu!»
Os olhos tristes
Poz no chão o mancebo, e suspirando
Funda tristeza do íntimo do peito:
— «Christan foi minha mãe... Já não existe.
E Oriana, minha irman, que eu amei tanto,
Ai! tambem para mim é morta.»
—«Morta!»
—«Sim, morreu para mim... morta é de todo.»

XXIII

Pensativo ficou por longo tempo...
E continuou depois — «Fatal me ha sido
Sempre a tua lei. Desgostos, malquerenças,
Dissenções entre os meus semeou funestas,

E abalou as ruínas já pendentes
D'este resto de imperio que em má hora
Herdei de meus passados. Convertida
Á fé de Christo minha mãe que eu tanto
Adorava... oh! deixou-me aqui n'ésta alma
Dúvidas... Ai! que duvidar é o grande
Atormentar da vida. Presentidos
Meus vassallos da fé que vacillava
Em meu ânimo, frouxo esmorecia
O amor n'elles. Pelejar constante
É a nossa existencia n'ésta terra
De Hespanha, desque a tenda aqui plantámos
Os filhos do deserto. Espada e lança,
Se as poisarmos um dia, é a nossa morte.
E os meus, remissos na perpétua lida,
Cançavam já. Desceu á sepultura
Minha mãe; e Oriana, que em segredo
Sua lei guardava, um dia de má estrea,
Vil servo a denunciou á plebe irada.
Amotinaram-se, e a meu proprio alcaçar
Vieram insultar-me, a mim e a ella...
E chegaram, de ousados, os infames
A cuspir na memória venerada
De minha mãe! — A affronta foi lavada
Com os rios de sangue que correram...

XXIV

«Mas o sangue era meu, e costumado
A verter-se por mim na ardua defesa
Do mal seguro reino ... Eu combatido
De remorsos, tristeza e desalento,
Me incerrei dias, mezes, só, intregue
A um vago, melancholico desejo
De pôr termo a ésta vida amargurada.
Oriana por vezes fez rogar-me
Que a ouvisse, que a attendesse. Não quiz vê-la,
Nem ella nem ninguem. E a desgraçada,
Vendo-se a causa de pesar tamanho,
Resolveu de fugir. Poucas palavras
Escriptas me deixou ... muitas as lagrymas
Que sôbre ellas chorou. Era já tarde
Quando o sube, corri por toda a parte,
Alvorotei castellos e cidades,
Devassei as fronteiras portuguezas,
Montes, valles andei ... foi tudo embalde.
A algum mosteiro vosso, em terras longes,
Pôde chegar porcerto. Eu despeitado
Jurei então a Deus e ao seu propheta,
Jurei ... Como cumpri meu juramento!
Guerra eterna, odio eterno aos do Evangelho

Que tudo me roubavam. Minhas armas
Jurei não despir mais, nem tirar freio
A meus cavallos, nem dormir a abrigo
De telha em povoado. — E longo tempo
Este foi meu viver: vida de cholera,
De agitado despeito!... que em meu sangue,
Que no meu coração outra não tinha.»

CANTO QUINTO

I

D'onde virá que, em nós prendendo a vida
A outra vida, sentimos dentro d'alma
A precisão forçosa de contarmos
O que foi atélli nossa existencia?
De lhe dizer quão mal perdida e gasta
Longe d'ella...sem ella! a consumimos?
Não n'o sei: mas que o digam quantos amam,
Digam se não é assim quantos amaram.

II

E Branca devorava essas palavras
Em que o Moiro sua vida lhe contava;
Devorava-as com ância deliciosa:
Que é divino prazer — se não véem zelos
Cravar seu ferro na querida historia,
É celeste prazer ouvir contá-la.
Gosa tu, bella infante, ouve e não temas:
Esse homem nunca amou, e toda inteira
A virgindade de sua alma é tua.

III

Aben-Afan, tomando nas mãos ambas
As da princeza, assim continuava
Sua apaixonada historia.—«Quem, oh Branca,
Quem me diria então, quando o meu peito
Todo em sanha e furor de guerra ardia,
Que tão breve mudado o meu destino,
E eu tão outro ia ser, todo eu? Escuta.
Uma noite quebrado de fadiga
Adormeci: era ventosa a noite
De outomno; e as folhas sèccas que caiam
Sôbre a tenda em que estava, o silvo agudo
Dos despregados ventos me imbalavam

N'um somno mal tranquillo, mas pesado
De quebramento e lassidão. Dormia,
Dormia eu, mas escutava o ruído
Dos furacões e o som da tempestade:
De meus sentidos todos só desperto
O ouvido, que velava, os reflectia
N'alma como rugir de brutas feras,
Sibyllos de dragões, huivos de tigres,
Canticos de demonios malfazejos,
De genios maus, — descompassadas vozes
De mortos resurgidos n'hora aziaga,
E em banquete de horror sôbre um sepulchro
Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos [38]... talvez filhos, que no berço
Deixaram quando a morte os tomou subito.

IV

«O coração no peito comprimido
Me anceava afflicto, e o sangue accumulado
Sôbre elle, me pesava como a barra
Do ferro sôbre o peito ao criminoso.
Não era sonho este, era um estado
Indefinivel; mas não durou muito,
Nem, a durar, lhe resistíra a vida.
Senti coar-me um balsamo suave

Pelas veias, e o sangue dilatar-se
Brandamente por ellas: sôlto e livre
O coração bateu; e a phantasia
Se descobriu da cerração medonha
Que a innegrecia. — Leves, leves fórmas
Diaphanas, ligeiras como os ares,
Me gyravam n'um quadro transparente
De incerta côr, mas bello, mas tão mago,
Tão delicioso como fresca aurora
Por estiva manhan. Vagas e frouxas
As fórmas eram, logo mais sensiveis
Se relevaram, pouco e pouco augmentam,
E um paraizo, um ceu d'ante mim era.

V

«Oh! como descrever-t'o! Um ceu de glória,
Um transparente azul, de estrêllas bellas
Marchetado — mil anjos de azas brancas
De strella em strella alegres revoavam,
Lirios de alvura candida espalhando
Pelo ar imbalsamado de fragrancia.
Uma virgem, trajando roupas simples
Que em pureza e candura resplendiam,
Uma virgem no meio d'este incanto

Apparecer a vi como a raínha
D'esse paraizo, como a divindade
A quem os anjos todos se humilhavam,
E sôbre quem seus lirios e boninas
Com amor jubilosos desparziam.

VI

«Sentia-me arrobar-se-me a existencia,
E o coração voar-me, como os anjos,
Para a celeste virgem. De seu peito
Uma Cruz resplendente lhe pendia,
E essa Cruz... essa Cruz, como inimigo
Talisman, afastava da donzella
Meu coração que embalde forcejava
De approximar-se a tanta formosura.
Ella, a virgem, uns olhos compassivos
Punha em mim, e um surriso parecia
De seus divinos labios consolar-me,
E ao coração, que já desanimava,
Alentá-lo d'esp'ranças. — Mas a fôrça
Do talisman vencia, a Cruz terrivel
Dardejava faíscas rutilantes,
Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.[39]

VII

«Eu suspirava, a angústia me opprimia,
E co'ésta agitação se dissiparam
A celeste visão, o sonho. Acórdo,
Acórdo, mas metade da existencia
Não acordou em mim; ficou no sonho
A maxima porção da minha vida;
Ficou-me o coração após da virgem
Correndo embalde. *Embalde*, exclamo, *embalde...*
E não mais a verei, nunca mais...nunca!

VIII

«Apenas a arraiada tenue vinha
Alvorecendo então no roxo Oriente;
Secreta inspiração — não sei quê d'alma
Que sente sem a ajuda dos sentidos,
E parece no íntimo do homem
Ser coisa alheia ou mais que a humanidade,
Me fez pensar nos incantados ramos.
Brilhou-me d'ante os olhos a esperança,
Como um clarão de vida: corro a elles,
Observo-os...oh! no louro resequidas
Se esmyrravam as folhas, — mas na murta

Os botões, como perolas do Oriente
Em tranças de sereias, alvejavam;
E já n'alguns leve signal de abrirem
Se divisava: — como em curvas praias
Ao subir da maré pintadas conchas
A medo o rico esmalte descobrindo.

IX

«De alegria, de júbilo insensato,
O arraial despertei; tendas se levam,
Ordens á pressa dou, a Sylves tórno,
Quebro, esqueço o tremendo juramento
Que inda ha pouco fizera tão solemne,
E só no meu alcaçar longo tempo
Medito, e mil projectos desvairados,
O qual mais vago, o qual mais louco, formo
Sôbre o meu sonho, os ramos e o destino,
Que Alina me fadára tão ditoso.

X

«De lidar em lidar, emfim um dia,
Levado assim de impulso repentino,
Deixo a cidade só, e confiando
Á minha estrêlla o dirigir-me os passos,
Redeas sólto ao cavallo, e sigo a estrada

Que elle de si tomou. Certo caminho
Foi das fronteiras, correu noite e dia
Ás margens do Guadiana, e pelas terras
De Andaluzia entrou; á Estremadura
Castelhana atravessa, e porfim chega
A um valle formosissimo, assombrado
De enzinhas altas: era já na Beira,
No coração da Beira portugueza;
Ahi parou. O sol no extremo occaso
Como n'um mar de luzes se afogava,
Mas no resto do ceu já raras trevas
A estender-se começam: voz e esporas
Imprégo... não se move o corcel, fixo
No solo qual se fôra bronzea estátua
Em pedestal de marmore cravada.
Longo tempo insisti: cerrada a noite
Era já, desmontei; e n'um rochedo
Vizinho me assentei. Ahi na mente
A estranhez da aventura e do meu fado
Entre mil pensamentos revolvia.

XI

«Aquelle sítio... O sítio inda hoje o viste;
É aquelle escuro monte, agudo e negro
Donde um fanal nas trevas reluzia...»

— «Oh! bem m'o disse o coração presago!»
Branca lhe torna: «A luz que alli brilhava
Era tua? era a luz que estes meus olhos
Havia de cegar!..E o corcel negro
E o cavalleiro que por nós passava
Em mysterio e terror?»
— «Eu era, Branca.»
— «E tu por mim bradaste: Real, Real?»
— «Por quem senão por ti? Presago dizes
Teu coração, e ainda m'o perguntas?

XII

Aqui a narração se interrompia
Com esse interromper de namorados,
Que são beijos e beijos, longos, longos,
Prolixos, quaes os dá, a quem bem conta
Suas historias, fascinada ouvinte.
—Se eu soubesse contar como o meu Moiro!...
Quê!..Voltèmos a elle e á sua historia,
Como elle a ia contando.
— «Acaba» disse
Branca emfim: «estavas assentado...»
— «Estava, sim» Aben-Afan prosegue:
«No rochedo, pensando em meu destino,

Quando uma luz bruxuleando escassa
Por entre os ramos de viçoso olmedo
Não longe descobri. Certo que humana
Habitação será... Approximei-me
Na intenção de pedir por essa noite
Gasalhado, aguardar o desincanto
Do meu corcel, ou em diversos trajes,
Que a pêso d'ouro e joias hi comprasse,
Apé seguir a incerta romaria
De meu peregrinar mysterioso.

XIII

«Chego; pequena ermida solitaria
Estava entre o arvoredo: a luz sahia
Pelas fisgas da porta mal fechada.
Entrei; um sancto horror de meus sentidos
Se apoderou: — forravam toda a estancia
Ossos de homem, caveiras — brancas umas
Do tempo, outras ainda mal cobertas
De pedaços de pelle resequida,
De eriçados cabellos. Uma tumba
Negra jazia ao lado, e uma cruz tosca
No chão cravada: d'essa cruz pendia
Lampada que a luz funebre desparze
N'estes objectos funebres.

XIV

— «Absorto
Contemplava o terrivel monumento
Dos triumphos da morte, quando um fraco
Som quasi extincto ouvi de voz cerrada
Dizer: — *Filho das trevas, tu procuras*
A claridade; acha-la-has; mas guarda-te:
Abraza a luz a miudo.
— *Quem me falla?*
Tornei eu: *quem aqui n'ésta gelada*
Habitação de mortos me conhece?
— *Um que é já no limiar da eternidade,*
Um moribundo. Segue o teu destino,
Aben-Afan: outr'ora obedeciam-me
Os espiritos do ar, e poderia
Mostrar-t'o... mas, é tarde; sinto a hora
Derradeira soar-me... expiro... fecha-me
Os olhos... veste o meu burel... e segue
A'vante... em Portugal... é perto... A morte
O colheu; roucos sons balbuciou inda,
E n'um arranco lhe fugiu a vida.

XV

«Combatido de vários pensamentos
Passei a noite juncto do cadaver.

Mas alfim decidido e resoluto
A correr todo o meu destino ás cegas:
Aceite-se o legado, disse eu, *vista-se*
O burel do santão,[40] *e ávante, á sorte!*
C'o primeiro crepusculo da aurora
Já, em vez de turbante, me cobria
Capuz agudo a frente. Um nome escripto
Entre as pregas do saio achei...Que espanto!
Hugo, o nome fatal do Nazareno
Que em nossas terras disfarçado entrára,
Que o respeitado alcaçar devassando
De meus antepassados, a discordia
Semeára entre os meus! Se era elle o morto?...
Se estava em meu destino que em seus trajos
Disfarçado eu agora, penetrasse
Pelo mais recatado, o mais zelado
Dos Christãos?...Sorte!—Á sorte e á ventura!

XVI

«Sahi da ermida e a caminhar me deito.
De noite o meu corcel desparecêra;
E eu, sem saber de estrada, sem vereda
Seguir mais que a do acaso, fui andando,
Andando, até que juncto de um mosteiro

Grandioso e de fábrica suberba
Me achei. Que sons divinos que saiam
De seus muros! Era um cantar celeste,
Vozes tão doces, como vozes d'anjos
No alto das montanhas celebrando
As grandezas de Allá. — Todo inlevado
No mago incantamento d'essas vozes,
Do templo estive á porta: franqueá-la
Não ousava... e a vontade m'o pedia,
Mas retinham-me escrupulos. Ao cabo
Disse eu: Que importam nomes? Deus é o mesmo:
Christo [41] e Mahomet foram prophetas,
Mas Deus é o mesmo Deus. — Entrei na egreja.

XVII

«Era um côro de candidas donzellas,
Que alternadas o cantico solemne
Intoavam. Sentia-me eu tomado
Da religiosa e sancta majestade
Que enchia o templo. Os olhos repoisava
Com prazer innocente n'essas virgens
Que por Deus renunciaram a prazeres,
A delicias da terra, quando subito
Lá no fundo do templo a porta se abre

E uma virgem entrou: seu ar, seu gesto
A mostrava entre as outras a primeira,
E entre ellas parecia tão brilhante,
Como em capella de jasmins a rosa,
Ou como o lirio n'hástea debruçado
Sôbre o campo arrelvado de violetas.

XVIII

«Deu-me rebate o coração no peito:
Era essa imagem a que eu víra em sonhos,
Essa, essa propria; a mesma Cruz brilhava
Em seu peito... Perdi razão, sentidos,
N'um extasi de gôso indefinivel
Caí como em deliquio. — Longo espaço
Devia de durar, que só no templo
Acordando me achei: findára toda
A ceremonia, e as virgens retiraram-se.
Sahi então, e soube que o convento
Era Lorvão, e...»
— «Tu» interrompendo-o,
Branca lhe diz: «tu eras o eremita
Que em nossa egreja ũa manhan entrava
E que tão inlevado parecia
Na oração?»
— «Era eu mesmo.»

— «Oh Deus! e eu propria
Com quanta devoção te contemplava!
Tão joven, eu dizia, e tão deixado
Do mundo já!...Mas tu o ermitão eras!»

XIX

— «Eu sim, que extasiado em teu semblante
Ahi perdi o coração e a vida;
Ahi n'esse momento se cumpriram
Os meus destinos todos. O fadado
Ramo consulto: florecia o myrto.
Ceus! clamei, é quebrado o meu incanto!
Mas que fazer! A noite veiu; a um proximo
Olival me levára incerto passo,
E na soidão, minha alma se intranhava
Em pensamentos vagos, em projectos
Mais vagos...Um corcel vejo pascendo
Imbridado, e moirisca sella tinha:
Era o meu fiel Adir; chamei-o, corre
A mim alegre, estende-se abaixando
O alto costado, como convidando-me
A montá-lo. — Hesitei...mas dirigido
Por occulto podêr não é meu fado?
Montei, partimos; trouxe-me a estes paços.
Não vi Alina, mas teu nome, o sítio

Onde te incontraria em teu caminho
Para Castella, como libertar-te
De teus brutaes dervizes deveria,
Tudo li n'uma tarja transparente
De jaspe em letras d'ouro. Outra vez parto
C'os mais fieis dos meus, fui imboscar-me
Detraz d'esse escarpado, negro monte
Onde o morto ermitão tinha incontrado,
Onde viste o fanal, que era a atalaia
Para os meus que dispersos rodeavam
Os caminhos de emtorno. Alli me viste;
E d'alli, passo a passo, te seguimos
Sem dar alarma aos teus. — Sabes o resto;
E já teu coração me ha perdoado,
Branca... Poisquè! Não perdoaste? Dize.»

XX

Os braços da donzella se inlaçaram,
Como um festão de candidas boninas,
Emtôrno ao collo do gentil mancebo.
— O propheta, se a víra n'esse instante,
Emendára o Koran,[42] e não vedára
A um anjo tal do paraizo a entrada.

CANTO SEXTO

I

Toca o sino a completas, era noite
Em Cacella: seu branco sobrevestem
Manto co'a roxa Cruz sôbre a armadura
Reluzente, e ao côro se incaminham
De Sanctiago os nobres cavalleiros.
As espadas, terror do mauro Algarve,
Depoem juncto do altar, e vão devotos
Ante o Deus dos exércitos prostrar-se
Em humilde oração. Ha poucas horas
Guerreiros na batalha, agora simplices,

Silenciosos, austeros cenobitas
Rezam em côro — ámanhan, quem sabe?
Correrão aventuras namoradas,
E nos braços de languida beldade
Cumprirão o terceiro mandamento
Da muito nobre e respeitavel ordem
Da andante, singular cavalleria.

II

Oh! quem vê hoje na ponteada casa
De aperaltada, esguia casaquinha
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e glória, que pendèra
D'aureo collar em peitos d'aço duro.
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias se arrojavam;
Quem as vê hoje, a Cruz sancta de Christo.
Pendão de glória que guiou no Oriente
Castro, Albuquerque e Vasco—a roxa Espada
De Sanctiago que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve — penduradas
Pelas librés da infamia e da injustiça...
Quem, de sua nobre origem cogitando,

Ousará de dizer: «São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses?»

III

Tremolava a bandeira de Sanctiago
Nos muros de Cacella, que vencida
Aos fortes cavalleiros se rendêra.
Mas Tavira resiste: fatigados
Os de Christo e Mahometh formaram tréguas,
E da guerra contínua repoisavam.
Já gran' parte do Algarve succumbíra
Ás armas de dom Paio e dos seus freires,
Depois que Aben-Afan de seu alcaçar,
— Sem se saber adonde — se ausentára.

IV

Tavira a forte, Silves a maritima,
Firmes porém sustentam porfiosas
Ao moiro rei a vacillante c'roa.
As principaes então, e as mais famosas
Em valor e riquezas essas eram
Por todo o áquem dos aridos Algarves.

V

Findára o côro: a hora do repasto
N'um fresco eirado, á lua, passeiando,
Os cenobitas campeões aguardam.
De batalhas e cercos fallam velhos,
Das justas e torneios do bom tempo
Que foi: moços de amores e caçadas,
De aventuras, e coisas que mais prazem
Á edade em que veceja a flôr da vida,
E folga o coração no peito á larga.

VI

Era assumpto entre os jovens mais querido
Esse prazer de reis, essa arte nobre
Que Altanaria chamam, guerra propria
De ave com ave: não este covarde
Jogar da bésta, do arcabuz, do arco
Para indefeso surprehender no ramo,
No descuidado vôo o passarinho.

VII

—«Sabei» disse dom Alvaro «senhores,
Que os meus falcões, porcerto os mais manhosos

D'elrei de Leão não téem que vèr com elles.
Pena é que em terras nossas não ha caça
Com que interter o tempo d'éstas tréguas,
Senão verieis.»
—«Gran desejo tenho
De o vèr» Mem do Valle respondia:
«Que as minhas aves ategora as creio,
Em que pèse a dom Alvaro, as melhores
Que hei visto em vida minha. Mas, senhores,
Coisa vos direi eu que vos agrade,
Pois cavalleiros sois: p'rigoso é o caso,
Mas de gôsto será. Sabei que em Antas
É a caça melhor de todo o Algarve:
Mister é de passarmos por Tavira;
Mas em paz, como estamos, de impedir-nos
Não ousarão os Moiros: e se ousassem...
—«Tanto melhor, que sua perda fôra»
Volvem á uma os jovens cavalleiros:
«Vamos, e ámanhan já.»
Foram-se ao mestre,
E do que hão concertado lhe dão parte.

VIII

Com prudencia dom Paio e bom aviso
Lhes ponderou da imprêsa os contratempos:

Quanto ciosos eram de suas terras,
E mulheres os Moiros. — «Nem por isso»
Acrescentou surrindo o grave Paio:
«Lhes quero eu mal, que ha hi formosas damas,
E a vêr taes cavalleiros costumadas
Não estam ellas.» Rindo agradeceram
O cumprimento ao mestre; e pois lhe dava
Cuidado a sua ida, promettiam
Irem de paz e guerra bem armados
Para quanto cumprisse... que era excesso
De prudencia, diziam. Atrever-se
Com seis de Sanctiago, os pobres Moiros
Do Algarve!... quem havia de pensá-lo?

IX

Mas grave e pensativo lhes tornava
Dom Paio: — «Não é bom folgar, mancebos,
Co'as agonias últimas de um povo.
No derradeiro apêrto, muitas vezes,
Afoga o que zombou de o vêr prostrado.
Tréguas temos c'os Moiros: mas o povo,
Descontente de vêr seu rei sumido
No alcaçar de Sylves, descuidando
Reino, vassallos e a familia propria,

Que a irman se fez christan...e é fama entre elles
Que lh'a roubámos nós — o povo em bandos
Anda á sôlta, sem lei, por essas terras.
Tomae tento; que a plebe infurecida
De guerra leal estylos não conhece
Nem os cata a ninguem.»
Tudo promettem
Os jovens a seu mestre; e pressurosos
Assim no alvor do dia se partiram
Com suas aves e armas, cavalgando
Em andaluzes, relinchões ginetes.

X

Seis eram os mancebos; e tão guapos,
Tão gentís cavalleiros não vestiram
Nunca em terras d'Hespanha arnez de guerra.
C'o denodo e despejo d'essa edade,
Em que os perigos são delícia e brinco,
Caminho vão direito de Tavira;
A ponte passam a veloz galope,
E ás frescas margens da ribeira placida,
Onde Antas jaz, alegres começavam
Suas aves a soltar, seguir-lhe os vôos,

E a interter-se em folguedos innocentes,
Disputas joviaes, e outros singelos
Passatempos de alegre confiança.

XI

Mas o diabo, que jamais não dorme
Quando vê gente môça em bom caminho,
E que não pára sem fazer das suas,
E os metter em camizas d'onze varas,
O diabo se deu aos diabos todos
De vêr seis rapazetes tão bem postos,
Tão galhardos e bellos, de sua regra
Cumpridores fieis, e mais honestos
Que o mais honesto monge da Thebaida.

XII

Ora, sabido é que o tal amigo
Lucifer, Belzebut, Satanaz, Diabo,
Demonio, ou como quer que é sua graça...
Na minha terra as beatas o designam
C'o extravagante nome do *Baêtas*;
Nome a que nunca pude achar o furo

Da etymologia; e desafio
O carmelita auctor do diccionario
Que traduziu — triztriz — pratos quebrados
Désse tamanhas voltas ao miolo
Como as que eu dei para incontrar com elle.
—O diabo pois, que emfim este é seu nome,
Tanto fez, que até sanctos da Thebaida
Com suas tentações voltou do avesso,
E se metteu sem medo á queimaroupa
Com cilicios, jejuns e agua benta.
Como lhe havemos d'escapar nós outros,
Pobres e miseraveis peccadores!

XIII

E como pôde entrar este inimigo
Jurado da adamitica progenie
Os austeros limites da Thebaida?
— Com môças: môças são coisa do diabo,
Se é que o diabo não são ellas mesmas:
Que em quanto para mim, Deus me perdoe,
Por taes as tenho, ás tentações malignas,
Que sinto cá por dentro quando as vejo,
E me dão taes vontades... Abrenuncio!
O diabo ellas são, ou ellas d'elle.

XIV

Pois o pae da malicia, que bem sabe
O podèr de taes armas perigosas,
Assentou de apanhar n'uma das suas
Os jovens caçadores: vai, e infia-se
— Que é mestre n'isso, e não lhe custa nada
Estender-se, agachar-se, incarquilhar-se,
Acaçapar-se curto e pequenino
Como um mosquito, ou alto alevantar-se
Como a tôrre dos clerigos [43] — infia-se
No papo d'um falcão dos da caçada.
E o falcão, que ficou, como lá dizem,
Co' diabo no corpo, larga o pairo,
E desanda a voar por esses ares.
Voou, voou, té que estacou mui longe,
E se poz a pairar como quem mira
A caça, e a fita bem para impolgá-la.

XV

Acertou que o falcão dos dois gabados
De dom Alvaro era. — «Estranho vôo»
Mem do Valle lhe disse: «é o da vossa ave:
Nunca vi um falcão voar d'essa arte.»

—«Crede, senhor» dom Alvaro lhe torna:
«Que é fina caça a que elle paira agora.
E afé não ha hi ave em toda Hespanha
Que tal a avente, e tanta.»
— «Ir-lhe-hei no alcance,
Volve o outro.
— «Ide embora, porém crede-me,
Que a mim somente e não a outro, a intrega.»

XVI

Mem do Valle picou, e por um trilho
Agreste e rudo, entre árvores e matto
Mette o corcel fragueiro, e costumado
A mais agros caminhos. — Já chegava
A um valle estreito, que em redor fechavam
Ingremes, escarpadas serranias
Tão aridas, tão sèccas e escalvadas,
Quanto era amena, vecejante e bella
A varzea que á abrigada lhes ficava.

XVII

Um arroio sinuoso corta o valle
Despenhado do cume alto da serra

Com ruído, em cataracta picturesca,
Onde em brilhantes prismas concentrando
O matutino sol seus raios puros,
Ahi nas côres d'Iris se extremava.
A relva de boninas esmaltada
Amorosos perfumes recendia;
E áquem, além festões de verdes balsas
Prendiam com seus ramos inlaçados
Ás viçosas figueiras. Ramilhetes
De murta em flôr brotavam pelo prado,
E na doirada areia da ribeira
Viçava o tenro, dobradiço arbusto
Que em nossas praias semeiou de perlas
Para inlêvo da infancia a natureza.
Oh! edade feliz em que as eu via,
As alvas camarinhas resplendendo
No limpido ceirão, e as cubiçava
Essas perlas mais finas a meus olhos
Do que as da bella Egypcia mal pudica!

XVIII

Sôbre este ameno, delicioso valle
Paira a prumo o falcão: mas extasiado

Co'as bellezas do sítio, o cavalleiro,
Na maravilha que lhe incanta os olhos
Pensava só, nem ao falcão já attende.
Quando subito a ave -- qual se víra
Saltar lebre fugaz de espessa moita —
Desce veloz, e atraz de árvores densas
Á vista se escondeu, desapparece.
Vê-la baixar, e correr prompto ao poiso
Que lh'a occultava — foi um só momento.

XIX

Facil era a entrada da espessura
Por um lado onde as árvores fallecem.
Entra, e a caça que viu...Tenteio embalde
As cordas do romantico alahude
Que os genios das montanhas me afinaram
Para os singelos sons desalinhados
De meu simples cantar; falham-me as notas,
Desafina a canção. Que verso póde
Descrever os segredos da floresta
Do Almargem! onde incantos estupendos,
Nocturnas festas celebrar se hão visto
Ás fadas e aos espiritos da noite!...

XX

Alli... alli jamais pé de homem vivo
Depois do pôr do sol entrar não ousa;
E só do alto da serra o pegureiro
Viu luzinhas — signal certo de bruxas —
A surdir e a esconder-se a um lado e outro,
Saltando como estrèllas namoradas [44]
Que via o grego antojador de favas
Ao brando som de harmonicas espheras
Bailar no azul do ceu as tripecinhas...
Ou perdido viandante arripiado
De medo, ouviu confusas gargalhadas,
Estranhos cantos e gemidos funebres!

CANTO SEPTIMO

I

Aqui do ingenho, aqui da arte sublime
Do teu cantor, Angelica formosa!
Aqui d'aquelles versos descuidados,
D'aquelle donairoso seu capricho
Que damas bellas, monges impotentes,
Andantes cavalleiros e duendes,
Fadas e malandrins incantadores,
Tudo inreda na vaga, sôlta dança
De seus divinos feiticeiros cantos.
Oh! quem podéra, quem soubera agora

Tecer, como elle, o inrevezado fio
D'essas lindas mentiras que inleiavam
A curteza bestial de um nobre duque!
Perolas... e que perolas! deitaste,
Meu pobre Ariosto, ao coroado cerdo.

II

Mas não. Livre de mais, lascivo é o canto
Que as venturas nos conta de Medoro
E os furores de Orlando. Eu, pudibundo,
Austero vate, psalmear só quero
Em côro de donzellas innocentes,
E accender minha lampada na lampada
Das virgens sábias que poupar souberam
Para a vinda do espôso o sancto azeite.
Simples é meu canto, meu contar singelo
Dar-me-hão as mamans a ler ás filhas.[45]

III

Jaz sôbre a relva, á deleitosa sombra
Do espesso arvoredo adormecida

Joven beldade. — Se anjos, divagando
Acaso pela terra, adormeceram
Algum'ora em recinto delicioso
Que lhez fez recordar do Eden os bosques,
Seu formoso dormir como este fôra.

IV

Alva, ligeira tunica apertava
Pelo meio do corpo delicado
Cinta de verde côr; douradas tranças,
Sem mais ornato que o gracioso ondado
De seus proprios anneis, se debruçavam
Por hombros, em que a fôrça do alvo quebra
Ligeira côr de desbotada rosa.
Seus olhos!... com as palpebras escuras
Fechado tem o somno esse thesoiro
De brilho e de innocencia. Mas nos labios
A innocencia surri. A um lado jaz-lhe
Pequeno livro. O attonito guerreiro
No rapto dos sentidos alheados
Longo tempo ficou absorto, mudo,
Como a quem maravilha tem cortado
Com a razão metade da existencia.

V

Que livro será este? Abre, e redobra
Seu pasmo: de orações e rezas sanctas
Era um livro christão, inluminado
Das vivas côres, do ouro reluzente
Com que a arte byzantina debuxava
No bento pergaminho essas imagens
Sem vida, sem acção, e que resplendem
De um brilho, de um matiz que é o desespêro
Do moderno pintar. — Mas esse livro
Aqui, mas essa dama tão formosa
Que o lia na soidão d'esse deserto...
Mas tudo isto... é mysterio incomprehensivel.

VI

E o agnusdei que pende ao lindo collo
Da bella, e co' sereno movimento
Do seio brandamente se agitava?
Não ha que duvidar: é christan virgem
E em terras de Moiros! — Oh! roubada
Foi de certo; e a seus barbaros deleites,
Seus infames prazeres a reservam
N'algum castello proximo — Sem dúvida.

VII

Mas como n'este sítio adormecida?
Baldam ahi de todo as conjecturas.
Fugiu talvez...acaso communica
O bosque ahi com parte mais escura
Do parque, ou cêrca de moiriscos paços,
Onde escrava a retéem...Christan é ella.
E eu christão cavalleiro, que hei jurado
De defender a fé e a formosura,
Devo...o quê? — Libertá-la d'esses grifos,
Dos monstros que a innocencia se preparam
A devorar-lhe crus... devo, oh sim! devo.

VIII

Dest'arte reflectia o cavalleiro,
E levado de zêlo — ardente zêlo
Da fé...Travêsso duende me susurra
No ouvido menos puro sentimento.
Vai-te, espirito mau, não te acredíto;
Era boa a intenção: que faz ao ponto
Se profanête,[46] acaso, algum desejo
Na tenção se ingeriu? Vasos de barro

Somos nós, quebradiços e achacados;
E raro, a obra melhor do homem mais justo,
O ouro mais puro da virtude humana
De liga vil seu tanto não incerra.
— Levado pois *da fé:* «Salvá-la» clama
«Salvá-la é fôrça, e já.» — Mas, se a desperta,
Se receosa a timida virtude
D'essa dama, fugir assim não ousa
Sosinha com um joven cavalleiro?
Saberá convencê-la. — E se no emtanto
Perdido o tempo?... Oh Deus! urge o perigo,
Cumpre deliberar... Toma-a nos braços,
Salta na sella, e parte, corre, vôa.

IX

No papo do falcão raivava o diabo,
Vendo tão mal sair-lhe o estratagema,
E que o laço, onde creu ter apanhado
A virtude do sancto cavalleiro,
Nova c'roa de glória lhe viçava
Na honesta frente. — Em tão escura sombra,
Tal formosura... occasião tão bella!...
Capacitar-se o diabo não podia
Que tanta fôrça houvesse n'um mancebo,

Que resistisse a tal. — Mas onde a leva
Elle agora? — Sabido é que o diabo,
Que tudo sabe, só futuro ignora.
Deu a voar, e segue pelos ares
O joven par no rapido galope.

X

Nos braços apertando o doce pêso,
Corria o cavalleiro, e lhe batia
O coração. — Surriu de ouvir-lh'o o diabo
Tão apressado, e disse lá comsigo:
— «Tu que bates assim, má tenção levas.»
No emtanto a donzella, mal desperta
Do somno ainda, que pensar não sabe
Do estranho successo que a acordára:
Se vela ou sonha, se anjos a conduzem
Ás regiões do ceu, ou se o maligno
Espirito a arrebata ás profundezas
Do abysmo, duvidosa, nem se atreve
A abrir os lindos olhos; e tremendo,
Incolhendo-se toda, mui baixinho
Ao bento anjo rezava da sua guarda.

XI

Porém alfim curiosidade vence
Afinal sempre em feminino peito.
Quem a leva roubada? anjo, ou demonio?
Vêr-lhe a cara deseja. E se elle é negro?..
Credo! — Mas pouco e pouco vai abrindo
O cantinho do ôlho. Alta a viseira
O mancebo levava; e o bello rosto
— Que bello era e gentil — se descobria
Entre as luzentes armas de aço fino,
E sob o elmo implumado — qual nos pintam
O triumphante archanjo aos pés calcando
Revel esp'rito que venceu nos plainos
Do ceu em regular, campal batalha.

XII

Ao incarar com tão formoso gesto,
O medo todo lhe fugiu do seio:
E a grata persuasão que em corpo e alma
A leva ao ceu um anjo tão bonito,
Certeza foi que de prazer celeste
Lhe inunda o coração. — Mas será sonho?
Nunca elle acabe sonho que é tão bello.
Com medo de acordar, seus lindos olhos

Fogem da luz do dia, e só se entr'abrem
Para gosar da angelica presença
Do roubador gentil. Emtanto o joven
Sente o doce calor do brando corpo
Os membros repassar-lhe, e dar rebate
Ao sangue, que agitado já circula,
E em seu tropel o espirito involvendo,
Sensações menos puras, logo ideias
Peccaminosas...feios pensamentos,
E ao cabo tentações...Já não surria,
Mas dava pulo o diabo de contente.

XIII

Eis ao subir de pedregosa incosta
Agra e difficil, do alto da montanha
Vozes mil a gritar: — «Ei-los vão, ei-los!
O roubador infiel ei-lo e a princeza.
Acudi, acudi, vingae no infame
Nossas injúrias todas.» — E redobra
O alarido das vozes tumultuárias;
E gritando corriam, e descendo
Dos lados todos, breve tem cercado
O cavalleiro multidão de Moiros
Que em fúria cresce, e emtôrno se amontôa.

XIV

É povo mal armado e descomposto,
Gente soez, e sem valor nem brio,
Mas forte pelo número, e terrivel
Na fanatica sanha que os excita.
Embalde o cavalleiro o corcel volta,
Embalde tenta de descer de novo,
E salvar-se na fuga: a turba immensa
De toda a parte acode. Atropellados
Do fogoso cavallo, a muitos prostra;
Mas outros, e outros véem: ceder é fôrça.

XV

Ceder! um Portuguez, e um cavalleiro!
Oh! que pesado então lhe foi o leve,
O doce pêso que a seu peito aperta!
Que fará? Lança e escudo lhe fallecem.
Mas ceder! isso não: co'a esquerda abraça,
Defende a linda dama que estremece;
A destra brande a espada formidavel,
A cujos golpes o infiel desmaia;
E cáem como espigas em calmosa
Sésta d'estio aos golpes do ceifeiro.

XVI

E a bella! — Oh! despertada alfim do sonho,
Suas magas illusões se desvanecem.
Cruel realidade! Quem é elle?
Como a roubou, e aonde, onde é que a leva?
Porque assim a perseguem esses Moiros?
Oh! isso intende, isso conhece a triste.
Claros os gritos são. Mau fado a espera
Se em suas mãos cair. Oh Deus que susto!
Com o seu roubador, seu cavalleiro,
Seu defensor...Ou como hade chamar-lhe?...
Se abraça, e esconde o rosto delicado
No seio aspero e ferreo da armadura.
Mas é já tarde, já reconhecida
Foi da turba infiel. — «Oriana!» bradam:
«Oriana!» sôa emtôrno. Co'este nome
Cresce a raiva, o furor nos combatentes,
A quem resiste impavido um só homem.

XVII

«Oriana» repetindo, imbravecidos
Investem; mas o nome que os excita,
Como se fôra magica palavra,

Respeito lhes inspira: os golpes vibram,
E no meio do golpe a mão descai-lhes,
E o peito deixa aos botes desarmado
Da espada do Christão. — Já da matança,
Já de tanto ferir lhe afroixa o braço;
E as fôrças pouco a pouco a fallecer-lhe...

XVIII

Tem pois de succumbir. Pereça embora;
Embora...Mas á fúria d'esses barbaros
Abandonar a victima innocente
Que elle insensato ao sacrificio trouxe!
Uma virgem christan! Ceus! e tão bella!
Jamais. — Resta-lhe a esp'rança derradeira
De chamar pelos socios que lhe acudam:
Se o ouvirem, poderão valer-lhe
E ajudá-lo a salvar a desgraçada.
O corno toca; os sons repete ao longe
O echo das montanhas. Já o ouviram,
E o usado som de Mem reconheceram
Os socios que, não longe, começavam
A sentir o alarido da peleja.
O passo dobram: ei-los...oh ventura!

São a milhares a moirisca turba;
Mas seis de Sanctiago! — Ávante! e rompem.
Sanctiago e ávante! — Em roda estam do amigo.
Vidas como éstas caro são vendidas;
E tarde, se a perderem, a victoria
Só coroará os lividos cadaveres
Do vencedor, a quem se deu maugrado.

XIX

O inimigo recúa. Sêccos troncos
De figueiras, que ahi jazem, incastellam
Uns; em quanto outros á lançada viva
Seu trabalho defendem. Já completa
É a tranqueira, e a tempo; que os cavallos
De cançasso e feridas se abatiam.
A suas frageis muralhas se acolheram,
E da turba que os cérca se defendem,
Como leões á bôcca de seu antro
Pelos filhos e espôsa combatendo.

XX

Ai da formosa, incognita donzella!
Que ao deslaçar os braços delicados

Do corpo do mancebo, os lindos olhos
Cheios de amor e lagrymas levanta
Para o ceu, para elle, e : «Adeus» lhe disse :
«Adeus! Que breve foi, e que amargado
O prazer d'este abraço!» — Ai cruas vozes,
Tão meigas, tão crueis! abriu-se-lhe alma
Ao joven; e a paixão, que lhe escondiam
Suas chymeras vans, toda lhe avulta;
Co'esse golpe de morte lhe rebenta
O amor télli no coração occulto.
Oh transe! amor travando o braço á morte!
A eternidade em meio da ventura!

XXI

Os olhos do mancebo se inturvaram,
O sangue que vertiam mil feridas,
Parou. Já n'esse instante a última vida
Do coração fugia... Suspendeu-lh'a
Co'a fòrça do prazer, da dôr o excesso.
Qual soem suspender oppostos ventos
Ao lume d'agua, em cabo procelloso
A sossobrada nau. — Anjo da morte
Porque retiras a aza côr da noite,

Que lhe estendias sôbre a frente livida?
Doce é morrer assim; mas todo o calix
Do passamento, té ás fezes negras,
Bebê-lo! — Oh! cruel és, anjo terrivel.

XXII

De novo jorra o sangue das feridas,
E exanime clamou: — «Oh Deus!» seus labios
Descorados na face da donzella
Osculo imprimem, o primeiro — e o último!
A virgem não corou: solemne, e augusto
É o extremo da vida; não ha peijos
Na despedida ás portas do sepulchro.

XXIII

— «E quem és tu, incognita beldade?»
—«Eu?» volve a virgem: «eu? Sangue inimigo
Teu e da Cruz nas minhas veias gyra;
Sangue de reis... sangue fatal! Raiou-me
A fé por entre as trevas de seus êrros:
Minha mãe foi Christan, e a agua sem mancha
Do baptismo banhou meu corpo infante.

Este é o crime que a plebe amotinada
Persegue em mim. A seu rancor fugida
Tinha vindo acoitar-me n'estes bosques
Onde um velho ermitão, por caridade,
Em sua rustica choça dava abrigo
Á irman de Aben-Afan.»

— «Tu irman d'elle!
E eu fui que te perdi... Ai! fui eu, triste.»
Toma a espada, e com impeto que mostra
Fôrças maiores já do que as da terra,
E sem mais proferir, dá sôbre os Moiros
Com fúria tal, que innumeros lhe caem
Aos pés d'um bote só. Porém foi esse
De Sansão moribundo extremo esfôrço:
Sôbre o montão das victimas que immola,
O sacrificador exangue accurva;
Sem vida cai. Não o vingueis, amigos:
Não caíu bravo em campo de batalha
Mais gloriosa quéda; não deis lagrymas
A quem só derramou em vida e morte
Sangue inimigo e seu. Mem não existe:
Folgae, filhos d'Agar, sôbre o seu tumulo.

XXIV

Olhos formosos que lhe a morte déstes,
Chorae vós, sim chorae!...Mas tanta perda
Ignora ainda a bella causa d'ella.
Não o viste cair, gentil Oriana,
Que no meio dos fortes cavalleiros,
No chão prostrada, supplice invocavas
Ao ceu perdão, do ceu misericordia,
E gemes, como a rôla solitaria
Sôbre o lascado ramo do pinheiro,
Quando os ventos do outomno tempestuoso
Da emigração a quadra lhe annunciam:
Ai! caçador cruel lhe ha morto o espôso,
E seu terno arrulhar o chama ainda.

XXV

Com a morte de Mem coragem ganham
Os infieis, e afroixa nos de Christo
O ânimo não, mas esse mais que humano
Esfôrço gigantesco, enthusiasmo,
Que não só p'rigos sem pavor arrosta,
Mas a infallibil perda, a morte certa,

Sem lhe attentar no horror, com gôsto incara.
Lassos de combater, de sangue exhaustos,
Que a jorros corre dos golpeados membros,
Os que fortes exercitos venceram,
E são terror de bellicosas hostes,
Ante uma vil, desordenada turba
De alvoratada plebe já succumbem.

XXVI

Eis a correr do alto da montanha
De redea larga vem um cavalleiro
Ancião, de longas barbas venerandas,
Nem armado, nem seu trajar indíca
Linhagem nobre; mas nobreza d'alma
Brilha em suas feições. Ao chegar perto
Dos combatentes, moderára o passo,
E grave se approxima do tumulto
Com semblante sereno. Erguendo a destra:
— «Suspendei» disse: «suspendei as armas;
Escutae-me um instante.»
A inesperada
Falla do velho á sanha da peleja
O furor suspendeu: pára o combate;

E curiosos da causa que o alli trouxe,
Attentos Moiros e Christãos o attendem.

XXVII

— «Illustres cavalleiros, escutae-me,
Filhos de Agar, ouvi-me: injusta guerra
Fazeis todos: o sangue desparzido
N'este dia fatal ao ceu bradando
Está vingança, e todo ha recaido
Sôbre minha cabeça. Eu a princeza
Oriana dos reaes paços de Tavira
Na fuga auxiliei, ao respeitado
Bosque d'Almargem a levei, e em guarda
A um eremita sancto a dei eu mesmo.
Mas essa que buscaes ha tanto tempo,
Mas essa, por quem hoje heis combatido,
Não é já vossa, não: Oriana, a bella,
A real Oriana aos êrros e mentiras
De vossa falsa lei jamais deu culto.
Christan é, Christan foi desde a primeira
Hora da vida.»
— «Ella Christan!» exclama
A maura turba com horror e espanto.

XXVIII

—«Sim, Christan sou» lhes diz, alevantando-se
A princeza gentil; e no ar, no gesto
Lhe brilhava um splendor de majestade,
Que, entre essa multidão d'homens armados,
Sanguentos, golpeados, parecia
Anjo de paz que vem de ordem do Eterno
O cru flagello suspender da guerra.
— «Sim Christan sou: e o Deus só verdadeiro,
Que á sua sancta luz abriu os olhos
De minha mãe, que em sua glória é hoje,
Constancia me dará para o martyrio,
Para alcançar a immarcessivel palma
Que me espera no ceu. Vinde; essas armas
Para meu peito dirigí; tormentos
Inventae novos; tudo com delícia
Receberei de vós, com prazer d'alma;
Tudo... Piedoso Deus! que hei visto!» — Pára-lhe
A voz e a vida; cai: no gesto livido
Véo de morte se estende. A malfadada
No cadaver de Mem, que jaz por terra,
Fixára acaso os olhos descuidados;
E do golpe fatal, que inda ignorava,
Repentino ferida, á dôr succumbe.

XXIX

Alvaro e os mais Christãos, que a viram subito
Desmaiar e cair — não suspeitosos
Da causa de seu mal, hallucinados
Em tanta confusão — de tredo golpe
Por mahometano archeiro a crem ferida.
De horror e indignação furiosos bramam;
E Alvaro lhes clamou: — «Amigos, eia!
Este resto de sangue que inda gyra
Em nossas veias, pouco é, porém corra
Portuguez té á gotta derradeira.
Que nos sobra de vida? Escassas horas:
Seculos fossem ellas, á vingança
De crime tanto e tal votadas sejam.
Sanctiago, e ávante! nossa é a victoria,
E triumphantes nos receba a morte!»

XXX

As fogosas palavras do mancebo
Nos corações que apenas palpitavam
Exangues, semimortos, vida e fogo

D'enthusiasmo infundem. Quaes rompentes
Leões, investem contra o Moiro, em fúria.
A jorros corre o sangue; a vozeria
Dos combatentes, gritos dos feridos,
E o arrancar dos moribundos fórma
Consonancia medonha. Acostumado
Não era á guerra o venerando velho
Que, esperando salvar os cavalleiros
Á custa de sua vida, alli viera.
Conhece todo o Algarve o nome e a fama
De Garcia Rodrigues, o mais rico
E honrado mercador d'aquellas eras,
Que em seu tráfico honesto, recovando
Entre os Moiros do Algarve e as portuguezas
Terras vizinhas, grande accumulára
Haver de ouro e riquezas. Protegido
Da defuncta raínha, e íntimo sempre
De frei Hugo, quando este disfarçado
Nos habitos e modos de moirisma
No palacio de Sylves demorava,
Tão prudente e avisado andára sempre
Que nunca aos Musulmanos fôra odioso.
Depois, morta a raínha, e Hugo partido
A fazer-se ermitão em Monteagudo,
Continuára em seu trato, e a ir ao paço

Vender suas mercancias costumadas.
Co'a princeza Oriana alli fallava,
E em grande segredo lhe trazia
Livros, rezas christans, bentas reliquias
E outras consolações que a confortavam
No desamparo e susto em que vivia.

XXXI

No proprio dia a Sylves era vindo
Que em torrentes de sangue se afogára
O tumulto da plebe amotinada
Contra Oriana; e vendo-a resolvida
A fugir para sempre as impias terras
Dos inimigos de sua fé — deixára
A mercantil, habitual prudencia;
Com grande risco de fazenda e vida
Elle proprio, uma noite bem fadada,
A levou nas recovas escondida,
Que o não sonhou ninguem. Passou as portas
Da alcaçova, e passou as da cidade,
Escapando a perigos infinitos,
Que só pensá-los faz tremer. Andando
A bom andar, chegou áquelle bosque
Do Almargem, e o seu furto precioso

Deu a guardar a um sancto velho monge
Que alli vivia em solitario hospicio
Dos lá da Serra d'Ossa dependente.
Alli a vinha vêr o bom Garcia
Sempre quando passava em seu contínuo,
Usual peregrinar. Caminho agora
Ia de Alvor, quando escutou o ruído
E a causa soube do fatal combate,
Que a apaziguar correu... em vão. «Salvá-los
É impossivel!... Pois» disse elle «morra-se
Como homem tambem!»—Impunha a espada,
E sôbre os Moiros deu como homem que era.

XXXII

Novas emtanto da fatal peleja
A Cacella chegaram. Parte á pressa
C'os seus o mestre, esperançado ainda
De soccorrer os nobres combatentes.
Tavira passa; os Moiros, aterrados
Do furor com que vem, passá-lo deixam.
Chega... ai!... tarde. Já lividos cadaveres
Sôbre montões dos que immolou seu ferro
Jazem os sette heroes. Tropheus d'emtôrno
Seus imigos lhes são, que os precederam,

E ás regiões baixaram do sepulchro
A annunciar do vencedor a vinda.

XXXIII

Mas os Moiros do campo da batalha,
Em vendo o mestre vir, se retiraram
Açodados co' o medo da vingança.
E elle, a quem no peito ância rebrama
De punir tão cruel aleivosia,
Os preciosos despojos recolhendo
Dos nobres cavalleiros e do honrado
Mercador, no alcance vai dos Moiros,
Que em vão fogem. Cruento sacrificio
As sombras dos heroes alli recebem:
Milhares caem. De Tavira ás portas
Acossados os leva; e as portas, que abre
Para acolher os seus o Musulmano,
Ao mestre foram triumphal entrada
Na capital do sobjugado reino.

XXXIV

Do Algarve a capital cede a dom Paio.
Mas em Sylves o rei no forte alcaçar

Crem todos; e acabar c'o infame jugo
Dos infieis em terras portuguezas
Jurára o mestre. Bem guardada e forte
Deixa Tavira, e sôbre a antiga Sylves
Vai com a flôr dos seus ebrios de glória.

CANTO OITAVO

I

Ai de ti, Silves, de tuas nobres tôrres,
Teu alcaçar tão forte! Quem resiste
Ás espadas terriveis de Sanctiago?
Já de redor dos muros, que de lanças,
De frechas, de besteiros se coroam,
Suas tendas assentou, suas azes posta
O invencivel mestre. Já trabucos
Acestam, catapultas véem de rôjo,
Máchinas, ligneas tôrres; e se dobram
Acubertados couros, protectores

De escaladas e assaltos. Mas de dentro
Dos muros os cercados se apercebem
Para a defeza: ardentes alcanzias,
Duros cantos, ferradas longas varas
Que os incendiarios fachos arremessam
Ás inimigas fábricas. Redobra
Corage em uns em outros o perigo.
Pregam no campo frades indulgencias,
Na cidade os imans novas promessas
Fazem de houris e paraizos: folga
Emtanto a morte, e para a ceifa crua
Co' um perfido surriso a fouce afia.

II

Dom Paio em suas tendas, rodeado
Dos cavalleiros principaes, com elles
Nos desenhos do assédio praticava,
E no mais que a seu cargo e pôsto cumpre.
Um homem d'armas entra, e ao conselho
Annuncia que ao campo um messageiro
Do rei de Portugal n'essa hora chega.

III

—«Que novas traz?»
—«Sabê-lo-heis mui presto,
Que não tarda comvosco; e sua messagem,
Diz só a vós dará.»
—«Embora venha:
E praza ao ceu que do valente Affonso
Nos traga alfim o tão pedido auxílio.
Gran' mister hemos d'elle. Cavalleiro
E generoso é Affonso; a nenhum outro
De toda Hespanha com mais gôsto déra
Preito do que hei ganhado: mas importa
Que a levarmos ao cabo ésta conquista
Nos ajude elle; senão...reis não faltam;
Deus proverá, e a nossa espada ao resto.»

IV

O arauto, com solemne e grave passo,
A dom Paio caminha, e volteando
Tres vezes no ar o seu bastão dourado,
Em som lento e pausado assim lhe falla:
—«Da parte do mui alto e poderoso
E temido senhor, rei dom Affonso
De Portugal e Algarves, a dom Paio,
Mestre de Sanctiago, cavalleiro

Muito nobre e esforçado, vem dom Nuno:
Sua embaixada traz.»
—«Entrae.» Entraram.

V

De suas ricas armas cizeladas
Vinha armado dom Nuno: por de cima
Da malha sobreveste d'ouro e seda
Orlada com franjões de fina prata,
Passamanes do mesmo, e sôbre o peito
Bordada a Cruz azul, insignia antiga
Do reino, e embaixador que o representa,
Segundo usança é. — Este, inclinando-se
Ao mestre, disse então:
—«Senhor dom Paio,
Elrei, e meu senhor, que a vós me manda,
Vos envia saúdar, como a quem preza,
E muito estima vossas nobres partes,
E a respeitavel ordem de Sanctiago,
Cujo sois digno mestre. Sabei como
Prouve ao muito alto rei de Leão, Castella,
De Toledo, de Cordova e Sevilha,
Murcia e Jaen, imperador augusto,
Sempre feliz, a meu senhor e amo,

Elrei de Portugal, n'este seu reino
Investi-lo do Algarve; e vos ordena
Que lhe intregueis castello e fortalezas
E logares e villas que heis tomado;
E preito lhe façaes e homenagem,
Como a senhor e rei. E mais vos trago
Que em marcha com sua gente a estes sítios
Vem elrei meu senhor, com tenção firme
De ajudar-vos na sancta imprêsa vossa
De libertar suas terras do pesado
Jugo de Moiros: no que muito conta
Comvosco e vossos nobres cavalleiros,
A quem honra e mercês fará condignas.»

VI

—«Venhaes embora» o mestre respondia:
«Sejaes bem vindo vós, e a vossa alegre
Messagem que trazeis, senhor dom Nuno.
Portuguez sou, e portuguez me prézo
De ser do coração; e muito folgo
De intregar nossas praças e castellos
A rei tal e senhor. Em hora boa
Venha elle a tomar nossa homenagem,

E a conquistar o mais que no seu reino
Inda infieis lh'o téem. Com mãos á obra
Nos achaes, cavalleiro: d'ésta Sylves,
Onde o moirisco rei temos cercado,
O resto da conquista está pendente;
E... mas vejo-vos rir!... Não sei que o caso...

VII

Nuno surria, e em gestos se expressava
De quem do mestre aos dictos fé não déra.
—«Não tomeis, senhor meu para má parte
Este surrir:» contendo-se dom Nuno
Lhe tornava: «De Aben-Afan dizeis
Que o tinheis hi cercado... E sei eu certo
Que algures elle está, que não em Sylves.»
—«Sabeis?»
—«Sim, sei.»
—«Muito sabeis! Contae-me.»

VIII

Nuno então conta ao mestre, que pasmava,
Como, da infante em companhia, a Holgas
Indo, o rei moiro subito os tomára,

E elle só, por estranho caso, a vida
Salvára e liberdade; — que escondido
Na cêrca do convento, deparando
Com um Moiro, o matára, e em seus vestidos
Á pressa disfarçado, Aben seguíra
Té a uns formosos paços, onde a infante
Só com Aben-Afan entrar poderam,
E que subito os paços se sumiram.
Que certo havia alli incantamento
Ficou elle; porém logar e sítio
Bem o conhece, e taes signaes tem pôsto,
Que hade com elle dar. D'ahi partido
A elrei se fôra a lhe contar do roubo
E desacato da real infante.
Que de vingar sua honra e a de sua filha
Jurára Affonso; e a Beatriz, sua espôsa,
Mandára ao pae a lhe pedir do Algarve
Terras e senhorio, resoluto
A acabar d'ésta feita co'a vil raça
De Mahometh. Em tudo consentíra
O bom do imperador: e elrei á pressa
Vem caminho do Algarve, a invicta espada
Jurando não depôr sem que no sangue
Do derradeiro Moiro a injúria lave.

IX

—«Mas se incantada a infante» diz dom Paio,
«C'o Moiro está, que vale guerra e sangue
Para o cobrar?» — «A tudo se ha provido»
Nuno volveu: «com elrei vem quem sabe,
E tudo póde em coisas taes d'incantos.
Certo, que nomear tereis ouvido
Frei Gil de Santarem...»
—«Frei Gil!... Oh! valha-nos
Sanctiago!» á uma os cavalleiros dizem:
«Traz comsigo esse frade dom Affonso?»

X

—«E porque não?» dom Nuno respondia:
«Sim traz; mas não sabeis quanto mudado
Está frei Gil. Do diabo, a quem vendêra
A alma pelo podêr da bruxaria,
O escripto cobrou que lhe fizêra
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o diabo, a quem servíra escravo
Como a senhor o serve; e é maravilha
Ouvir casos e coisas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina

Nunca sancto a pregou a fino diabo,
Do que o padre frei Gil; fá-lo ir ao côro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se até.»
—«Mas quem vê isso?»
—«Ninguem senão frei Gil: boa era essa!
Se o víra alguem, forte milagre fôra.»[47]

XI

Riram os cavalleiros do bom lôgro
Que pregára ao demonio o sancto frade.
E o mestre, incarregando da ordenança
Do cêrco e mais governo que cumpria,
Ao commendador mor, se foi, com parte
Do conselho da ordem, ao caminho
De Selir, a esperar elrei Affonso,
Que para ahi direito em marcha vinha.

XII

Já longo o cêrco a parecer começa
Aos sitiantes; rapida a victoria
Télli os precedeu: emfim o auxílio
Do monarcha porá termo ás delongas,
E acabará c'o imperio musulmano

Nos libertos Algarves. — Se podessem
Todavia vencer sem esse auxílio!
Veda-lh'o a ausencia do esforçado mestre.
Sem elle aventurar-se a dar assalto
Não ousarão, nem devem. Surdas minas
Lavrando vão caladamente emtanto
Com direcção do alcaçar, que o mais forte
Lanço é da praça toda, e decisivo.

XIII

Segue de perto aos que trabalham, prompta
A escolha dos mais bravos e atrevidos
Na subterranea estrada, que já longa
Cresceu: prestes estam de peito e d'armas
A qualquer caso, ou contramina os cruze,
Ou, repentino, a bem guardada estancia
De inimigos os leve seu trabalho.

XIV

O ardido Nuno entre os primeiros sempre
É na glória e perigos. Voluntario
Se off'rece a ir na subterranea imprêsa.
Por capitão de todos o pozeram
E a direcção da mina lhe intregaram.

Trabalhavam um dia, eis — «Vozes sinto»
Disse parando na obra um dos soldados.
—«Escutemos: silencio!» Nuno acode.
E álerta ouvidos, e calado é tudo,
Vozes se ouviam, mal distinctos echos,
Sons abafados, como uns ais perdidos
De infeliz a quem vivo sepultassem
Nas intranhas da terra, e que em lamentos
—Vãos! —conjurasse o horror de seu destino.

XV

—«Manso continuae vosso trabalho»
Diz Nuno: «descubramos d'onde nascem
Estes estranhos sons.» Vão pouco e pouco
Leve e leve, minando a terra dura.
Já clara a voz se ouvia: feminino
Era o accento gemedor e afflicto,
E como supplicante: crebros golpes
Se ouviam c'os lamentos misturados,
E um rouco murmurar de voz sinistra.
— Supplício, algoz, e victima parecem.
Tão proximos estam, que se distinguem
As fallas já.
—«Piedade!» diz voz trémula:

«Piedade! eu desfalleço, eu morro...»
—«Amigos!»,
Bradou Nuno: «á uma os ferros, eia!
Salvemos essa victima innocente
Da mahometana barbara maldade.
Rompei d'um golpe só o estreito espaço.»

XVI

Mal dissera, aos alviões nas mãos robustas
Cede a terra, e caindo patenteia
Á vista dos attonitos guerreiros
O lobrego recinto de medonho
Subterraneo, horrivel calabouço.
Uma lampada funebre, que ardia
Suspensa em meio, triste luz reflecte,
Clara porém, na profundez do antro.
Em pé spadaúdo Moiro como estátua,
De medo e pasmo está; seus olhos fixos,
Seu gesto horrendamente contrahido
O pavor, a crueza, o susto, o crime
Alternados debuxa. Tem na destra
O instrumento de barbaro supplício,
Azorrague sanguento. Juncto delle
No chão prostrada ũa mulher... Vergonha

Me abafa os sons nas cordas que estremecem:
A indecorosa posição... pintá-la
Meus versos ousarão?.. Em terra os joelhos
Poisava, e em terra a face; co'as mãos ambas
Cobre-a, de peijo, — o seio incobrem vestes;
Mas o restante... oh! não as tem mais bellas,
Nem mais patentes Callipygia Venus,
As fórmas immortaes que nome e fama
Dão ao cinzel e marmore divino.
Matizam crus signaes o alvo dos lirios,
Como sóe no vergel tulipa rosa
Entre as cecens brotar. — Mais se divisa
Outra flôr... Caia o véo sôbre o meu quadro.

XVII

Véo de pudor cobriu os olhos castos
Dos guerreiros christãos. Seu manto arroja
Nuno á infeliz, e co'a outra mão travando
Da barba hirsuta do algoz: — «Malvado!»
Lhe brada: «mas que vejo! tu! É sonho,
Ou és tu mesmo? Como n'estes habitos
Co' esse turbante, infame renegado?
Eterno Deus!.. Vil monstro de maldade,
Falla: quem é ésta innocente victima
De teu furor cruel? porque a ferías

Tão despiedado? Falla, ou n'este instante
A merecida morte...»

XVIII

Um suor frio
Cobria o Moiro, os dentes lhe batiam,
E os membros contrahidos lhe estremecem.
Qual ceifeiro robusto, a quem na messe
Tomou quartan violenta, co'a mão trémula
Aperta a foice, e em vão chamar os socios,
Bradar procura em vão; no aberto sulco,
Sôbre os feixes d'espigas que ha colhido,
Cai opprimido d'ância e quebramento.

XIX

—«Malvado!» exclama Nuno: «segurae-o,
Mas não toqueis, por Deus, n'essa cabeça
Ao cutello votada da justiça.
E vós, senhora, cobrae fôrça e ânimo,
Que não estaes com barbaros: respeito
E piedade achareis. Auxílio e amparo
Por cavalleiros e Christãos devemos
Ás damas; nem nos veda a differença
Do culto e religião...» — C'um gesto a dama,

Em que, apezar do peijo e abatimento,
Sobresahe dignidade e formosura
De nobreza e virtude, alevantando-se
Gravemente, o interrompe co'éstas vozes:
—«Meu culto e religião, senhor, é o vosso;
Christan sou, por Christan hei padecido,
E de meu padecer uma só queixa
Tenho elevado ao ceu — que lento e brando
Não me haja dado a suspirada morte.»

XX

—«Nobre dama, comnosco ao regio Affonso
Vinde; e recebercis honra e justiça,
Qual se vos deve. Nome e sangue ignoro
De tão bella senhora, mas porcerto
D'alta progenie o tenho.»
—«Em mal! bem alta.»
—«E portuguez?..»
—«Senhor, moiro é meu sangue,
Musulmanos os meus, Christan eu unica.
Não me pergunteis mais; eu vo-lo rógo
Por vossa cruz: levae-me presto ao campo,
Onde os soccorros que ha mister minha alma,
Incontrar possa.» — Prompto, Nuno ordena
Ás guardas e vigias o que devem

Em sua ausencia fazer, e co'a formosa
Dama e c'o velho Moiro ao campo volve.

XXI

Soavam atabales e trombetas,
Que tangem menestreis: todo um triumpho
O arraial parecia. — «Ei-lo que chega,
Ei-lo! Real, real por dom Affonso
Do Algarve e Portugal!» mil vozes clamam.
E do mestre e dos seus acompanhado
O magnanimo Affonso, n'um formoso
E suberbo andaluz montado, vinha
O campo entrando. Os vivas de alegria,
As saudações do povo e dos soldados
Benigno acolhe: mas profunda mágoa
No rosto impressa traz; ri-lhe nos labios
Doce affabilidade, que os monarchas
Portuguezes outr'ora distinguia,
Mas a frente pesada de cuidados
Em vão se aliza, as rugas da tristeza
Sob o diadema d'ouro se lh'increspam.

CANTO NONO

I

O estendarte das Quinas tremolava
No pavilhão real; e essa alegria,
Que em deredor festiva se agitava,
Na tenda do monarcha não penetra:
Pesado é tudo ahi. Seus ricos-homens
Se compoem no silencio e na tristeza
Que da frente do principe reflecte.
A mão no rosto pallido, e c'os olhos
Fitos no vago, Affonso meditava.
O que vai por essa alma, ó rei?.. Memórias

De Bolonha serão? Lagryma a lagryma,
Estás sentindo as da infeliz Mathilde[48]
No coração traidor cair-te agora?
Se do vendido thalamo... vendido!
Porque o vendeste, rei; não foi cegueira
Perdoavel de amor, senão cubiça,
Fria crueza de ambição a tua...
Se do vendido thalamo as saudades
Vingadouras talvez véem perseguir-te?
Ou se — que é rico de remorsos e amplo
O teu quinhão de rei — se outro remorso
Te estará sollevando a lagem negra
Que em Toledo a outro rei[49]... teu irmão era!
Deu estranha piedade por esmola?
Ai Affonso! E perdeste a filha, e choras
E accusas os ceus! Os teus são crimes
Que a Divina justiça não espera
Para os vingar depois na eterna vida.

II

Foi este derradeiro pensamento
Que por certo o feriu. Turbado, aflicto
Fez signal que o deixassem. Nobres, pagens,
Tudo se retirou. — «E que me chamem»

Disse «Frei Gil.» E a frei Gil chamaram;
E só entrou a elrei; e a sós são ambos.

III

—«Padre» torvo d'aspecto Affonso clama:
«Padre, que heis descoberto? Que esperanças,
Que novas me trazeis?»
—«Tem confiança
Em meu podêr, ó rei dos Portuguezes.
Tua filha verás, vê-la-has. Mui cedo
É para se cumprir a grande obra
Em que impenhadas tenho minhas artes,
Minha sciencia toda.»
—«Muito ha, padre,
Que o prometteis assim, e... Desculpae-me:
Sou pae; e nenhum pae nunca amou filha,
Como eu a minha Branca; nem mais digna
De amor e de ternura houve outra filha.
A meu pesar, confesso, que aos altares,
Inda mal! a cedi. Triste presagio
Me agourava seu fado.»
—«Rei, és homem:
E como homem és fraco e miseravel,
Pèsa-te o quê? Da filha que has votado

A um Deus que reino a reino te acrescenta?»
—«Oh! mas a minha filha, a minha Branca?..»
—«Tua filha verás: sou eu, Affonso,
Que t'o asseguro. Do immundo espirito,
Que hei forçado a servir-me e obedecer-me,
A resposta alcancei: não está longe
A abbadeça d'Holgas d'estes sítios.»

IV

—«Aonde, aonde está?» bradou Affonso
Levando a mão á espada: «Quero eu proprio,
Eu só, por minha mão...»
—«Tua mão, tua espada,
A tua cr'oa, o teu sceptro que impenháras,
Não são nada sem mim. Que sois vós outros,
Reis da terra, que fôra o vosso throno,
Sem o amparo do altar? Vai perguntá-lo
Á campa de Toledo e aos deshonrados
Ossos de teu irmão...»

V

Acovardado
Tremia o conde de Bolonha; o forte

O ousado Affonso treme, e respeitoso
Deante do humilde frade mais humilde,
Com submissão se inclina.
Relaxando
Na asperidão da voz, frei Gil prosegue
Com mais suavidade: — «Ouve, liberta
Será Branca por mim; nem longe é o dia.
Quando o ramo de peste em talha de ouro[50]
Fôr escondido, quando o bento orvalho
Estender seu influxo a terras d'impios,
Quando em noite mais clara do que o dia
Escurecer o ceu sombra de mortos,
E o gallo preto annunciar a hora
Fatal a incantamentos e á possança
Dos espíritos do ar, liberta é Branca.
N'isto confia, ó rei: mas grande e forte
É o podêr que a guarda, grande imperio
É o do genio que a retem captiva.
De confiar-t'o duvidei té-gora;
Porém força é que o saibas: protegido
Da raínha das fadas é o joven
Roubador de tua filha. Nem violenta
Em seus torpes abraços está ella:
Fatal incanto a cega, poderoso
Feitiço a inamorou...»

—«Oh Deus! que horrores!
Meu sangue, a minha filha? Que vergonha
Me annuncias!.. Oh! venha a desgraçada:
Seu juiz, seu algoz serei eu mesmo!»

VI

—«Não o permitta o ceu» Gil o interrompe:
«Não o permitta o ceu: altos decretos
São do destino eterno; adorar deves,
E conformar tua vontade humilde
Com a vontade summa. Penitencia
De seu êrro fará; e hade aplacar-lhe
A penitencia sua as íras justas
Do espôso e do ceu. Mas a salvá-la,
A quebrar seu incanto é necessaria
Uma difficil coisa.»
—«O quê?»
—«Tres gottas
Sem ferro havidas, e do sangue proprio
Do roubador.»
—«De Aben-Afan? Burlaes-vos,
Padre, zombaes de mim? Não me haveis dito
Que com ella no mesmo incantamento
Esse perfido Moiro está?»

—«Sim disse.»
—«E então?..»
Fechando os olhos, e a myrrada
Mão alçando, murmura com voz trémula
Frei Gil: — «Perto de nós está seu sangue.»

VII

Mal éstas vozes pronunciára o frade,
Da tenda o reposteiro alevantava
Um cavalleiro: é Nuno acompanhado
D'aquella aflicta dama; a elrei se chega
Ainda transtornado do despeito
E indignação: — «Perdoae minha ousadia,
Rei e senhor» lhe diz: «justiça venho
E piedade implorar. Horrendo crime,
Barbara affronta a Deus e á humanidade,
Clama por vós, senhor, a grandes brados.
A queixosa, a offendida é a bella dama
Que aqui vêdes; o reu... Interrogae-a,
E d'ella o sabereis.»
—«Formosa dama,
Justiça vos farei; tende bom ânimo.
E se de vossa affronta é tal o caso,
Que só a desaggrave espada ou lança

Em raso campo; cavalleiros tenho
Que por tão bella dama se apresentem
A defendê-la em cêrco ou estacada
Contra o proprio Amadis. Mas vossos trajos
Á usança moirisca me parecem;
E vós, senhora, sois?..»
—«Moira hei nascido:
E Christan sou. Mas de meu triste caso
Vos dirá esse honrado cavalleiro.
Desculpae-me, senhor; longos discursos
Meu padecer e mágoas não toleram.»

VIII

Nuno então conta da lavrada mina,
Do subterraneo carcere, e do incontro
Que ahi teve; refere o mais que ouvíra
Dos cavalleiros que ao fatal combate
De Antas em tardo auxílio haviam ido,
E ésta dama em podêr da maura turba,
Quando fugia, a viram: e sabido
Tinha dos prisioneiros como a causa
Do combate ella fôra, e como filha
Era de régio sangue; e convertida
Sua mãe á fé de Christo, a baptizára;

Como por tal dos Moiros perseguida,
O mercador Rodrigues lhe valèra
E a levára ao Almargem, onde occulta
Estivera em podêr do sancto monge
Que demorava alli. Aodepois narra
De Antas a crua historia, e como havendo
Succumbido os Christãos na fatal lucta,
Os infieis a Sylves a levaram,
E n'um medonho, subterraneo carcere,
Por comêço de tratos, a arrojaram.

IX

—«Como foi minha dita libertá-la,
Já vos disse, senhor» Nuno acrescenta:
«Mas os tormentos crus, mas a impiedosa
Injúria atroce que um perverso monstro
Lhe ha feito... oh! não me atrevo a referi-la.
Concedei-me, senhor, que ante vós traga
O reu, e pasmareis de conhecê-lo.»
—«Ide.»
—«Perto elle está. Trazei, soldados,
Á presença d'elrei esse malvado.»

X

Os soldados c'o velho Moiro entravam;
Elrei com attenção fixo o contempla...
—«Approximae-o» disse: «Um Moiro é esse?
Um Moiro, dizeis vós!.. É frei Soeiro.»
—«Um Christão!» volve a dama: «e um religioso!»
—«Frei Soeiro! o confessor de minha filha?..
Miseravel! defende-te se podes;
Treme infiel das penas que te aguardam.
Por que enormes peccados has chegado
A esse estado de infamia e de miseria?
Renegar do teu Deus, teus sanctos votos!
Como, infeliz, como chegaste a tanto?»

XI

Attonitos emtôrno estavam todos,
E com horror ao renegado frade
Observa cadaqual, attento ouvido
Para escutá-lo dando. Mas calado,
Mudo, quêdo, e c'os olhos esgaziados,
Como se não ouvíra, immovel fica.

XII

—«Cuidas salvar-te assim?» elrei prosegue:
«Pensas de me illudir com teu silencio?
Soldados, co'as espadas nas baínhas
Porque as não manche o vil, as duras costas
Lhe macerae com rija mão. Veremos
Se lhe passa a mudez.» Executada
Foi a sentença... em vão: nem signal leve
Da menor dôr amostra; mudo, quèdo,
Immovel, impassivel como d'antes.

XIII

Pasma Affonso, e os que véem todos se espantam,
Se benzem já. Então de um canto escuro,
D'onde, atélli calado, ésta observava
Scena de maravilha, se approxima
Frei Gil, e com um brado tremebundo,
Erguendo a esquerda mão:-«Falla, eu t'o ordeno.»
O criminoso treme, e revolvendo
Com fúria os olhos, n'um arranco horrivel:
—«O que queres de mim» lhe disse: «mestre?»
—«És tu frei Soeiro?»
—«Não,»

—«Não és frei Soeiro!
Quem és tu pois?» clamava elrei pasmado.
Frei Gil tornou: — «Responde.»
—«Sou o diabo.»
—«Zombas de mim, traidor?»
—«Não zomba, Affonso:
Ouve. Escutae-me, todos, em silencio,
E não me interrompaes, por vossa vida.»

XIV

Da manga o frade tira gravemente
Curta varinha dobradiça e negra,
Que tres vezes no ar com pausa agita.
No chão depois um círculo descreve,
Emtôrno ignotos caracteres fórma,
Palavras cabalisticas murmura,
E em silencio, os braços descaídos,
Eriçada na frente a rara grenha,
Com os olhos fechados, como spectro
Que se ergue sôbre a campa em hora aziaga,
Extatico, terribil permanece.

XV

Subito exclama com accento horrido:
—«Espirito infernal, anjo das trevas,

Que ao meu podêr, rebelde, hei sujeitado!
Pelas sublimes artes, e execrandas
Palavras não sabidas d'homem vivo,
Nem pronunciadas por humanos labios
Deante da luz do sol, eu te esconjuro,
Immunda creatura, que declares
O que pretendes d'esse immundo corpo
De frei Soeiro? como, e por que causa
A renegar da fé e de Deus sancto,
Teu e seu creador, o compelliste?
E paraquê, por suas mãos impuras,
Déste á bella Oriana crus tormentos?
Falla, e verdade, em que te pez, não mintas
Ou as fataes palavras do castigo
Sôbre ti, vil crèatura, pronuncio.»

XVI

Fez-se mais negro o Moiro, e assim responde:
—«Essa Oriana é filha do peccado
E de nascença minha escrava e d'elle.
Mas um tal frade bruxo, meio frade
E mais que meio bruxo, que na manga
Trazia os sortilegios co'as reliquias,

Proprio fradinho o tal da mão furada,
O teu vivo retratto emfim...»
—«Adeante!»
Disse frei Gil, doendo-se da graça.
Surriu-se elrei. E o démo proseguia:

XVII

—«O tal frade... frei Hugo era o seu nome:
Tanto me andou co'a mãe... Que fina Moira
Era a mãe!.. imbruxou, desembruxou-a,
E deu co'ella Christan. Já era velha
A esse tempo: e eu perder, não perdi nada.
Mas ést'outra, da infancia m'a tiraram:
E picou-me no vivo. Fez-se linda,
E tão linda, que á fôrça de lisonjas,
De infeites, galanteios e requebros,
— Bruxaria mais forte que nenhuma —
Estive certo de a apanhar á unha,
E a tornar a fazer mais minha que antes.
Roubou-m'a um tal tratante de Garcia,
Mercador que ahi jaz em Antas morto...
E foi-se a tempo, que por nada o pilho
N'uma onzena em que quasi, quasi o impalmo.

XVIII

Custava-me a perder essa donzella;
E ao velho ermitão que a tinha em casa
Tentei, tentei debalde um anno inteiro:
Debalde, que o mofino, velho e tropego,
Não tinha que tentar. — Quando vi junctos
Em Antas seis tão jovens cavalleiros,
Assentei de incaixar-me no mais moço
E mais gentil dos seis. Perto dormia
Essa Oriana; cuidei que a tinha feita:
Mas, por mau fado, os cavalleiros todos
Não se esqueceram de levar ao peito
Aquella coisa que adoraes vós outros,
E que nós...»
—«Vai por deante, e não blasphemes.»

XIX

—«Fiquei *desappontado,* — como dizem
Os Inglezes; (— não ha na vossa lingua
Com que o dizer: e venha ou não do diabo,
Tomem-n'a, que hão mister d'essa palavra)

N'um falcão me inganchei, voei de sorte,
Que o joven me seguiu té juncto d'ella.
Dormia, e em tão formosa, tão lasciva
Postura estava, que eu á fé vos juro
De diabo que sou... arrependi-me
De pôr tão fino mel em bôcca d'asno.
E, não fôra eu falcão n'esse momento,
Meu íncubo podêr[51]...»
Corou a bella
Oriana; e indignado o interrompia
Frei Gil: — «Spirito immundo, não abuses
Da liberdade que te dei. Prosegue.»

XX

—«Quem tal diria? o parvo do mancebo
Babado a olhar para ella uma hora inteira...
E porfim... e porfim — toma-a nos braços,
E desanda a correr como um damnado,
Para a levar a terra de baptismo,
E fugir — dizia elle lá comsigo —
Da tentação. Sahiram-lhe ao caminho...
E o resto sabeis vós. Vi-os eu todos
Os seis e o mercador mui direitinhos
Ir com sendos palmitos e capellas

Para o ceu. Eu tambem me fui direito,
Mas raivando e sem palmas nem palmitos,
A Sylves onde a môça me levavam.
Fui dar com tres dos meus alli captivos
Desde a historia da noite da Tremenda,
Em que tanto me ri e ganhei tanto...
Aquillo sim, que é môça de outra casta,
Desinganada, não d'éstas piegas
Que não sabem se querem, se não querem,
Que estam morrendo por se dar ao diabo,
E rezando abrenuncios...»
—«Conta a historia
Maldito: as reflexões nós as faremos.»
—«Melhor do que eu: bem sei. Os taes amigo
Eram Gilvaz, frei Lopo e este Soeiro.

XXI

O medico, judeu no fundo d'alma,
Está visto, custou-me pouca lida
A dar co'elle outra vez na synagoga.
O Lopo, namorei-o de uma velha
Beata de Mafamede, que o traz gordo,
Cevado de pilau e de badana[52]:
Moiro se fez por chocho namorado.

E a bella voz que tem! é o sino grande
Da mesquita maior, e chama o povo
Com tal graça a rezar, que nunca a teve
Tal a roncar no côro de Alcobaça.
O Soeiro, esse é velhaco mais ladino;
Custou-me a haver com elle: quer ser bispo
Ou geral, quando menos, da sua ordem.
E tinha toda a manha e hypocrisia
De um frade ambicioso. Foi preciso
Que o comprasse um villão fona e sovina,
Que o mettia á atafona, que o moía
Dia e noite de sovas e trabalho,
E nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais, bastante a encher-lhe a pansa
Lhe dava. Renegou por fome o frade;
Não fui eu que o obriguei: já negra e moira
A alma tinha, quando eu lhe entrei no corpo.
Renegou; mas ninguem fez caso d'elle:
Moiro ou Christão, ficou sempre *bernardo*.
Metti-me n'elle, e fez taes diabruras,
Taes tratos deu a outros Christãos escravos,
Que alguns fez renegar, deu cabo d'outros:
E por zêlo da lei tomando-o os Moiros,
Lhe incarregaram da princeza a guarda.
O mais que fiz, foi tudo bagatella;

Nada alcancei: ella ahi'stá comvosco.
E eu vou-me embora d'este sujo frade,
Que nunca entrei em corpo tão immundo,
Nem temos lá no inferno lagartixa
De mais nôjo e fedor que este maldito.»

XXII

—«Ainda não; espera: onde escondeste
A infante dona Branca?»
—«É outro caso
Esse de dona Branca; não sei d'ella.
Cheguei a tê-la escripta em meu canhenho;
Mas tenho certas dúvidas agora.
Anda ahi mor podèr que o meu.»
—«Alina,
A raínha das fadas?»
—«Sim.»
—«E quando
Se lhe acaba o incanto?»
—«Á meia noite,
Em dia de san' João.»
—«Com sangue?»
—»Sangue.

Sólta-me, ou nada mais tórno a dizer-te.
Maldito frade! afoga-me de gordo.»

XXIII

—«Vai-te, inimigo, sume-te!»
Um estoiro
Medonho retumbou por todo o campo;
E em negro boqueirão se abriu a terra.
Estremeceram todos, e aterrados
Se benzem. — Enxofrado fumo e cheiro
Exhala o boqueirão. — Com agua benta
Purificam o ar; e a terra fecha-se.

XXIV

Frei Soeiro despossesso — como um parvo
Olhava para tudo e bocejando,
Se é hora de jantar? pergunta a Nuno.

CANTO DÉCIMO

I

Caro és, prazer, quando remorsos custas!
Quanto mel de seu favo amor espreme
Na taça das delicias, se o tocaram
Labios impuros, negro fel se torna,
Que imbriaguez de morte, e não suave
Devaneio de languido repoiso,
N'alma agitada convulsivo excita.
— Gôso da vida, amor, tão breve passas!
Males que deixas são tão duradoiros!

II

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o adeus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor... caíu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem — vôa o tempo a amantes:
E n'um seio de glória adormecidos
Aben-Afan e Branca o mundo esquecem.

III

Eram fins d'esse mez festivo e bello,
Consagrado a João, sancto o mais guapo,
Mais garrido e brincão do kalendario;
Sancto do proprio Moiro festejado,
Cujos orvalhos bentos dão saúde,
Ao corpo e alma, cuja noite, amiga
D'amor e dos prazeres, tanto incobre
Gôsto furtivo, beijo namorado,
E o mais que vai por arraiaes, por feiras,
Pelas formosas margens de teus rios,

Muito devota Elysia, quando as môças,
Quando jovens tafues, pimpões da aldeia,
Na abençoada noite vão devotos
Ao milagroso banho! — Sancto amavel,
Advogado das límpidas correntes,
Amigo protector das frescas fontes,
Para quem tece de gentís boninas
Recendente grinalda a mão mimosa
Da donzella innocente! Oh! lindo sancto,
Qual ha hi renegado Iconoclasta,
Metaphysico, abstruso Protestante,
Que ao vêr-te assim gentil c'o surrãosinho
Pastoril d'alvas pelles, e afagando
O cordeirinho que a teus pés nem bala,
Quem será que tal vista não converta?

IV

E então as agoureiras alcachofras,
Oraculos d'amor, e as crepitantes
Fogueiras! — e a torneada, fina perna,
Que se mostra ao saltar, como a descuido...
«Ai maman, que me viram quasi?.. Nada!
Não salto mais... Um só, um só.» E o medo

De crestar a orla crespa e bem franjada
Do tafulo vestido, o ergue mais alto;
E viu-se quasi... quasi tudo agora.
Bemdito san' João, tudo desculpas,
Tão bom que és, e sanctificas tudo!

V

Era pois a estação formosa do anno,
Em que todo o seu fasto em luxo e galas
Por nossos meigos climas pavoneia,
De rica esperdiçada, a natureza.
O sol, que tão benefico despende
Para tanto aderêce os raios de ouro,
Em seu zenith ás vezes dobra o fogo,
E a calma intensa aos ledos habitantes
De seu paiz dilecto a miudo offende.
Mas então vós, ó sombras deleitosas
Do annoso freixo, do alamo copado,
Que ao pé da porta respeitado cresce,
E ha gerações que é venerando abrigo
De paes e filhos no queimoso estio!
Mas a floresta espessa, que dá coito
No ardor da sesta ao ceifador cançado,

Ao caçador sequioso; e a gruta fresca
Aopé do rio que salgueiros bordam;
E os regalados pomos saborosos,
Corados — como a face da donzella
Quando ao primeiro amor diz *não* modestia
C'os labios... porque o *sim* lá ficou n'alma;
Ficou, se o não revelam olhos languidos,
Que o tem, só para cegos, escondido?

VI

Oh! Cressos de Britannia! oh! que vos vale,
Ricaços lords, tanto formoso parque,
Tanta gruta, de *libras* sumidouro,
Tão lindas relvas, tão gentís ribeiros?
Onde a calma que dê valor á sombra?
Que é do sol que dê preço a tanto esmêro
D'arte que em vão luctou co'a natureza?
Em vão: — húmida nevoa, fumo negro
Pesam n'esse ar; e as urnas incessantes
Os pluviosos gemeos não descançam,
Quasi fixos no immobile zodiaco,
De as imborcar na terra apaulada.
Meu doce clima, sol da minha terra,

Quando te verei eu! quando á tua branda
Réstea me aquentarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gelos do exilio heide seccá-las!

VII

Abençoado protector d'amantes,
Glorioso san' João que tudo alegras,
Que até descridos Moiros te festejam,
E canibaes pedreiros te veneram,
Teu sancto dia, tua benta noite
Suspirada d'amor, bem vinda a todos,
Tuas brandas orvalhadas, quem as foge?
Teu serêno saudavel, quem o evita?
Quem teme a vinda de tão fausto dia?
— Dois amantes. — João sancto, advogado
Não és tu d'elles? teu amparo amigo
Negaste-lh'o? porquê? — Fadas o vedam;
E no tempo em que fadas e feitiços
(Antes que a Inquisição queimasse as bruxas)
Imperavam na terra, sancto ou sancta,
O mais pintado e milagroso — embalde
Se opporia ao podêr d'um bom feitiço.

VIII

A imbriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perpétua não é: o bello Moiro
Da formosa abbadeça aos lindos braços
Já tão sedento de prazer não corre.
Saciedade fatal!.. Em vão te esforças,
Delicado amador, por incubri-la.
Que amante ha hi, que os resfriados osculos,
Que o afroixar do apêrto nos abraços,
O intibiar das carícias não descubra
N'aquelle a cujo amor a vida, a honra,
Tudo sacrificou, toda se ha dado?
Branca o percebe; misera! a seus olhos
Crédito não quer dar: suspiros nascem
No triste peito, que no peito afoga;
Lagrymas véem aos olhos, e olhos bebem
Lagrymas... que as não veja a causa d'ellas.

IX

Oh sexo generoso! e ha tal ingrato
Que tráia tanto amor? — Traidor não era

Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde?

X

Do Algarve ao rei, de longe em longe, a glória,
Esquecida télli, lhe dá lampejos
Na phantasia: acodem, pouco e pouco,
Á memória que surge do lethargo
Em que o deleite a jouve — ora do sceptro
O brilho, o resplendor do diadema...
Ora a patria em perigo, ora a victoria
Cingindo-lhe na frente outro diadema
Mais refulgente c'os ganhados louros...
Louros! — «Ramo fatal do meu destino»
Exclama o joven rei: «immurcheceste,
Seccaste para sempre! Não ha glória
Mais para mim! a inutil existencia
Arrastarei aqui n'estes dourados
Salões em ocio vil e afeminado!
Ramo fatal! se á custa do meu sangue

Reverdecer podesses!.. Desgraçado,
Que proferi! E amor, e Branca?.. oh sorte!»

XI

Mal os extremos sons dos labios rompem,
O sol se obscureceu; medonha noite
Cai sobre o ceu, como um funereo manto
Sôbre a urna cinerea; estala um raio,
Com vívido lampejo fende as nuvens,
E horrisono trovão nos ares brama.
—«Voto fatal!» estremecendo disse
O mancebo: seus ramos incantados
Observa: sêcco o myrtho, verde o louro...
Oh vista! — esmoreceu. Sem voz, sem ânimo,
Entre a morte e a existencia suspendido
Desfallece, caíu. — Sophá ditoso,
Que outros desmaios ha tão pouco viste,
Thalamo de prazer, da dôr és hoje.

XII

Branca era longe; triste e solitaria
Pelos vergeis sósinha passeiava,

E pelo mais umbroso da espessura
Suas mágoas entre as flôres escondia.
Do escurecer do sol, do trovão subito
Assustada, a fugir aos paços vinha,
Vinha acolher-se onde alma lhe ficára,
E aninhar seu terror no seio amado.
O coração batia-lhe no peito,
O respirar violento e apressado
A suffocava. Uma lembrança acode:
—«Noite de san' João é ésta noite!»
Noite de san' João!.. E a prophecia
Da fada lhe soou no íntimo d'alma,
Como o funebre som descompassado
De sino, ao longe, que por mortos dobra.

XIII

Noite de san' João!.. Já, mais de meio
Seu gyro o sol correu. Prazo terrivel,
Quão perto estás! Afroixa o passo, teme
De o vêr, de lhe fallar, de recordar-lhe
Os p'rigos d'essa noite que avizinha.
Mas que perigos são? Não disse a fada
Que emquanto o ramo florecer da murta,

Seguro é seu amor, sua ventura?
Animo cobra, novo alento, e vôa
Nas azas da esperança ao doce amado.

XIV

Triste! mal sabes que fatal desejo
No coração entrou d'esse que adoras!
Mal sabes, infeliz, que agouros negros
Esse ramo de esp'rança te hão murchado.
—Suas penas c'os sentidos recobrára
O mancebo real, chegar a sente,
E á pressa os ramos escondeu no peito;
O semblante compõe, serena os olhos,
E da illudida virgem ao incontro
Vem com tranquillo, socegado gesto.

XV

Estreitou-os amor em doce abraço:
Doce direi?.. As lagrymas soffria
A linda infante... elle os tormentos todos
Do inferno padecia.

—«Oh doce amado,
Ésta noite!..»
—«Ésta noite!..»
—«Tu receias!
O quê? Oh, não! não m'o encubras; falla.
Communiquemos nossas mútuas penas,
Nossos temores.»
—«Pois tu temes, Branca?
—«Ai! d'ésta fatal noite não recordas
O que disse a fada?»
—«Mas promessas
Tão seguras nos fez!»
—«Se os teus desejos
O sècco ramo...«
—«Branca!.. não profiras
A sentença fatal.»
—«De quê?»
—«Perguntas?
Queres sabê-lo?.. Misera!.. não queiras.»
—«Que não queira? Porquê?.. Só se... Mas, dize:
Se... Mas tu, doce amor, não desejaste?..»
—«Eu desejei... desejo só a morte.»

XVI

No chão os olhos d'ambos se cravaram;
E, de todos os males do Universo,
Incerteza, o mais cru, co'as azas fuscas
Lh'esvoaça dentro dos aflictos peitos.
Quando o extremo prazer ou dôr extrema
É maior que a expressão! Silencio, a funebre
Eloquencia da mágoa... com teu sêllo
Os descorados labios lhe cerraste.
— Emtanto o dia se perdeu nas trevas,
E a receada noite, dobra a dobra,
Estende sôbre a terra o véo de luto.

XVII

Tristes! seus dias de ouro estam fiados;
E na roca fatal já não ha fevra
Que ripar... Hora acerba, hora terrivel
Que nenhum antevê, que a todos chega,
E sôa como a tuba derradeira
Despertando os mortaes do último somno.
Ai! e para isto tantas àncias... tanto

Padecer e esperar! E acabar n'isto!
Contar-se assim aquelle fio *eterno,*
Que prendia no ceu, das mãos dos anjos,
E promettia de ir além da vida!
Oh!.. Deixá-los, deixá-los... e voltemos
A outras illusões, menos formosas,
Não menos vans, as da ambição, da glória.

XVIII

Dizei-me, ó fadas que inspiraes meu canto,
Espiritos das lóbregas cavernas,
Que á meia noite volteaes d'emtôrno
Dos tumulos co'as azas membranosas,
Dizei-m'o vós; com que fataes palavras,
Por que terriveis ritos se prepara
No arraial portuguez o formidavel
Incanto em que impenhou suas artes todas
O sábio Gil, d'alta sciencia mestre.

XIX

São horas dez; e clara e doce a lua
Vai pelo azul do ceu, como de gôsto,

Desafiando as cantigas e fogueiras,
Com que tua noite festejar é d'uso,
Milagroso João, aos teus devotos.
Mas a rôgo de Gil, de ordem de Affonso,
Arautos prohibiram pelo campo
Folias e cantares, qualquer mostra
De regozijo, quando, em tanto impenho
Da Christandade contra infieis, só preces
E rogações deviam de fazer-se.
Isto o arauto pregoou: e ao régio mando,
Mas que não satisfeito, ob'dece o campo.

XX

Manso, frei Gil na tenda real entrava,
E a Affonso diz: — «A hora se approxima,
Vão consumar-se os horridos mysterios
Que hão de volver-te a filha, e intregar-te
Nas mãos seu roubador, teu inimigo.
N'ésta redoma já sem ferro havidas
Tres gottas levo de seu proprio sangue.
Com bebida incantada adormecida
Oriana foi por mim; do esquerdo braço
Com um vitreo cutello infeitiçado

Lh'as extrahi por magicas palavras.
Vela em que o assalto, no momento proprio
Em que a lua no ceu subitamente
Por esconjuros meus ha de esconder-se,
N'esse instante se dê: não arreceies,
Vai certo da victoria; a mesma hora
Que vir Sylves em mãos de Portuguezes,
Verá Branca liberta, e Aben punido.»
Saíu; e Affonso, que a seus cabos todos
Ordens já deu e dividiu batalhas,
E prestes fez para o assalto as tropas,
Armado e prompto o prazo dado aguarda.

XXI

Cêrca dos muros da torreada Sylves,
E á falda d'um outeiro, curto valle
Se estende: *Val-de-morte* lhe chamaram
Em tempo antigo; ahi por essas eras
Os seus mortos os Moiros sepultavam[53].
Porém o aspecto placido e serêno,
Qual convem aos que somno eterno dormem,
Nem medonho, nem lugubre parece,
Triste sim, melancholico; mas doce

É a melancholia que hi respira.
No fim do valle broncas penedias,
Como acaso das mãos da natureza
Esquecidas alli, umas sôbre outras
Em massa irregular se incastellavam.
Ha uma fenda estreita entre os penedos
Por onde uns degraus toscos, porém d'arte
Feitos, á profundez descem da terra.
Longa caverna ahi jaz, dos reis do Algarve
Antiga, respeitada sepultura.

XXII

Negro manto cubrindo, e abordoado
Em nodoso cajado, atravessava
Frei Gil o Val-de-morte; á bôcca chega
Da lobrega caverna, o manto poisa,
Tira da manga mão de infante, morto[54]
Antes que em fontes baptismaes lavasse
A mancha original — ao dia septimo
Desinterrado á lua, e então cortada
Essa mão, que é a esquerda. Ignotas vozes
Murmurou baixo o frade, e a resequida

Mão se accendeu de si, luz baça e opaca,
Propria a feitiços dando. Co' ella desce
Á escura estancia. — Longo, mas estreito,
O subterraneo vasto se estendia;
A um lado e outro pela rocha viva
Os tumulos cavados se infileiram.

XXIII

Co'a infeitiçada luz dia sombrio
N'essa distancia de morte se diffunde.
Ao cabo do carneiro, sôbre a lousa
D'um sepulchro poisando a tocha aziaga,
Éstas palavras diz: — «Morto que dormes!
Lousa que o cobres! cinza que repoisas!
Ossos que vos myrraes! com ésta gotta
De sangue que desparzo, recobrae-vos,
E á minha voz se desincerre a campa.»
Da redoma que traz, um golpe verte,
E com rouco estridor os ossos rangem
Dentro da campa. Já segunda intorna,
E a lousa se ergue. A terceira esparze,
E de dentro da campa um sêcco braço

Surde como buscando, sôbre a borda
Do atahude, apoio para alçar-se.
A carcomida mão firmando a custo,
Se eleva em pé squeleto descarnado,
Mal cuberto de andrajos lacerados
Do sudario que, ha seculos, por último
Vestido, trouxe á estancia dos finados.

XXIV

—«Que pretendes de mim?» disse a voz ouca
Do squeleto: «a que vens? Porque vieste
De meu eterno somno despertar-me?
Pésa-te a paz dos mortos, homem vivo?
Não tens assaz de guerra e de disturbios
Lá sôbre essa inquieta superficie
Da terra que inda habitas? Acabadas
Entre os meus e os Christãos pelejas foram?
Ou já meu sangue o sceptro dos Algarves,
Conquistados por mim, perdeu covarde?»
—«Sobeja-lhe uma hora de reinado
Á tua geração: mas da fadada
Ampulheta dos seculos o extremo

Bago d'areia cai; a derradeira
Hora chegou do imperio de teus filhos.»
—«E isso vens annunciar-me?»
—«Isso.»
—«Com honra
Minha progenie acabará aomenos?»
—«De ti depende: ou perecer com glória
Deve hoje o derradeiro rei do Algarve;
Ou longa vida em ocio vergonhoso
E criminaes deleites lhe é fadada.»
—«Pereça.»
—«Alto podêr em prisões doces
O prende e guarda; incanto que o defende
Só a ti não impece: da ignominia
Se desejas salvá-lo, vem e segue-me.
Grypho alado acharás no Val-de morte;
Sôbre elle montarás: voá-lo deixa.
No atrio poisará d'uns bellos paços.
Bate á porta tres vezes quatro... O resto
Lá saberás.»
—«Irei. Porém se a lua
Clara é no ceu, não posso: não consente
Sombra de mortos o clarão da lua.»
—«Parte: cubrir-lhe-hei com esconjuros
A face, e a esconderei.»

A lento passo
O squeleto caminha; andando, os ossos
Se lhe deslocam e medonhos rangem.
Adeante o frade vai, e á bôcca apenas
Chega da cova, com fataes palavras
Impreca á lua que a sua face bella
Involva em negro véo, nem interrompa,
Com a alva luz, das trevas os mysterios.

XXV

No ceu se apaga o luminar da noite,
Trevas a face do Universo cobrem,
E os ares negros negro fende o hyppogrypho
C'o finado guerreiro. — Emtanto aos muros
De Sylves mansamente se approximam
As escadas, as gravidas balistas,
Catapultas que a morte ao longe atiram;
E as movediças tôrres lentas rodam.
Cada um dos chefes o seu lanço toma
Do muro; e divididas as batalhas,
A um signal dado o ataque se começa.

XXVI

Já sôbre o alto do muro os mais afoitos
Subindo chegam; já bradar Sanctiago
Ia Affonso mandar; vela de Moiros
Os descobre, e gritou: «Alarma, alarma!»
Os sitiados, que despertos sempre
Prestes estam, á defensão acodem.
Trava a peleja, lanças se arremeçam,
Ardentes alcanzias, duros cantos;
Nuvens de settas pelo escuro á tôa
Silvam pelo ar: do alto despenhados
Das escadas uns caem, sem que aos outros
O ânimo de subir lhes acovarde.
Dobra co'as trevas o terror; augmenta
Com a grita confusa a sanha, a fúria
D'um lado e outro; e longo permanece
Entre tanto valor dubia a victoria.

XXVII

Lindos paços que tanta formosura,
Tanto lustre incerraes, tanto amor vistes

E de tanto prazer theatro fostes,
Paços da maga Alina, a vós me volvo.
Velas tu, bella infante?.. e tu, formoso
Moiro, velas tambem, ou brando somno
Em repoiso fallaz vos tem sopitos
Para cru despertar? — Tristes! não dormem
Um c'o outro abraçados, a terrivel
Hora fatal da meianoite aguardam.
—«Tanto não poderão» Branca dizia,
E os soluços palavras lhe cortavam:
«Tanto não poderão que dos meus braços
Te separem. A morte embora...» — Bate
Dura pancada n'esse instante á porta
Do paço, e vezes dôze se repete
O mesmo rudo som lento e pausado.

XXVIII

—«Ai!« gritou a donzella, e embalde aperta
O seu amor n'esses formosos braços;
Em vão! — a hora fatal soou: quebrou-se
O incanto. N'um momento os lindos paços
Desaparecem. Sós na ingreme roca

De calvo outeiro ficam. Abraçar-se
Inda c'o amante a misera se esforça:
Sêcca mão d'um espectro arrasta e leva
Com invencivel fôrça o Mauro joven...
Em alado corcel com elle foge;
Já nos ares se perdem...
Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-t'o... a Morte.

XXIX

C'os olhos longos para o grypho alado
Que se perde nos ares, ella, a triste,
De joelhos sobre o cume dos penedos,
Erguia para os ceus as mãos trementes...
Mas sem uma oração; que é mudo o labio,
E mudo o coração da desditosa.
Abandonou-a a última esperança
Na terra; e Deus no ceu a abandonára
Desde ha muito. — Uma voz, austera e dura
Lhe brada, como a voz de seus remorsos,
E do morto deliquio a despertava:

XXX

—«Teu execrando amor os ceus puniram.
Segue-me: o Deus, que desleal traíste,
Vem aplacar com rijas penitencias,
Vem abjurar tua paixão nefanda;
Vem... ou n'este momento has pronunciado
Sôbre tua cabeça criminosa
Condemnação eterna.»
—«Mis'ricordia,
Senhor meu Deus! Maior castigo ainda
A meu peccado tens?.. maior do que este,
Deus de piedade?.. separar-me...»
—«Cega!
Immudece, blasphema.»

XXXI

Da mão trava
Á donzella infeliz mão ruda e aspera.
Semimorta da dôr, n'um quasi espasmo
Que a vida lhe parou, languida a frente
Lhe descai, como ao lirio delicado
Que ardor do sol pendeu. Leva-a nos braços

Frei Gil — d'elle era a voz que lhe fallava:
E por seus incantados poderios
Veloz caminha, e mais veloz que o vento,
Por atalhos já d'outrem não sabidos,
Por devezas, por bosques, por silvados
Illeso passa; e quando mor se ateia
O furor do combate e assalto, chega
Ante os muros de Sylves. — Despontava
A arraiada no extremo do oriente;
E a luz que nasce de mostrar começa
Os estragos da noite. Mor se augmenta
Co'a vista horrivel, da peleja a fúria.
Emtanto Gil co'a infante á régia tenda
Invisivel entrava. — E sôbre os muros
Da forte Sylves o pendão das Quinas
O intrepido Nuno ovante arvora.

XXXII

Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
Aqui de Portugal! vêde: o estendarte
Lusitano caíu; precipitado
Das altas tôrres sôbre os corpos róla
Exangues dos que ardidos o hastearam.

Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,
A lusitana glória que vacilla.
O Moiro exulta e freme co'a esperança
Recemnada de sangue e de victoria.
Quem lh'a inspirou? que subita barreira
Ao valor dos Christãos se poz d'ávante?
Fogem, vozes de cabos não escutam:
A fugir Portuguezes!.. Fogem, tremem.
Quem é esse inimigo formidavel
Que tanto póde? Um só campeão. Armado
De inferrujadas armas, que parecem
Sôbre a campa em tropheu haver jazido
De morto cavalleiro!.. É elle; o escudo
Sua devisa tem: de myrtho e louro
Dois ramos são; é Aben-Afan, que á porta
D'Azoia investe, e qual ferido tigre,
As batalhas dos Lusos rompe, acossa,
Afugenta, dispersa. Morre o ousado
Que as costas não voltou: «Fugir, que é elle!»
Se ouve grito geral: «Fugir, que é elle!»

XXXIII

Do alto dos muros o Infiel responde
Com brados de victoria aos sons covardes,

E a seu rei, que lh'a traz, ledos saúdam.
Porta de Azoia, que sair o viste
Quando levou comsigo esp'rança e glória
Do vacillante imperio, abre-te agora,
Abre-te a recebê-lo. — É tarde, é tarde;
Os seus dias e os teus estam contados,
Senhorio de Agar, em nossas terras.
A porta abriu-se, mas em vão; já deante
De Aben, o mestre de Sanctiago em riste
A lança tem. — «Defende-te» lhe brada:
«Rei do Algarve, defende-te: a vergonha
Do nome portuguez lavo em teu sangue.»

XXXIV

Justaram lanças; lanças se quebraram.
Espadas nuas — e as espadas cruzam.
Golpe é mortal cadaum; broqueis aparam
Os duros botes c'os espontões duros.
Nunca taes campeões juntou a guerra
Em próva singular de brio e fôrça.
Cessa o assalto: na muralha os Moiros,
Na esplanada os Christãos as armas poisam;
E nos dois cavalleiros se concentra

O combate geral. Mas já das cottas
Roxeia o sangue, já desmantelados
Braceletes desprendem, já partido
Do mestre o escudo c'um tremendo golpe
Do joven rei, caíu. Brioso arroja
O Moiro o seu; lealdade lhe não soffre
Com armas deseguaes peleja ignobil.
Sem defensão á espada fica o peito,
Fica a frente: os cavallos mal supportam
A fadiga, as feridas; pé em terra
Poem: de novo as espadas fogo e sangue
Ferem, redobram... Mas o alfange quebra
Ao musulmano rei — não quebra o ânimo;
Ao seu competidor de arteiro salto
Corre, nos braços o travou membrudos;
E inlaçados os dois, de corpo a corpo,
De peito a peito, infatigaveis luctam.

XXXV

Fôros, sorte, imparcial — nenhum vencêra;
Neutros permanecei, fados da terra,
Nenhum succumbirá. Mas os destinos

Nas balanças fatidicas pesaram
A sorte das nações; e o mahometano
Imperio pende. — Aben-Afan succumbe,
Cai: embalde o inimigo generoso:
—«Cavalleiro» lhe diz «tua vida é minha:
Não queira o ceu que a tal campeão a tire.»
Em vão! nos olhos trémulos vacilla
A derradeira luz, nas faces pallidas
Já mais sangue não ha que o das feridas.
Só morto cede; vivo se não rende
Quem jamais de estacada ou raso campo
Sem victoria saíu. — «É morto, é morto»
Clamam Christãos, e ás portas se arrojaram.
De subito pavor cortado o Moiro,
Sem resistir, ao jugo off'rece o collo.
De novo as Quinas nos torreões tremolam,
E no Algarve d'áquem Affonso impera.

XXXVI

Nas ameias da tôrre pendurada
Foi a cabeça do traidor Soeiro
Em vão por elle supplicou Oriana,

Elrei não cede: atroz, horrendo é o crime,
Pune-o de morte a lei; e á lei não ousa
Para tal delinquente o rei magnanimo
Justo rigor imbrandecer piedoso.

XXXVII

Ás torturas da dôr resiste a vida
Da linda Branca, mas razão lhe foge.
Por Aben clama, por Aben suspira,
De remorsos e amor já ri, já chora,
E c'os olhos no ceu, a alma na terra,
Ora implora perdões, blasphema outr'ora.
— A Holgas a levam, Oriana a segue:
Oriana que deixar um triste mundo,
Onde tudo perdeu, ao ceu votára.
Unica a vista d'ella a dôr acalma
Á aflicta Branca: seu formoso gesto
Muda, quêda contempla horas inteiras,
E, uma por uma, nas feições lhe colhe
O parecer d'aquelle que inda adora.
Mas ah! consôlo misero e mesquinho!
Pouco e pouco se esvae o doce ingano,
E a verdade fatal volve mais crua.

XXXVIII

Flôr da existencia desfolhou-se n'hástea;
Ramos que amarellecem vão caíndo;
Vegeta o tronco ainda: — mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrymas!?

NOTAS

NOTAS

AO CANTO PRIMEIRO

Nota 1.

Aureos numes d'Ascreu. . . . . pag. 1.

Hesiodo de Ascra, a cuja Theogonia (geração dos deuses) aqui se allude. *(Prim. ed.)*

Nota 2.

Não rias, bom philosopho Duarte. . . . pag. 2.

Será pouco intelligivel toda ésta II estancia ou secção de versos a quem não souber que a Dona Branca foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos, e todo namorado das melancholias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa,

então em Londres, as saudosas aspirações de sua alma. O Camões, publicado um anno antes, 1825, foi todavia escripto depois. N'esse porém a natureza do assumpto obrigou o poéta a transigir denovo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E apezar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e desthronaram entre nós.

Nota 3.

Da minha conversão, sincera é ella. . . . pag. 2.

Deve intender-se este verso e os dois subsequentes no verdadeiro sentido: a tenção do auctor foi impugnar as ficções gentilicas, além de absurdas, insossas para nós. E todavia não é propriamente *maravilhoso christão* o de que se serviu n'este poema: julga elle a religião muito sublime coisa para se fazer entrar em poemas cujo assumpto não seja ella mesma, ou um de seus dogmas, como no Paraizo de Milton, e no poema didatico de Racine. N'ésta composição seguiu-se visivelmente o exemplo de Wieland no

Oberon; todo o seu maravilhoso é tirado das fábulas populares, crenças e preconceitos nacionaes. *(Prim. ed.)*

Nota 4.

. . . seu avô, essoutro Affonso, ... pag. 4.

D. Affonso de Castella e Leão, imperador eleito que veiu a ser d'Allemanha, cuja filha era D. Beatriz, mulher de D. Affonso de Portugal o III, e mãe d'elrei D. Diniz, de D. Branca e outros infantes. D'essa filha D. Beatriz foi elle tão amante, que por seu respeito cedeu ao genro os direitos que reputava ter ao reino do Algarve: direitos que por de boa lei tinha, já em razão da dominação antiga, já porque de novamente o ia conquistando a ordem de Sanctiago, cujo mestre, ainda que Portuguez (e Portuguezes quasi todos os cavalleiros que andaram na conquista) eram todavia elle e sua ordem vassallos de Castella. Por amor d'ésta mesma filha quitou depois D. Affonso ao de Portugal a obrigação das cincoenta lanças que com a investidura do Algarve lhe impozera. *(Prim. ed.)*

D. Affonso foi um dos maiores philosophos e philologos do seu tempo, e occupa um dos primeiros logares entre os trovadores da nossa peninsula. Está-se actualmente (1850) fazendo em Madrid uma bella e custosa edição do seu cancioneiro. Escreveu n'aquelle mais antigo, menos arabe e mais romano-godo de todos os dialectos hespanhoes que depois se estremou no nosso portuguez por um lado, e no inhospito gallego por outro.

Nota 5.

Vassallos estes são que as ferteis varzeas
De Burgos téem, e d'Holgas ao mosteiro
Preito e homenagem dão: . . . . . pag. 5.

Quasi toda a varzea de Burgos era feudataria d'este célebre mosteiro.

O meu amigo o Sr. de Varnhagen, actualmente secretario da legação do Brazil em Madrid, visitou Burgos em 1846, e observou em estado de perfeita conservação o tumulo da infanta-abbadeça.

Nota 6.

Ao proprio Camisão suar a testa,
Que nem o agudo Busembau sonhára
Nem o Larraga. . . . . pag. 6.

O Camisão foi célebre canonista e professor da universidade de Coimbra, cuja proverbial estupidez não esquecerá tão cedo. Na casuistica era de uma agudeza comica todavia, e rival dos Larragas e Busembaums com quem o A. o imparelhou. Busembau diz o vulgo, e affectou dizer o poéta, por mais carregar.

Nota 7.

Mestre Gilvaz, que em Padua fez prodigios.. pag. 6.

Aos physicos e doutores medicos chamavam d'antes em Portugal *mestres,* ou *messeres* á italiana. E não só aos doutores em medicina, porém aos outros tambem, como é de vêr, nos escriptos do tempo ou que d'elle nos contam. Em Padua era a mais famosa universidade para physicos, assim como em Bolonha para juristas e theologos. A de Coimbra não veiu a fundar-se senão no reinado seguinte. *(Prim. ed.)*

Nota 8.

De monges negros. . . . . pag. 8.

Segundo as côres de sua cogulla os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, os benedictinos os negros. São vulgares, não só as rivalidades d'éstas ordens entre si, mas as chufas, dicterios e apodos com que se motejavam uns aos outros sôbre negros e brancos, por equivocos e joguetes que d'éstas palavras formavam. Em Inglaterra ha ainda hoje sitios, especialmente em Londres, denominados de *black,* e *white friars:* nem era só popular este appellido, que assim lhe chamam estatutos e canones antigos.

E não sei por que fado, sendo em toda a parte os monges negros dados ás sciencias, respeitados e dignos de o ser, os pobres bernardos vieram em Portugal a ser o objecto da mofa geral, que seguramente se não dirige a seu sagrado instituto, mas á crassa ignorancia que por abuso d'esse instituto entre elles reina. *(Prim. ed.)*

Nota 9.

«O que lhes falta, o quê? ... falta a *Tremenda.*» pag. 10.

Este verso não carecia de nota, quanto a mim, porque não suppunha que houvesse em Portugal quem ignorasse o uso venerando (por antigo) dos monges de san' Bernardo: uso conhecido pelo nome de *tremenda.* Advertiram-me porém que assim não era, porque em Lisboa, por exemplo, muita gente o não sabía, como o sabemos nós provincianos, que mais de perto lidámos com aquelles padres, e lhes sabemos das... virtudes.

A certa hora da noite, depois de ceados, rezados, deitados, adormecidos, e roncados os reverendos padres, iam pelos dormitorios, leigos, donatos, coristas, ou moços, que tanto não sei eu, com uma enorme marmita, ou outra que tal vazilha, cheia de gordas, grossas e pingues postas de cevado toucinho, cozidas e adubadas com seu môlho de vinagre, e não sei que mais ingredientes; e batendo ás portas das cellas, acordavam aquelles pe-

nitentes varões para tão frugal repasto, que suas reverendissimas mui devotamente, e por sancta obediencia devoravam. A isto se chama *tremenda;* porquê e com que etymologia não pude ainda descobrir; mas o facto asseveram ser tão real como a existencia dos cachaços dos reverendos padres. Talvez d'aqui venha aquelle sabido anexim, que ás pessoas de juizo *bernardo* se applica:

Tens muito toucinho nos cascos.

(Prim. ed.)

Nota 10.

E em caso de mais polpa, um bom milagre. . pag. 10.

Não interpréte algum mal-intencionado que o auctor quizesse de maneira nenhuma atacar a pia crença da Egreja. Mas certo, que ha milagres de milagres, que tem havido impostores que abusaram da boa fé pública. Com esses é a ironia d'este e dos versos subsequentes. *(Prim. ed.)*

Nota 11.

Como atahude egypcio que entre os brindes . pag. 14.

Não commento este verso para explicar a allusão historica tão sabida de toda a gente, mas para dizer que a comparação não é minha: li-a, porém aonde não me posso lembrar. *(Prim. ed.)*

Nota 12.

Que por velas de Moiros o tomára. . . pag. 16.

Velas na linguagem d'aquelle tempo, quer dizer vigias, sentinellas. Vejam-se os classicos *passim*, e especialmente D. Nunes na chronica d'elrei D. Affonso Henriques, pag. 108, ediç. de Lisboa de 1774; ahi:

«E quando veo ao quarto da alva, tempo em que entenderão que as *velas* estavão mais somnolentas.»

Rolda, ou *sobrerolda*, que alguns téem pelo mesmo, é todavia differente. Rolda é a ronda,

ou vela que vigia sôbre outras velas; como hoje ha official do dia que visita de noite as guardas e postos para vêr se tudo vai em ordem. Outro logar do mesmo D. Nunes, e logo na pag. seguinte, 109, authentíca ésta distincção: «Nisto a *rolda,* que andava pelo muro requerendo as *velas,* chegou perhi, e lhe fallou.» *(Prim. ed.)*

Nota 13.

Bem travado co'elles
Anda o mestre dom Paio, ... pag. 16.

D. Paio Corrêa, Portuguez de nascimento, e mestre de Sanctiago em Castella, que com seus commendadores e cavalleiros tomou aos Moiros os mais dos logares do Algarve, e depois se fez vassallo d'elrei de Portugal, a quem intregou todo o ganhado por motivo da cessão de D. Affonso de Castella. Foi homem de singular valor e nomeada prudencia. *(Prim. ed.)*

Nota 14.

Como as sette
Aureas tôrres no escudo lusitano.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . Como ao singelo titulo . . pag. 17.

As sette tôrres do escudo portuguez são pelos Algarves, e *aureas* porque são amarellas, que em brazão é o mesmo que aureas ou de ouro. As quaes tôrres são em campo *vermelho;* e a razão d'isto referem os chronistas, foi *por os logares que erão tomados aos Moiros, e por os que sperava tomar com spargimento do sangue delles.* Quanto ao número de sette, é elle mais moderno: véem-se em lavores antigos, dôze e mais castellos nos escudos portuguezes.

Os primeiros nossos reis intitulavam-se somente com a singela saudação de Ourique, em Lamego confirmada (?) de reis de Portugal, ou dos Portuguezes. Depois da tomada do Algarve, accrescentaram — *e do Algarve* — no singular. O plural — *dos Algarves,* com — *d'áquem, e d'além mar em Africa* — só

o tomaram depois de haver estendido a conquista á outra parte do mar na Barbaria. Com effeito antigamente houvera este reino dos Algarves d'áquem e d'além mar em Africa unidos em um só imperio, e era mui grande estado, que da parte da Europa começava na cidade de Almeria, reino de Granada; e da parte de Africa, desde a bôcca do estreito corria até Tremecem, em que entra o reino de Fez, e as cidades de Ceuta e Tangere; ao que antigamente chamavam reino de Benamarim.

Algarve *Algarb* é a parte occidental ou poente. Assim chamam os Moiros á antiga Turdetania. Não pude descobrir onde Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros auctores acharam a etymologia que dão a este nome, dizendo que Algarve na lingua arabica significa *terra plana, cham e fertil,* quando todos os auctores arabes, até o mesmo vulgo, o toma pela parte occidental.

Algarb que nós corruptamente chamamos Algarve. Barros, dec. 1, p. 1.ª — Vestigios da ling. arab. em Portugal, por Fr. João de Sousa. Lisboa, 1789. *(Prim. ed.)*

Nota 15.

. . . . . a pergunta costumada . . .
De — «*Por quem cavalleiros?*» . . . . pag. 20.

Era o — *qui vive?* — d'então. Ao passar por pontes, logares fortes, etc., ás entradas das terras e castellos, se fazia esta pergunta, que as contínuas guerras e disputas feudaes faziam necessaria. Cavalleiros, ou gentes d'armas, quando em qualquer parte se incontravam, mutuamente a faziam; e muitas vezes as respostas eram á viva lançada, e amiudo acabou o interrogatorio com morte do perguntador, ou do outro, ou de ambos.

(Prim. ed.)

Nota 15ª.

Tinello . . . . Refectorio . . . . . pag. 22.

Nota 16.

. . . . . hymno exemplar e sancto,
Extrahido do cantico dos canticos. . . pag. 24.

Voltaire, que foi tamanho impio como todos sabem, tentou mostrar que o *Cantico*

dos canticos era um poema lascivo oriental, e não inspirada canção do rei sábio: paraphraseou-o a seu modo para este fim, e com tal arte diabolica o fez, que parece que tem razão, a quem só em Voltaire o ler. O Cantico dos canticos é um sublime trecho de inspirada poesia, mas que não é para de todos ser lido e intendido. *(Prim. ed.)*

AO CANTO SEGUNDO

Nota 17.

A ventura, o prazer d'um nó separa. . pag. 28.

Tudo quanto aqui se diz a respeito dos votos religiosos não é sôlta generalidade, nem invectiva contra os sanctos asylos que para o infortunio, para a virtude, para a fraqueza humana abre o claustro, e principalmente a um sexo que per si é destituido da fôrça, da energia que as difficuldades da vida precisam. Mas ninguem póde negar que terriveis e funestos abusos téem solapado éstas instituições. É geralmente demaziado tenra e inexperta a edade da profissão: e muitos varões de grande doutrina e religião contra esse èrro fatal téem clamado: èrro que priva a sociedade de tanta boa mãe, de tanta espôsa

excellente, e atulha o claustro de tanta má religiosa.

A estes abusos, e só a elles se refere o que no poema é dito. *(Prim. ed.)*

Nota 18.

Largas postas do nitido cevado..... pag. 30.

Assim chamam na minha provincia ao porco ingordado em casa, e na *cortinha* ou *eido,* como diz a nossa gente. Pingue é substantivo em dialecto minhoto, e significa manteiga de porco.

Nota 19.

E em manta enorme atassalhando um naco pag. 38.

Manta, é de toucinho; e atassalhar, de qualquer carne. São vulgares expressões; mas para exprimir ideias vulgares, como se hade fazer sem ellas, ou sem cair em Gongorismos e Elmanismos?—Não disse Virgilio: *Pars in fructa secant?* *(Prim. ed.)*

Nota 20.

Tremendo *Allá* soou pelas abobedas.... pag. 44.

Voz ou grito de accommetter e de guerra dos Mahometanos. Em arabe é—*Alla acbar* —*Deus é todo poderoso.* *(Prim. ed.)*

Nota 20ª.

A crasta ..... claustro ..... pag. 45.

Nota 21.

D'onde vieram ao reclamo tredo
Do vingativo pae pela offendida
Honra da loura virgem ..... pag. 49.

Allusão á entrada dos Moiros nas Hespanhas, por ajuda e chamamento do conde Julião, que para vingar a honra de sua filha, infamada por elrei D. Rodrigo, foi traidor á patria. Sir Walter Scott nas notas á «Visão de D. Rodrigo» parece dar algum pêso ás dúvidas de Voltaire (hist. gén.) sôbre a authênticidade

d'este facto, e talvez porque Gibbon lhes déra tambem valia. Certo é porém que uma tradição tão geral e constante não é para ser destruida com simples dúvidas, mas que sejam de grandes auctores. *(Prim. ed.)*

Nota 22.

Tal em cheiroso banho aspide amigo
Voluptuoso suicida . . . . . pag. 52.

O que se conta de Cleopatra, a este respeito, era frequente uso dos Orientaes, até na morte voluptuosos—ou *deliciosos,* que é expressão do nosso Lucena. *(Prim. ed.)*

AO CANTO TERCEIRO

Nota 23.

E vós, formosas Moiras incantadas,
Na noite de san' João aopé da fonte
Aureas tranças . . . . . pag. 55.

É crença popular entre nós que na noite de san'João todos os incantamentos se quebram: as Moiras incantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noite sua bella e natural presença, e vão pôr-se aopé das fontes, ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de ouro*. Os thesoiros sumidos no fundo dos poços véem á tona d'agua, e mil outras maravilhas succedem em tão milagrosa noite. *(Prim. ed.)*

Nota 24.

No *Castello* escutava a boa Brigida . . . pag. 55.

Pequena quinta que foi da minha casa, na qual passei os primeiros annos da infancia, e ouvia as historias da boa Brigida, velha criada que tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mor de feitiços e milagres.

Nota 25.

Já indo, ás duzias, em casquinha d'ovo.. pag. 56.

Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temor, dizem e crem, que d'elles se não sirvam as bruxas para ir á India, ou a outras partes longes, onde costumam de ir imbarcadas em taes navios, chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade de seu officio. Todavia é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo preto — que são os mais certeiros co'a meia-noite—porque a essa hora acaba-se-lhes o incanto e podêr: assim muitas téem morrido

afogadas por esses máres de Christo. A isso allude o verso mais abaixo:

E ai! se o gallo cantou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o podêr lh'acaba.

(Prim. ed.)

Nota 26.

Não gósto de Irminsulfs, nem de Theutates..pag. 56

São os deuses dos Druidas. Os poemas de Macpherson, que tantos annos correram mundo com o nome de Ossian, foram de tanta moda aqui ha tempos, que os phantasmas scandinavios, caledonios, e todas as outras invenções e mythologia runica andavam na baila por versos e versinhos de toda a gente. Cesarotti, o erudito e profundo Cesarotti, quasi que dá preferencia ao imaginario bardo escocez sôbre o proprio Homero; e elle, que ambos os traduziu, certo que os tinha estudado. Bonaparte, cuja imaginação gigantesca se aprazia em tudo o que era d'este genero, foi grande prezador de Ossian, e o preferia a todos os poétas: n'esse tempo em França a torrente dos trovadores ia com o vento imperial. O elegante Lebrun, em uma

galante odesinha graciosamente combate e mette a ridiculo ésta preferencia.

Quanto a mim, tenho que as artes filhas da natureza devem andar a par d'ella, e com ella. Essas phantasmagorias druidicas são bellas, são magníficas nas montanhas dos despenhadeiros da alta Escocia, nos gelos e neves das terras polares; mas nos nossos dulcissimos e risonhos climas, não podem ter mais valor do que a impressão extraordinaria do primeiro momento; e repito que essas bellezas glaciaes

Do sol do meiodia aos raios vivos
Parvos! se lhes derretem; a brancura
Perdem co'a nitidez, e se convertem
De lucidos chrystaes, em agua chilra.

(*Prim. ed.*)

Nota 27.

O saxeo promontorio que de Sagres
Tem hoje nome . . . . . pag. 62.

Para explicação de tudo o que vai dito até o fim da estancia IX, copiarei aqui um tracto de uma mui breve, porém mui bem escripta descripção d'ésta parte do Algarve, cujo auctor

supponho ser um doutor Silva, medico e homem de muito saber e gôsto, de quem possuo alguns preciosos manuscriptos.

«Entrando na praça de Sagres, dois contrarios effeitos se observam; por uma parte admira-se um quasi isthmo composto de um enorme rochedo, onde tudo são bancos de *saxum*, ora horisontaes, ora obliquos, ora verticaes, cuja revolução assaz mostra a existencia de vulcões, testemunhada com os dois grandes hiatos que lá se incontram; por outra, vê-se com espanto o que fôra theatro das observações astronomicas de nosso famosissimo infante D. Henrique reduzido a ruínas, que, á excepção das baterias, mais inculcam uma praça abandonada que guarnecida: quanto mais se reflecte que d'este porto saíram as expedições que abriram o primeiro caminho á descuberta das nossas colonias, cuja epocha faz figurar tão gloriosamente a nação portugueza no mundo, e que este mesmo porto é demandado como asylo de todos os navios que atravessam os nossos máres, tanto mais se magôa todo o bom Portuguez: porque se não acredita a origem de tanta honra que d'alli

resultou á nossa patria, invergonhando-se de que o estrangeiro, esperando achar um padrão distincto de tão heroicos feitos, não incontre senão uma face cadaverica de fortaleza, sem viveres, sem cultura nas terras adjacentes, d'onde possa fornecer ás suas embarcações os generos de que necessitam: tanta é a penuria e despopulação d'aquellas pobres terras!...

«Na distancia de mil passos andantes do nordeste da praça, fica uma pequena lagoa... As plantas que crescem dentro d'aquelle recinto são a mor parte de *fragaria,* alguns ranunculos aquaticos, alguns juncos, e poucos almeirões, azedas e grama... alecrim, rosmarinho, tojos e carqueja...» (*Prim. ed.*)

Nota 28.

Esbroados pardeiros—oh vergonha!—
São as tôrres d'Henrique . . . . . pag. 67.

O Sr. Visconde de Sá-da-Bandeira, no tempo da guerra civil em 1833, que governava o Algarve, occorreu-lhe, á vista da peninsula de Sagres, o desejo de reparar essa affronta á

memória do infante D. Henrique, levantando alli uma columna rostral que recordasse aos que passam por aquelle promontorio o nome do illustre principe e as glórias navaes dos Portuguezes. Mas estando depois no ministerio da marinha, não pôde mais, apezar de seus vivos desejos, do que fazer lavrar uma lapide que aomenos se collocasse alli. Levou-se a effeito ésta determinação, porque estando feita a lapide em 1839, apezar de sair o Visconde do ministerio, a obra progrediu—ao revez de nossas costumeiras—e se concluiu.

A lapide é de marmore, com um corpo de dez palmos e meio de altura, cinco palmos e meio de largura, dividido em dois planos. No superior, em meio relêvo, o escudo das armas do infante; ao lado direito do escudo uma esphera armilar, á esquerda um navio á vela. No plano inferior duas almofadas ao alto, n'uma d'ellas a inscripção latina, na outra a traducção portugueza, d'este modo:

INSCRIPÇÃO LATINA.

Aetern. Sacrum.
Hoc. Loco.
Magnus. Henricus. Joan. I. Portugal. Reg. Filius.
Ut. Transmarinas. Occidental. Africae. Regiones.
Antea. Hominibus. Impervias. Patefaceret.
Indeque. Ad. Remotissimas. Orientis. Plagas.
Africa. Circumnavigata.
Tandem. Perveniri. Posset.
Regiam. Suae. Habitationis. Domum.
Cosmographiae. Scholam. Celebratissimam.
Astronomicam. Speculam. Amplissimaque. Navalia.
Propriis. Sumptibus. Construi. Fecit.
Maximoque. Reipublicae. Litterarum. Religionis.
Totiusque. Humani. Generis. Bono.
Ad. Extremum. Vitae. Spiritum.
Incredibili. Plane. Virtute. Et. Constantia.
Conservavit. Fovit. Et. Auxit.
Obiit. Maximus. Princeps.
Postquam. Suis. Navigationibus. Ab. Aequinoctial. Ad. VIII.
Versus. Septemtrionem. Gradum.
Pervenit.
Quampluresque. Atlantici. Maris. Insulas. Detexit.
Et. Colonis. Ab. Lusitania. Deductis.
Frequentavit.
XIII. Die. Novembr. An. Dom. MCDLX.
Maria II. Portugal. Et. Algarb. Regina.
Ejus. Consanguinea.
Post. CCCLXXIX. Annos.
H. M. P. J.
Curant. Rei. Navalis. Administro.
Vice. Comite. De. Sá. Da Bandeira.
MDCCCXXXIX.

TRADUCÇÃO.

monum. consagrado. á. eternidade. o. grande.
infante. d. henrique. filho. de. elrei. de. portugal.
d. joão. I. tendo. emprehendido. descobrir. as. regiões.
até. então. desconhecidas. de. africa. occidental.
a. abrir. assim. caminho. para. chegar. por. meio.
da. circumnavegação. africana. até. ás. partes. mais.
remotas. do. oriente. fundou. nestes. logares. á. sua.
custa. no. palacio. da. sua. habitação. a. famosa.
escola. de. cosmographia. o. observatorio.
estronomico. e. as. officinas. da. construcção.
naval. conservando. promovendo. e. augmentando.
tudo. isto. até. o. termo. da. sua. vida. com.
admiravel. esforço. e. constancia. e. com.
grandissima. utilidade. do. reino. das. letras.
da. religião. e. de. todo. o. genero. humano. fallecen.
este. grande. principe. depois. de. ter. chegado.
com. suas. navegações. até. o. 8º gr. de. latitude.
septentr. e. de. ter. descoberto. e. povoado. de.
gente. portugueza. muitas. ilhas. do. atlantico.
aos. XIII. dias. de. novembro. de. 1460. d. maria. II.
rainha. de. portugal. e. dos. algarves. mandou.
levantar. este. monumento. á. memoria. do.
illustre. principe. seu. consanguineo. aos. 379.
annos. depois. do. seu. fallecimento. sendo.
ministro. dos. negocios. da. marinha. e.
ultramar. o. visconde. de. sá. da. bandeira.
1839.

A inscripção foi composta pelo cardeal-patriarcha San' Luiz. Em 24 de Julho de 1840 a lapide foi collocada na parede de uma tôrre que ainda alli existia, e que pareceu ser o mais antigo edificio da praça.

A estreiteza de uma nota não permitte alargar-me, segundo quizera, n'este assumpto.

Seja muito louvor ao Sr. Visconde de Sá, e ao seu successor o Sr. Conde de Bomfim.

Nota 29.

A saccarina flôr no botão pica . . . . . pag. 64.

O insecto que se gera, ou desinvolve no figo de certa especie de figueiras, e que tomando corpo, fura o figo em que nasceu e vai picar os das outras. É o que se chama caprificação. Plantam ésta casta de figueiras entre as mais, porque o figo assim picado incha, augmenta de volume e melhora de sabor. Digo *saccarina flôr,* porque é sabida decisão de botanicos não ser o figo fructo, senão flôr, ou antes involucro de flôres. (*Prim. ed.*)

Nota 30.

Não lhe descobriria o proprio Volney
. . . . . .
Nem tu, famoso Jones, ... pag. 65.

Volney nas viagens do Egypto, e Sir W. Jones *Essays on eastern poetry and on the imitative arts,* (Lond. 1777.) os mais intelligentes antiquarios, que de coisas orientaes escreveram. Não sei se me ingano, mas tenho por mais profundo o Inglez. (*Prim. ed.*)

Nota 31.

. . . . . as duas bellicas phalanges
Que ora na arena litteraria pugnam..pag. 65.

Pelo tempo em que se compunha este romance de 1824 a 25, era a grande lucta dos classicos e romanticos no continente, e principalmente em França. Pesava a censura prévia sôbre os jornaes, e a questão litteraria era o que lhes valia para supprir os vazios que deixava a politica em suas columnas.

Nota 32.

Já em Cacella, preço offerecido
Por Estombar e Alvor. . . . . pag. 69.

D. Paio, mestre de Sanctiago, e os seus commendadores e freires tinham tomado aos Moiros do Algarve os logares de Alvor e Estombar; e estes lhes offereceram por elles a praça de Cacella, que apezar de mais consideravel, ficava proxima a Tavira, praça tambem forte e mui defensavel, dos Moiros. D. Paio aceitou, e d'alli com mais fôrça continuou e acabou a conquista. (*Prim. ed.*)

Nota 33.

Abre-te, porta,
Porta de Azoia . . . . . pag. 70.

Célebre porta de Sylves, da qual faz menção o citado D. Nunes no mesmo logar.
(*Prim. ed.*)

Nota 34.

Nunca o rosto volveu á sancta Kaaba.. pag. 71.

A Kaaba é um pequeno edificio quadrado que sempre se conserva coberto de seda preta, e que é uma especie de sancta-sanctorum do templo de Mecca, dentro do qual está collocado. Todo bom Mahometano, em qualquer parte em que esteja, deve volver o rosto á sancta Kaaba, quando reza as suas orações.

AO CANTO QUARTO

Nota 35.

Falso o meu Deus!... E o teu é verdadeiro!... pag. 81.

Note-se que falla um infiel, dirigido pela falsa luz das suppostas verdades naturaes, e sem a guia da revelação. Assim na estancia seguinte, a VI, se diz:

Os theologos sabem mil respostas . . .

(Prim. ed.)

Nota 36.

Flexivel, curta vara tem na destra . . . pag. 86.

A célebre varinha de *condão,* ou *devinatoria,* insignia e instrumento de fadas, incantadores, etc.

(Prim. ed.)

Nota 37.

Sois vós outros,
Portuguezes, imigos do descanço,
E delicias da paz . . . . . pag. 96.

São expressões de um rei, ou régulo da India, em carta ou falla a um de nossos capitães por aquellas partes, nos bons tempos da glória da nossa gente.

(Prim. ed.)

AO CANTO QUINTO

Nota 38.

Embriagando-se em sangue de parentes,
De amigos . . . . . pag. 103.

Allusão aos vampyros.

Superstição muito geral no Oriente, que veiu a prevalecer depois para o septentrião da Europa. O nome de *Vampyro* é hoje célebre pela historia de Lord Byron, ou de quemquer que é seu auctor.

(Prim. ed.)

Nota 39.

Como a espada de fogo que fulmina
Nas mãos do guardador do Eden defeso.. pag. 105.

Os Mahometanos citam, e dão crédito a grande parte dos livros do Testamento-Velho, e fallam de Moisés, Abraham, etc. com a mesma veneração que Judeus e Christãos.

(Prim. ed.)

Nota 40.

O burel do santão . . . . . pag. 112.

Nome que dão os Musulmanos a certos loucos ou fanaticos que por devoção se dilaceram. Catam-lhes grande respeito; e não é de admirar que um Mahometano como Aben-Afan confundisse os seus miseraveis *santões* com os nossos santos ermitães. *(Prim. ed.)*

Nota 41.

Christo e Mahomet foram prophetas;
Mas Deus é o mesmo Deus . . . . . pag. 113.

É discorrer d'um Mahometano.

Tal é a impia fé e misero credo dos Mahometanos. Dizem elles em sua cegueira que, não sendo completa a missão de J. Ch. porque o mundo, que Deus lhe mandou reformar, ficára peior do que estava, mandára Deus a Mahomet, que emfim acabára a obra começada por J. Ch. *(Prim. ed.)*

Nota 42.

O propheta, se a víra n'esse instante,
Emendára o Koran. . . . . pag. 116.

Todos sabem que Mafoma no seu Koran, ou Alkoran negou a entrada do paraizo ás mulheres, e apenas concede por especial mercê ás mais virtuosas, obedientes e amantes dos maridos, que de longe estejam vendo a glória de seus antigos esposos.

(Prim. ed.)

AO CANTO SEXTO

Nota 43.

Como a tôrre dos clerigos. . . . . pag. 126.

Tôrre formosissima no Porto.

Nota 44.

Saltando como estrêllas namoradas . . . pag. 130.

Allusão ás harmonias das espheras de Pythagoras, cuja antipathia ás favas é bem conhecida. *(Prim. ed.)*

Nota 45.

Dar-me-hão as mamans a ler ás filhas . pag. 132.

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Nota 46.

Se profanête . . . . . pag. 135.

Diminutivo necessario.

AO CANTO OITAVO

Nota 47.

Se o víra alguem, forte milagre fôra . . pag. 165.

A Egreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com ésta: mas não se segue d'ahi que não haja n'esse ponto muita superstição entre o vulgo, e sôbre tudo n'aquelles seculos ignorantes. Além de quê, a bem intendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Egreja antes de prestarmos fé; pois em verdade muitos falsos milagres téem havido, que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gôsto e triumpho a hereges e inimigos de nossa religião. *(Prim. ed.)*

AO CANTO NONO

Nota 48.

Lagryma a lagryma
Estás sentindo as da infeliz Mathilde . . . pag. 174.

A condessa Mathilde de Bolonha, primeira mulher de Affonso III, que elle tão ingrata e cruelmente repudiára depois que se viu rei.

Nota 49.

Que em Toledo a outro rei . . . . . pag. 174.

D. Sancho II que ahi morreu, e ahi foi sepultado a expensas e por caridade d'elrei de Castella.

Nota 50.

Quando o ramo de peste em talha de ouro.. pag. 177.

Allusões a várias crenças populares sôbre a noite e madrugada de San' João.

Nota 51.

Meu íncubo podêr . . . . . pag. 188.

Veja a respeito de *incubos* e *sucubos*, S. Clemente Alexandrino, Tertuliano e Lactancio, padres da Egreja que todos acreditaram n'este podêr dos demonios. Veja tambem as notas do P. Pereira ao VI. cap. do Genesis, e á I. epistola, XI. 10, Cor. de S. Paulo: dois logares da Biblia, que deram origem, por mal intendidos, áquella imaginação pouco decente. (*Prim. ed.*)

Nota 52.

Cevado de pilau e de badana . . . . . pag. 189.

O pilau, especie de papas de arroz cozido, com carneiro quasi sempre, é a usual e favorita comida dos Turcos e Orientaes quasi todos. Badana é a mais vil carne de açougue que ha: ovelha, que, por inutil para mais nada, se mandou ao matadoiro.

AO CANTO DÉCIMO

Nota 53.

. . . . . ahi por essas eras
Os seus mortos os Moiros sepultavam. . pag. 208.

Os Mahometanos fazem sempre seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles apraziveis e amenos, senão alegres sitios. Veja-se Volney, viag. ao Egyp. — Chateaubriand, itinerario, etc. *(Prim. ed.)*

Nota 54.

Tira da manga mão de infante, morto. . pag. 209.

Toda ésta estancia é compilada das crenças vulgares e supersticiosas do nosso povo. Todavia é isto commum em toda a parte, e não é só a nossa gente a *que crê em bruxas.* Veja-se *Dictionnaire infernal* etc.

(Prim. ed.)

INDICE

Prologo	V
D. Branca, Canto Primeiro	1
Canto Segundo	25
Canto Terceiro	53
Canto Quarto	77
Canto Quinto	101
Canto Sexto	117
Canto Septimo	131
Canto Oitavo	157
Canto Nono	173
Canto Décimo	193
Notas ao Canto I	225
ao Canto II	241
ao Canto III	245
ao Canto IV	258
ao Canto V	260
ao Canto VI	263
ao Canto VIII	264
ao Canto IX	265
ao Canto X	268

Howell

Jones

MAY 20 1915

LIBRARY OF CONGRESS
00019185606